



NATÁLIA LUÍSA FERRARI

A RELEVÂNCIA REFERENCIAL DA DÊIXIS DISCURSIVA
NA INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO
AFÁSICOS: INTERSUBJETIVIDADE E REMISSÃO
ANAFÓRICA

CAMPINAS,
2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

NATÁLIA LUÍSA FERRARI

**A RELEVÂNCIA REFERENCIAL DA DÊIXIS DISCURSIVA NA
INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS AFÁSICOS E NÃO AFÁSICOS:
INTERSUBJETIVIDADE E REMISSÃO ANAFÓRICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em Linguística

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Edwiges Maria Morato

**CAMPINAS,
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crislene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

F412r Ferrari, Natália Luísa, 1988-
A relevância referencial da dêixis discursiva na interação entre sujeitos afásicos e não afásicos : intersubjetividade e remissão anafórica / Natália Luísa Ferrari. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Edwiges Maria Morato.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática comparada e geral - Deixis. 2. Referenciação (Linguística). 3. Afasia. I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Referential relevance of discourse deixis in interactions among aphasics and non-aphasics : intersubjectivity and anaphoric remission

Palavras-chave em inglês:

Grammar, Comparative and general - Deixis

Referentiation (Linguistics)

Aphasia

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Renato Cabral Rezende

Patrik Aparecido Vezali

Data de defesa: 25-04-2014

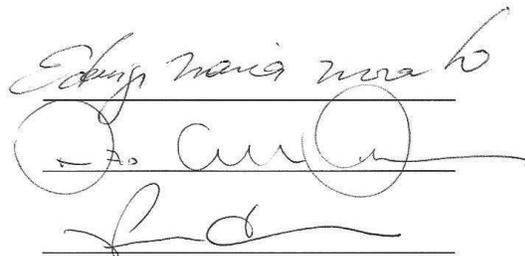
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

Renato Cabral Rezende

Patrik Aparecido Vezali



Edwiges Maria Morato
Renato Cabral Rezende
Patrik Aparecido Vezali

Anna Christina Bentes da Silva

Mercedes Fátima de Canha Crescitelli

IEL/UNICAMP
2014

ABSTRACT

The present study aims to characterize the referential process of Discourse Deixis (DD), which creates a common attention focus through anaphoric remission to contextual contents (Marcuschi, 1997; Cavalcante, 2003), in interactions between aphasics (brain damaged individuals with language difficulties) and non-aphasics that participate in the weekly meetings of the Aphasics Community Center (ACC).

Our interest in that interactive context is due to the Linguistic Aphasiology's approach to the deictic and anaphoric processes in aphasic speech: the productivity of the former is considered a merely compensatory strategy for the aphasic lexical access deficit (Lehrer, 1974 *apud* Varley, 1993; Crystal, 1984; Goodglass, 1993), whereas the latter, due to the idea of correferentiality restrict to the coindexation of a certain item to its explicit antecedent, is taken as a cognitive operation disturbed by the brain injury (Caplan e Rigalleau, 2004; Edwards e Varlokosta, 2007).

Adopting the Sociocognitive Textual Linguistics conception of referential processes (Marcuschi, 2001; Koch, 2002; Mondada e Dubois 2003 [1995]), our main goals were: i) to analyze the deictic and anaphoric functions which characterize DD and ii) qualify the usage of that referential process in talk-in-interaction considering its characteristics in the chosen context.

In order to achieve those goals, we constituted a *corpus* composed by 10 aphasic and non-aphasic interaction episodes, by the observation of the audiovisual records of 22 CCA meetings, selection and transcription of conversational excerpts, based on the notation system proposed by Morato et al (2011) which highlights the multimodality which characterizes talk-in-interaction. That allowed us to observe how verbal and nonverbal resources took part of referential construction.

We could observe the emergence of DD by demonstrative deictics in substantive function, especially in aphasic speech, whereas in non-aphasic speech there was also the presence of conceptual names in the deictic referential expression. In this process there were also nonverbal indexical resources such as pointing and body and eye directing, as Vezali (2011) had already observed, which lack of descriptive information didn't take the referential function away but qualified its complexity instead, since DD is responsible for

highlighting relevant elements of the *setting* (Hanks 2008). Furthermore, by contributing to the discourse focus construction, DD acts in the argumentative and discourse topic construction of the conversational text.

Keywords: Deixis, Referentiation, Aphasia.

RESUMO

Este trabalho busca caracterizar o funcionamento da dêixis discursiva (DD), criadora de um foco de atenção comum pela remissão anafórica a conteúdos contextuais (Marcuschi, 1997; Cavalcante, 2003), em interações entre sujeitos afásicos (sujeitos com alterações de linguagem decorrentes de episódios neurológicos) e não afásicos participantes do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da UNICAMP.

Nosso interesse nesse contexto interativo deve-se à abordagem do processo dêitico e do anafórico feita pela Afasiologia Linguística: a produtividade do primeiro é considerada uma estratégia meramente compensatória para o déficit de seleção lexical dos sujeitos afásicos (Lehrer, 1974 *apud* Varley, 1993; Crystal, 1984; Goodglass, 1993), ao passo que o segundo, associado à ideia de continuidade referencial restrita à coindexação um termo ao seu antecedente explícito, é tomado como uma operação cognitiva perturbada em decorrência da lesão cerebral (Caplan e Rigalleau, 2004; Edwards e Varlokosta, 2007).

Concebendo os processos referenciais tal como o fazem os estudos textuais-interativos de orientação sociocognitivista (Marcuschi, 2001; Koch, 2002; Mondada e Dubois 2003 [1995]), tivemos por objetivo: i) analisar a função dêitica e a anafórica da DD, atentando para as semelhanças e diferenças entre sujeitos afásicos e não afásicos, e ii) qualificar o funcionamento desse processo referencial no contexto de fala em interação escolhido a partir de seus aspectos característicos observados.

Para cumprir tais objetivos, constituímos um corpus de 10 episódios conversacionais dos quais participam afásicos e não afásicos, pela observação de registros audiovisuais de 22 encontros do grupo e da seleção e transcrição de fragmentos conversacionais, baseada no sistema de notação proposto por Morato et al (2011). Esse sistema, que destaca a multimodalidade característica da fala em interação, nos permitiu observar a atuação de recursos verbais e não verbais na construção referencial.

Observamos a ampla emergência da DD por dêiticos demonstrativos em função substantiva, especialmente na fala dos sujeitos afásicos, ao passo que na dos não afásicos, houve a presença de nomes conceituais na expressão referencial dêitica. Nesse processo, também compareceram recursos indiciais não verbais, tais como o gesto de apontar e o direcionamento corporal e do olhar, conforme já observara Vezali (2011), cuja carência

descritiva não lhes retira a função de referir, mas qualifica a complexidade da referenciação da DD, responsável por chamar a atenção para elementos relevantes do cenário (Hanks, 2008). Além disso, ao contribuir para a construção do foco discursivo, a DD atua na construção argumentativa e tópica do texto conversacional.

Palavras-chave: Dêixis, Referenciação, Afasia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. A dêixis nos estudos linguísticos	9
2. Da dêixis discursiva nos estudos textuais interativos de base sociocognitiva	19
2.1. A proposta sociocognitivista	19
2.2. Referenciação: estratégias e processos de construção referencial.....	22
2.3. Dêixis discursiva: intersubjetividade dêitica e remissão anafórica.....	26
3. Dos processos referenciais nos estudos afasiológicos	41
3.1. Breve panorama da Afasiologia.....	41
3.2. Abordagens psicolinguísticas	44
3.3. Abordagens conversacionais/interacionais.....	54
4. Metodologia	61
4.1. O Centro de Convivência de Afásicos: espaço de interação e produção de dados.....	61
4.2. Aspectos teórico-metodológicos da constituição do <i>corpus</i>	63
5. Análise de dados	65
5.1. Exploração do <i>corpus</i>	65
5.2. Discussão dos dados.....	94
6. Considerações finais	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107
ANEXOS.....	113

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho:

À Edwiges Morato, pela orientação tão generosa, atenta e paciente, bem como pelo que aprendi convivendo com ela: a certeza de que a disciplina liberta e o empenho em tentar compreender no lugar de julgar.

Aos Profs Drs Patrik Vezali e Renato Rezende, membros da banca do Exame de Qualificação e da Banca de Defesa desta dissertação, pela leitura atenta e detalhada do meu trabalho e pelas recomendações e apontamentos que tanto contribuíram para a sua conclusão. Às Profas Dras Anna Christina Bentes e Mercedes Crescitelli, por terem aceitado participar como suplentes da Banca; em especial, à Anna, por tudo que me ensinou em suas aulas da Graduação e da Pós – e também fora delas.

Aos integrantes do CCA, sujeitos desta pesquisa, pelas interações que permitem compreender melhor o que estudo, bem como pelo compartilhamento de experiências que, com certeza, ajudam a enfrentar com mais criatividade e sabedoria os problemas cotidianos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida para o financiamento desta pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, por toda a ajuda e os serviços prestados.

À minha família: especialmente, à minha mãe Adriana, pela companhia e pelo carinho constantes; pai Luís Claudio, pela preocupação mesmo à distância; tia Ju, por me apoiar sempre; tio Luis, tia Marlene, Ana Paula e Ana Helena, por tudo que me ensinaram.

Aos amigos: Junot e Tainá, meus queridos, sempre presentes; Nath, Marcel, Rafahel, Ju Calligaris e Janaina, amigos e companheiros de jornada acadêmica.

*isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além*

(Paulo Leminski)

INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA TEÓRICO

Esta dissertação tem como objetivo realizar uma abordagem qualitativa do processo referencial da dêixis discursiva (doravante DD) na fala em interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, levando em conta os pressupostos teóricos da Linguística Textual de orientação sociocognitiva (Marcuschi, 2001; Koch, 2002; Mondada e Dubois, 2003). Por meio da análise de um *corpus* de 10 episódios interacionais, pretendemos, com o estudo da DD, contribuir para a compreensão das semelhanças e diferenças entre os sujeitos afásicos e não afásicos no tocante à atividade referencial.

Em nossa pesquisa de Iniciação Científica¹, investigamos a função referencial de elementos dêiticos de noção espacial na fala em interação entre sujeitos afásicos e não afásicos frequentadores do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), situado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. No estudo em questão, pudemos observar que os dêiticos promoviam o apontamento para três espaços distintos: i) o espaço físico da conversação, funcionando como um locativo, ii) o espaço do texto, referindo-se a conteúdos e proposições e iii) um espaço metaforizado, o qual conferia aos dêiticos o caráter de uma expressão vaga. Frente a isso, adotamos a proposta classificatória de Fragoso (2003), autora cujo trabalho também aborda a dêixis no discurso oral, que nos permitiu categorizar as ocorrências que encontramos, respectivamente, em i) prototípicas, ii) discursivas e iii) metafóricas.

Além da multifuncionalidade dos dêiticos analisados – que deixa entrever o caráter intersubjetivo e perspectivo dos símbolos linguísticos² - chamou-nos a atenção a produtividade dos dêiticos do segundo tipo, os discursivos, tanto na fala de sujeitos afásicos, quanto na de não afásicos. A característica de tais elementos de, a um só tempo, reativar informações co(n)textuais do modelo textual e chamar a atenção dos interactantes para tais informações nos fez almejar um aprofundamento maior acerca do processo

¹ Pesquisa de Iniciação Científica intitulada “As funções referenciais do dêitico espacial”, sob a orientação da Profa Dra Edwiges Maria Morato, entre agosto de 2010 e fevereiro de 2012. Essa pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq Processo nº 111049/2012-5).

² Tomasello (2003 [1999], p.298) define a intersubjetividade e a perspectivização, respectivamente como o caráter compartilhado dos símbolos linguísticos, que permite inferências a partir de uma matriz pragmática, e a possibilidade de tomar um mesmo evento sob diferentes perspectivas, de acordo com os propósitos comunicativos.

referencial em questão. Por razões que explicitaremos a seguir, o enlace de intersubjetividade dêitica e remissão anafórica característicos da DD a torna um *locus* de investigação instigante no que diz respeito à atividade referencial não apenas na fala de afásicos, mas, também, na de não afásicos.

No interior da perspectiva sociocognitiva de base textual-interativa, voltada para “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (Marcuschi, 2008, p. 73), autores como Marcuschi (1997), Cavalcante (2000a, 2000b, 2003, 2011) e Ciulla (2008) têm se dedicado à abordagem da DD.

Marcuschi (1997, p. 158) destaca a dimensão intersubjetiva do processo em questão, salientando a função de monitoração cognitiva, promovida pelo elemento indicial, que permite “criar uma perspectiva comum e preferencial de observação discursiva”. Cavalcante (2000a, 2000b, 2003, 2011) e Ciulla (2008) destacam a função referencial da DD, propondo a sua inserção no grupo dos encapsulamentos anafóricos, uma vez que, situada entre a continuidade e a introdução referencial, faz referência a informações co(n)textuais por meio da introdução de uma expressão referencial com dêitico.

É precisamente por esse papel híbrido que a DD desempenha, que ela representa um instigante *locus* para a investigação de processos referenciais, especialmente no contexto das afasias.

As afasias são caracterizadas como alterações de linguagem oral e/ou escrita, em decorrência de lesões cerebrais causadas por episódios neurológicos, tais como acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismos cranioencefálicos e tumores. Após adquirir a lesão, o indivíduo afásico passa a conviver com diversas dificuldades de produção e interpretação da linguagem: dificuldades de acesso lexical, de ordenação sintática dos enunciados, de articulação e produção de sons (fonemas) e de fatores pragmático-discursivos (cf. Morato, 2010, p. 12-13).

Esse conjunto de alterações que podem estar presentes nas afasias revelaria a dificuldade do afásico em aceitar o símbolo linguístico como um interpretante do real, ou ainda, em um sentido mais amplo, o elo entre as representações criadas pela linguagem e as representações dos estados de coisas do mundo, organizadas em *frames*, *scripts*, modelos de contexto *etc.* Por essa razão, Morato (2001, p. 60) pontua que:

Por afetarem a polissemia existente entre a língua (isto é, o sistema linguístico) e a exterioridade pragmático-discursiva, duas zonas de conhecimento que se constituem mutuamente, as patologias tradicionalmente têm sido consideradas por distintas perspectivas teóricas um lugar interessante para o estudo das atividades inferenciais e referenciais dos falantes.

Na abordagem dos processos referenciais, a Afasiologia linguística, herdeira das dicotomias estruturalistas desde a sua efetivação na década de 1960, elegeu como objeto de análise os fatores internos relativos à linguagem, voltando-se aos aspectos do que seria uma competência mental e individual, definida em termos do conhecimento de processos gramaticais com os quais descrevemos os estados de coisa no mundo. Por esse viés mentalista, a atividade referencial é entendida como a localização adequada do referente via categorias estampadas na mente dos sujeitos e, no caso de uma lesão cerebral como a que possuem os sujeitos afásicos, dar-se-ia a deterioração da linguagem e da possibilidade de referir aos objetos do mundo.

No interior desses estudos, a carência descritiva dos dêiticos faz com que o seu uso seja tomado como uma forma “menor” de produção referencial dos sujeitos afásicos frente à sua dificuldade de evocação lexical. A explicação mais corrente para o papel da dêixis na fala desses sujeitos é que, em virtude da sua dificuldade de acesso lexical, eles optam pela neutralidade dos indiciais, demandando um custo menor de processamento. (Lehrer, 1974 *apud* Varley, 1993; Goodglass, 1993; Varley, 1993). Desse modo, a produtividade dêitica é tomada como meramente excrescente, por consistir em uma estratégia compensatória da fala afásica.

Considerando o viés fortemente referencialista que sustenta boa parte dos estudos afasiológicos, a anáfora, por seu turno, é tomada como operação mental de coindexação que permite a identificação do referente de um pronome. A orientação mentalista de tais estudos pressupõe que o afásico, pelas dificuldades linguísticas decorrentes da lesão cerebral que possui, não tem mais a sua disposição esse tipo de conhecimento gramatical, o que tornaria o seu discurso preñado de ambiguidade referencial. (Caplan e Rigalleau, 2004; Edwards e Varkolosta 2007).

Isto posto, consideramos que a DD, pelo enlace de deiticidade e de anaforicidade que a caracteriza, mostra-se um lugar interessante para a investigação da referencialidade no contexto da afasia.

Em primeiro lugar, a propalada ambiguidade referencial característica da fala dos afásicos, em muito fomentada pela própria concepção de anáfora em termos de uma definição restrita de correferencialidade, a princípio, se mostraria incompatível com a elevação de conteúdos contextuais à categoria de referente.

Em segundo lugar, consideramos que o estudo da DD permite que revisemos o caráter excrescente e o papel estritamente compensatório atribuído à presença de elementos indiciais na fala de afásicos. Isso porque podemos investigar, tanto na fala de afásicos como na de não afásicos, a atuação do apontar dêitico que, a despeito de sua carência descritiva, licencia a função apontada por Marcuschi (1997) de criar uma perspectiva comum aos interactantes no texto conversacional.

Para contemplar o movimento teórico necessário a uma rediscussão sobre o processo referencial dêitico e o anafórico da DD no contexto das afasias, bem como à dissolução da rígida dicotomia estabelecida entre o estatuto normal e o patológico da linguagem, voltamo-nos ao seu funcionamento em contextos interacionais/conversacionais. Essa escolha vem na esteira de outros estudos afasiológicos influenciados por correntes teóricas mais sociocognitivamente orientadas, tais como a Linguística Textual, a Análise da Conversação, a Análise do Discurso, entre outras.

Adotando prioritariamente o referencial teórico da Linguística Textual, tomamos a explicação de base textual-interativa para a construção da referência linguística, que destaca a ação conjunta levada a cabo pelos falantes para a construção do sentido, pois, conforme afirma Marcuschi (2001, p. 42), “quando dizemos que a linguagem é uma atividade colaborativa, isto certamente envolve a questão referencial”.

Pensamos que o movimento de tomar a interação, não apenas como o *locus*, mas como a explicação para a estrutura e o funcionamento da linguagem é particularmente importante em um estudo acerca da referencialidade no contexto das patologias linguísticas. Tal movimento nos permite rediscutir noções fundamentais no campo de estudos que a elas se dedicam como a competência e a fluência linguística, bem como a própria qualidade do

estatuto compensatório atribuído a fenômenos linguístico-interacionais presentes na fala em interação no contexto das afasias.

Isto posto, cumpre apontarmos ainda que o presente estudo não parte do pressuposto da existência de uma rígida ruptura entre a linguagem em seu estado normal e no patológico, tal como tradicionalmente é feito no campo da Afasiologia Linguística. Como aponta Morato (2009), sendo o *pathos* um elemento constitutivo da própria condição humana de ser passível de alterações, este não pode ser radicalmente separado doo *pathos* tal como se apresenta nas afasias, principalmente se pensarmos em aspectos constitutivos da língua em situações concretas de uso da modalidade falada: as reformulações, a dificuldade de acesso lexical, as repetições, as hesitações, entre outros. Assim, concordamos com a autora quando propõe o deslocamento da ideia de uma comunicação perfeita, aquela que se tem especialmente quando consideramos a linguagem uma faculdade mental inata, para uma comunicação possível, que se molda no interior das práticas sociocognitivas.

Buscando contemplar a dimensão sociointerativa da construção referencial, o contexto interativo por nós escolhido é o das reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), situado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que buscam evocar “rotinas significativas da vida em sociedade” e explorar os aspectos constitutivos da linguagem (Morato *et al*, 2002, p.52). Pensamos que essas interações que ocorrem no interior do CCA possibilitam a observação de semelhanças e diferenças entre afásicos e não afásicos no que diz respeito à atividade referencial.

Considerando o exposto acima, aventamos a hipótese de que, a despeito da dificuldade de evocação lexical característica da afasia enquanto estado patológico da linguagem, os elementos dêiticos atuam na linguagem de sujeitos afásicos de modo a contribuir significativamente para a construção referencial, especialmente por meio do processo da DD.

Sendo nosso intuito o de observar as semelhanças e diferenças entre afásicos e não afásicos no que tange à construção intersubjetiva da referência, consideramos de grande importância abordar o processo referencial em questão não apenas na fala de sujeitos afásicos, mas também na de seus interlocutores não afásicos, pesquisadores que frequentam

o CCA. A observação do modo como a DD se apresenta na fala de sujeitos não afásicos permite que atentemos para o que difere ou aproxima o estatuto normal da linguagem do patológico, para os quais consideramos importante a existência de uma distinção, mas não de uma dicotomia na qual um se defina pela negativa do outro.

Apresentamos, agora, para finalizar a introdução, os assuntos abordados nos capítulos que compõem a presente dissertação.

O 1º capítulo é dedicado à abordagem da dêixis por diferentes perspectivas dos estudos linguísticos, tais como a Semântica, a Pragmática, a Enunciação, entre outras. Focalizaremos, ao final desse capítulo, o tratamento que vem sendo reservado à relação da dêixis com o processo referencial anafórico.

O 2º capítulo é dedicado à abordagem sociocognitiva de base textual-interativa que nos orienta na presente dissertação. Nesse capítulo, colocaremos em cena pressupostos teóricos da proposta sociocognitiva, a fim de evidenciar a sua influência sobre os estudos textuais-interativos, mais notadamente no que diz respeito à questão da referência linguística, cuja abordagem se amplia para a atividade discursiva dos falantes que promove a construção conjunta do referente, processo denominado “referenciação” (Mondada e Dubois, 2003 [1995]; Marcuschi, 2001; Koch, 2002). Em seguida, serão abordados os processos e estratégias de construção referencial, levados a cabo pelos interactantes na elaboração do que Mondada e Dubois (2003 [1995]) denominam “objetos de discurso”, para, posteriormente, nos dedicarmos ao detalhamento do processo referencial que aqui investigamos: a DD. No tratamento a ela reservado, buscaremos destacar o hibridismo que caracteriza este processo, pela criação de um novo foco de atenção por meio de dêiticos, simultânea à focalização de informações anteriormente introduzidas no modelo textual.

O 3º capítulo está reservado à abordagem dos estudos afasiológicos linguísticos, respectivamente, de base cognitivista e de base interacional/conversacional, acerca dos processos referenciais na presença da afasia. Neste percurso, destacaremos a influência das dicotomias herdadas do paradigma estruturalista e da concepção estritamente biológica da linguagem nos estudos de base cognitivista, que os conduz à compreensão da referência linguística, enquanto identificação do referente por meio de categorias mentalmente armazenadas. Em seguida, trataremos à baila estudos afasiológicos que, mais sociocognitivamente orientados, se voltam para a produção discursiva dos falantes afásicos.

Neste contexto, como veremos, abre-se espaço para a abordagem da referência linguística na interação dos falantes, transferindo a sua unidade de análise da compreensão que fazem os afásicos de sentenças-teste, para o texto conversacional que eles produzem na relação com seus interlocutores.

O 4º capítulo aborda os aspectos metodológicos desta pesquisa. Nele, são explicitados os materiais e métodos utilizados para constituição e análise de nosso *corpus*. Além disso, no referido capítulo, caracterizaremos o Centro de Convivência, “um espaço de interação entre afásicos e não afásicos” (Morato *et al*, 2002, p.52), de modo a apresentar as atividades realizadas, bem como o enquadre interativo chamado “Programa de Linguagem” e o “Pausa para o café”, dos quais foram extraídos os dados que analisamos.

No 5º capítulo, são apresentados e analisados os dados desta pesquisa à luz da discussão e dos critérios de análise apresentados nos capítulos anteriores, de modo a salientar a participação da DD na construção intersubjetiva da referência linguística, bem como as semelhanças e diferenças de seu uso por parte dos falantes afásicos e não afásicos.

O 6º capítulo tece considerações finais acerca das questões levantadas e apresenta as conclusões deste trabalho.

1. A DÊIXIS NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Abordada por diferentes áreas do conhecimento como a Filosofia, a Lógica e a Linguística, a dêixis – do grego “apontar”, “mostrar”, ou “indicar” – faz referência às pessoas, ao espaço e ao tempo da produção discursiva. Na presente seção, pretendemos abordar estudos linguísticos acerca desse fenômeno e de sua relação com o processo referencial anafórico.

No âmbito da Filosofia da Linguagem, Bertrand Russell (2009 [1948], p. 86) já fazia menção ao caráter egocêntrico dos dêiticos, por ele denominados *egocentric particulars* (“partículas egocêntricas”). Pelo fato de o sentido dos dêiticos variar a depender de quem os utiliza e a sua posição no tempo e no espaço, o autor assinala que se torna necessária a distinção entre as diferentes situações de uso, dado que esses símbolos indicam algo que tem relação com um dado uso particular. Em contrapartida à forte dependência contextual dos dêiticos, Russell considera que outros elementos linguísticos que não apresentam esse caráter egocêntrico gozam de maior estabilidade de sentido – é o caso dos chamados “nomes conceituais”.

No uso da dêixis, os falantes consideram as coordenadas da tríade “*eu-aqui-agora*”, para o estabelecimento das relações de pessoa, espaço e tempo. Em Frege já observamos a atenção à necessidade de escolha dos elementos dêiticos de acordo com essas coordenadas:

Se alguém quer dizer hoje o mesmo que disse ontem usando a palavra ‘hoje’, ele deve substituir esta palavra por ‘ontem’. Ainda que a ideia seja a mesma, a sua expressão verbal deve ser diferente, para que aquele sentido, que poderia ser afetado por tempos sentenciais distintos, seja reajustado. O mesmo ocorre com palavras como ‘aqui’ e ‘lá’. (Frege [1892] 1967:24 *apud* Levinson, 2008, s/p).

Por um viés fenomenológico, Bühler (1982 [1934], p. 105) atenta para o caráter ao mesmo tempo simbólico e sinalizador dos dêiticos. Como exemplifica este autor, o dêitico “ali” pode nomear a localização geográfica de uma área próxima ao enunciador, onde podemos encontrar o que está sendo apontado. O autor, contudo, assim como Russell, faz a distinção entre as expressões dêiticas e os nomes conceituais, na medida em que o sentido dos elementos indiciais é contextualmente definido no uso no campo dêitico.

Assim, atentando para o caráter psicológico da dêixis, Bühler (1982 [1934]) ainda pontua que o campo dêitico, de caráter mostrativo, tem seu ponto zero (“origo”) definido a partir da pessoa que fala, do tempo e do espaço de sua enunciação.

Jakobson (1974) também destaca a função contextualizadora dos dêiticos – por ele denominados “embreantes” – considerando-os como símbolos-índice: associam-se a um objeto por seu caráter convencional (referir-se a quem fala ou a quem se destina a mensagem, por exemplo), mas tem sua significação definida pela sua relação existencial com os objetos para os quais apontam e representam.

Partindo de uma perspectiva antropológica, Hanks (1996, 2005, 2008), por seu turno, propõe que o campo dêitico, anteriormente postulado por Bühler, seja pensado não apenas no plano psicológico/individual, mas também em termos de sua relação com o mundo social.

Para Hanks (2008, p. 209), o campo dêitico é estruturado pelas:

(1) posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam (isto é, quem ocupa as posições de Falante, Destinatário e outras, tal como definido pela língua e pelas práticas comunicativas de seus falantes), (2) posições ocupadas pelos objetos de referência, (3) múltiplas dimensões por meio das quais os agentes têm acesso as posições.

Conforme nos explica o autor, o campo dêitico possui semelhanças tanto com a situação social de Goffman (2002), quanto com o campo demonstrativo de Bühler (2011 [1934]). O primeiro trata-se do ambiente que emerge da copresença de dois ou mais indivíduos, que “proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante” (Goffman, 2002, p. 17). O segundo, de caráter mostrativo, definido como o “eu-aqui- agora”, agrega a dimensão simbólica e indicial dos enunciados que permitem refletir ou transformar o contexto em construção, uma vez que “orientam a atenção dos participantes, tematizam objetos de referência, formulam, invocam e constroem o cenário, atuam sobre os sistemas de relevância”, produzindo contexto (Hanks, 2008, p. 182). Apresentando

semelhanças com ambos esses construtos, o campo dêitico permite organizar, por sua dimensão simbólica, a copresença dos interactantes, de modo a possibilitar o acesso às posições nele ocupadas, bem como orientar a atenção de seus ocupantes para o objeto de referência em questão (ibid., p 211).

Ainda que o campo dêitico *per se* seja operatório em todas as instituições sociais e não acarrete necessariamente a incorporação a um campo social, que lhe fornece motivações específicas, Hanks (ibid.) considera a incorporação do campo dêitico ao campo social, que permite remodelar o seu sentido e sua força indicial.

Com base em seu trabalho sobre a presença desses elementos na língua Maia, Hanks (1996, p. 181) destaca algumas das propriedades semióticas da dêixis, as quais elencamos a seguir: i) facticidade, pelo estabelecimento e manutenção do contato entre os interlocutores, ii) expressividade, pelo foco na atitude do falante com relação à situação interativa em andamento, iii) referencialidade, pela individuação e, por vezes, descrição dos objetos de referência, iv) diretividade, pela força imperativa de direcionar a atenção do interlocutor para o referente, e v) demonstratividade, pela função de apresentar o referente ao interlocutor.

No terreno dos estudos enunciativos, Émile Benveniste (2005 [1966]) destaca o papel que a categoriadêitica de pessoa, especialmente os pronomes pessoais “eu” e “tu”, reserva ao exercício da subjetividade pela linguagem. Atentando para o caráter dialógico da linguagem, o autor pontua que a consciência de si pelo sujeito somente é estabelecida na presença do outro, sendo que o “eu” é instaurado na presença de um “tu”. Quanto à terceira pessoa, Benveniste (2005 [1966]) considera que, ainda que esta seja uma entidade referida pelas pessoas do discurso, trata-se de uma “não pessoa” por não fazer parte do par dialógico da enunciação.

Quanto aos outros elementos dêiticos, Benveniste (ibid, p. 288) pontua que as classes de pronomes, advérbios e adjetivos que dão conta das relações de tempo e espaço “têm em comum o fato de se definirem somente com relação à instância do discurso no qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que aí se enuncia”. O autor ainda salienta que os elementos dêiticos são distintos de outros elementos da língua pelo fato de não remeterem a um conceito ou a um indivíduo fora da situação de enunciação:

Não há conceito ‘eu’ englobando todos os *eu* que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de *árvore*. O “eu” não denomina, pois, nenhuma entidade lexical.

No interior dos estudos de base cognitivista sobre a dêixis, destaca-se o trabalho de Marmaridou (2000, p. 105) que relaciona a relação, fundamentalmente, à experiência corpórea humana e às projeções imagéticas e metafóricas. Apoiando-se no construto do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)³ de Lakoff (1987), a autora considera que “(...) O MCI dêitico envolve o ato linguístico de apontar para uma entidade no espaço”⁴. Assim, esse apontamento do elemento dêitico é responsável pela criação de um espaço constituído por um *origo*, interlocutores e entidades para referência dêitica.

Pelo viés da Pragmática, Stephen Levinson (2007 [1983]) considera que a dêixis “diz respeito aos meios pelos quais a linguagem codifica traços do contexto de produção da sentença (...) e, por isso, também diz respeito aos meios pelos quais a interpretação das sentenças depende da análise do seu contexto”⁵. Acertadamente, o autor afirma que, apesar de sua interpretação estar ancorada no contexto de uso, podemos atribuir um significado convencional aos dêiticos das línguas naturais, entre os quais destaca os demonstrativos e os outros tipos de pronomes, os tempos verbais, e os advérbios de tempo e espaço.

Dessa forma, Levinson (ibid., p. 54) pensa o fenômeno pela relação entre as estruturas linguísticas e seu contexto de uso, razão pela qual o situa entre os domínios da Semântica e da Pragmática, uma vez que “os fatos relacionados à dêixis deveriam servir como uma lembrança constante para o fato de que as línguas naturais são, primeiramente, designadas, por assim dizer, para o uso em interações face a face”.

Com relação ao aspecto do contexto ao qual os elementos dêiticos podem fazer menção, o autor nos fala a respeito de cinco subtipos de dêixis:

A dêixis pessoal codifica o papel dos participantes no acontecimento enunciativo. São considerados dêiticos pessoais, a 1ª pessoa, referente ao papel do falante, a 2ª pessoa,

³Para Lakoff (1987), os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) são esquemas que organizam, estruturam e representam aspectos mais prototípicos de nosso conhecimento. Por serem constituídos pelo que há de mais exemplar sobre uma dada categoria, os MCIs não se confundem com a realidade e motivam assimetrias na produção dos sentidos.

⁴ Tradução nossa para: “(...) the ICM of deixis involves the linguistic act of pointing to an entity in space”

⁵ Tradução nossa para: “concerns the ways in which languages encode features of the context of utterance (...) and thus also concern ways in which the interpretation of utterances depends on the analysis of that context of utterance”.

referente ao papel do destinatário da mensagem e a 3ª pessoa, referente às pessoas ou às entidades de que se fala e que não participam como falante ou destinatário do momento enunciativo. Além desses pronomes pessoais, outras formas pronominais e as concordâncias de predicado também estão associadas à dêixis de pessoa.

Exemplo:

(1) “**Quero (eu)** que **você** venha logo.”

A dêixis de lugar codifica a localização dos participantes e referentes. É o caso dos advérbios de lugar e dos pronomes demonstrativos e circunstanciais, que levam em conta, na maioria das línguas naturais, a oposição proximal/distal em relação ao centro dêítico.

Exemplo:

(2) “Estamos **aqui** reunidos para falar sobre um assunto bastante polêmico.”

A dêixis de tempo codifica pontos e extensões temporais em relação ao tempo da enunciação, sendo os mais representativos da categoria os advérbios de tempo e, principalmente, as desinências de tempos verbais.

Exemplo:

(3) “**Ontem (eu)** fui visitar uma velha amiga.”

A dêixis social revela aspectos das relações sociais entre o falante e os destinatários ou referentes, codificando as distinções sociais quanto aos papéis exercidos pelos falantes.

Exemplo:

(4) “Gostaria de pedir o seguinte favor **aos senhores (...)**”

O último tipo de dêixis, o qual particularmente nos interessa no âmbito do presente estudo, é a dêixis discursiva, a qual, segundo Levinson (1983), refere-se a uma porção ou um aspecto do discurso em andamento e observa as coordenadas de tempo e o espaço no momento de inserção do elemento dêítico. Dessa forma, apontando para o fato de que o discurso ocorre no tempo, o autor pontua que elementos dêíticos que apresentam traços temporais podem estabelecer uma função discursiva, como no seguinte exemplo:

(5) “**Na seção seguinte**, faremos uma breve discussão a respeito das funções do encapsulamento

anafórico.”

Além dos elementos temporais, os dêiticos que apresentam traços espaciais, como os pronomes demonstrativos e circunstanciais, também podem apresentar função discursiva. É o caso dos exemplos abaixo, extraídos de Levinson (1983, p. 85) e Marcuschi (1997, p. 168) respectivamente:

(6) “**That** was the funniest story I’ve ever heard.”

(“**Essa** foi a história mais divertida que eu já ouvi.”)

(7) “**Aí** é onde eu digo (...)”

No exemplo (6), o pronome demonstrativo faz remissão a porções do discurso anteriormente introduzidas. No (7), podemos considerar que o pronome circunstancial “aí”, além de encapsular porções precedentes do texto, atua na progressão do mesmo apontando de forma catafórica para algo que poderá ser instaurado posteriormente. Esse papel endofórico apresentado pela dêixis discursiva nos faz atentar para a semelhança que possui com outro fenômeno referencial: a anáfora.

Dito isso, nosso interesse na presente dissertação voltado para o uso anafórico encapsulador⁶ dos elementos dêiticos nos impõe a função de apontar, ainda que brevemente, a relação entre dêixis e anáfora, tematizada em diferentes momentos dos estudos relativos a ambos os fenômenos. Pensamos que própria consideração dessa relação já traz em si a percepção de sua proximidade.

Destacando a função cognitiva dos dois processos em questão, Ehlich (1982) faz a distinção entre o que denomina “procedimento dêitico” e “procedimento anafórico”, os quais teriam, respectivamente, a função de introduzir um referente e a de manter o foco sobre um referente previamente já introduzido. Na visão desse autor, a dêixis “é o modo linguístico de se focalizar a atenção do ouvinte para um item específico no espaço dêitico” (ibid., p. 325⁷). Em contrapartida, o autor afirma que os anafóricos, pela retomada de um

⁶ A anáfora encapsuladora é um processo referencial que, de acordo com Conte (2003), opera uma “paráfrase resumidora” de uma porção de texto, transformando-a em um novo objeto textual. Segundo a autora, esse tipo de anáfora é responsável não apenas pela reativação das informações presentes no cotexto, mas também por categorizá-las de acordo com a proposta de sentido de seu produtor.

⁷ Tradução nossa para: “deixis is a linguistic means for achieving focusing of the hearer’s attention towards a specific item which is part of the respective deictic space”.

referente previamente instaurado, permitem “manter a atenção do ouvinte sobre um foco previamente estabelecido sobre um item para o qual a sua atenção já esteve voltada anteriormente” (ibid., p. 330⁸). Desse modo, a função de referir, envolve, primeiramente, a realização do procedimento dêitico de introdução referencial, e, posteriormente, a recuperação desse referente por um procedimento anafórico quando necessário.

Uma evidência de que a função anafórica seria posterior à dêitica se faz presente no trabalho de Karmiloff-Smith (1980 *apud* Cornish, 1999). A autora investigou o uso de elementos fóricos por crianças em fase aquisicional em duas faixas etárias: 4 a 6 anos e 6 a 9 anos. A tarefa proposta foi a de relatar uma sequência de 6 eventos envolvendo dois sujeitos. Foi observado que os indivíduos do primeiro grupo utilizavam-se, na maioria das vezes, de pronomes associados ao apontamento para as figuras, não fazendo distinção entre os sujeitos por meio de sintagmas nominais distintos. O segundo grupo, por sua vez, parecia obedecer à estrutura do sujeito temático, introduzindo, primeiramente, um sintagma nominal para cada novo sujeito, seguido de pronomes pessoais, para descrever a realização das ações subsequentes. Esses achados da autora sugerem que o procedimento dêitico de colocar um referente em foco é adquirido anteriormente ao procedimento de manter o foco sobre esse referente.

Nesse sentido, cumpre revisitarmos, neste momento, a classificação das operações no campo dêitico proposta por Bühler (2011 [1934]), para quem a anáfora consiste em uma subcategoria dêitica. Segundo este autor, o campo dêitico, de caráter mostrativo, pode ser de três tipos distintos: situacional, imaginário ou cotextual. O primeiro campo é estabelecido em casos de dêixis “ad óculos” e leva em conta as coordenadas dêiticas do espaço físico da situação de fala. O segundo é estabelecido pelo apontamento da dêixis para um espaço imaginário, dentro do qual os falantes fazem referência a conhecimentos compartilhados em sua memória, fenômeno denominado “deixis am phantasma”. O terceiro, por sua vez, trata-se dos casos de apontamento para um a memória contextual direta, considerando uma espécie de campo situacional no espaço do texto. Este último, o autor denomina “anaphora” que, diferentemente dos dois primeiros, nos termos de Marcuschi

⁸ Tradução nossa para: “anaphora is a linguistic means for having the hearer continue (sustain) a previously established focus towards a specific item on which he had oriented his attention earlier”.

(2007, p. 78), tem a função de “por o indivíduo num ‘andador’ tirando-lhe a liberdade de criar e obrigando-o a circunstanciar-se ao que vinha em andamento”.

Outro aspecto importante com relação ao fenômeno dêitico e ao anafórico é a distinção que se faz entre usos dêiticos e usos anafóricos. Em Halliday e Hasan (1976, p. 31-32), autores segundo os quais a referência é uma relação semântica entre itens lexicais e a coesão reside na continuidade da referencial, temos que, em princípio, o objeto de referência da dêixis encontra-se, exclusivamente, no contexto situacional (exophora), enquanto que a anáfora tem com o objeto de referência o que está no (co)texto (endophora). Os autores destacam, contudo, que ambos os processos exercem a função de instruir o interlocutor a buscar a informação necessária, seja exo ou endoforicamente, para interpretar a sentença (ibid, p. 33). Ou seja: anáfora e dêixis comungam a propriedade da diretividade dos itens que estabelecem a referência linguística.

Dito isso, os autores afirmam ainda que:

um item referencial não é intrinsecamente exofórico ou endofórico; ele é apenas ‘fórico’ – apenas tem a propriedade de referir. Qualquer tipo de referência pode ser de um tipo ou de outro, ou pode até ser, a um só tempo, de ambos os tipos. (ibid, p. 37⁹)

Cumpramos apontarmos que um dos exemplos de elementos referenciais que podem se comportar tanto exo quanto endoforicamente apontados pelo autor é o caso dos demonstrativos de terceira pessoa, itens que, como vimos anteriormente, podem funcionar como dêiticos discursivos quando emprestam a diretividade de seu traço espacial para o apontamento para o discurso.

Para exemplificar brevemente esse tipo de ocorrência, citamos o estudo aquisicional de Silva (2002), que investigou as relações espaciais e a construção dos referentes nas díades entre mãe e bebê. Esse estudo nos mostra a complexidade do fenômeno na fala materna, tomada em alguns estudos como fator facilitador para a compreensão pela criança,

⁹ Tradução nossa para: “A reference item is not of itself exophoric or endophoric; it is just ‘phoric’ – it simply has the property of reference. Any given instance of reference may be either one or other, or it may even be both at once”.

a partir de dois tipos de dêixis observadas: i) a dêixis espacial discursiva e ii) a dêixis espacial anafórica.

O primeiro tipo de dêixis é observado no momento em que a mãe converte uma entidade discursiva à categoria de objeto de discurso, por meio do direcionamento do olhar da criança para a localização do objeto em questão. Sendo assim, esse tipo de dêixis apresenta um caráter intradiádico, ou seja, tem a peculiaridade de funcionar como um verdadeiro monitor cognitivo, responsável por orientar a atenção da díade em questão dentro de um campo de visão compartilhado. O segundo tipo de dêixis, também observado nas interações analisadas pela autora, é responsável pela retomada de elementos previamente introduzidos na fala da mãe. Desse modo, esse segundo tipo de dêixis apresenta um caráter extradiádico, ou seja, apresenta função anafórica, uma vez que aponta para espaços que não são sensorialmente acessíveis pela díade.

No interior da proposta cognitivista, a pesquisa de Fragoso (2003) a respeito do caráter multifuncional do dêitico “aí” nos mostrou diferentes possibilidades de sentido realizadas por esse pronome circunstancial, a depender do contexto no qual se insere. A autora observou usos mais prototípicos do elemento, enquanto locativo no espaço da enunciação e outros menos prototípicos, nos quais o dêitico poderia apresentar uma função discursiva ao referir-se “para frente” ou “para trás” no tempo, ou ainda adquirir um caráter de expressão vaga. Respectivamente, é o caso dos dois exemplos abaixo, extraídos do trabalho da autora:

(8) “... e agredindo o próprio pai e tenta matar o próprio pai e **aí** ele dá uma be / be / beverage pra ele e lá e ele retorna com ele à clausura, à torre , ele desperta sem saber se aquilo que ele viveu foi um sonho né...”

(9) “... Márcio Montarolho, Serginho Trombone, Ricardo Silveira e por aí vai...”

Esses usos menos prototípicos são explicados pela autora em termos das assimetrias que o MCI dêitico de apontar, enquanto o mais representativo de sua categoria, pode motivar. Ou seja: seu sentido é sempre motivado pelo traço de apontar dêitico.

Também no âmbito da proposta cognitivista, o estudo de Scamparini (2006) a respeito dos dêiticos no texto jornalístico salientou as negociações levadas a cabo pelos falantes sobre os diferentes espaços dêiticos ocupados por leitor e escritor. A autora

observou uma mescla do MCI prototípico dêitico e o MCI ativado pelo discurso, através do léxico e de temas específicos. Isso possibilitou diferentes interpretações para um mesmo elemento como o pronome circunstancial “aqui”, ora tomado como o espaço da coluna jornalística escrita, ora como o espaço físico no qual se desenrolava a notícia em questão.

Postas em cena algumas das abordagens da dêixis e de sua relação com a anáfora por diferentes autores no âmbito da Linguística, destacamos a relevância do tratamento da função cognitiva de focalização de atenção do fenômeno feito por Ehlich (1982) e o destaque de seu papel contextualizador, por conferir saliência a determinados aspectos do cenário, apontado por Hanks (2008). As formulações desses autores se farão presentes ao longo de nosso trabalho, que tem como a perspectiva teórico-analítica a Linguística Textual.

Essa vertente, à luz de pressupostos sociocognitivistas, como o da relação de mútua constitutividade entre linguagem e cognição por meio da interação, privilegia o estudo dos processos de produção do sentido textual em contextos de uso efetivo. Conforme afirma Koch (2002, p. 14), são focalizados, por esse viés, “temas como referenciação, inferenciação, acessamento ao conhecimento prévio etc.; e, a partir destas, o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita, bem como o estudo dos gêneros textuais”.

2. DA DÊIXIS DISCURSIVA NOS ESTUDOS TEXTUAIS INTERATIVOS DE BASE SOCIOCOGNITIVA

2.1. A proposta Sociocognitivista

Orientados por uma percepção cartesiana da relação entre o corpo e a mente, o externo e o interno, a linguagem e a cognição, os estudos cognitivistas clássicos dedicaram-se à abordagem da estruturação e da ativação do conhecimento por parte dos sujeitos, enquanto um conjunto de dados que se lhes apresentam e são armazenados em suas mentes. Logo, sob essa perspectiva, as operações linguísticas são equalizadas à manipulação mental de símbolos, de tal modo que a produção e a compreensão da linguagem se dão, respectivamente, por processos de codificação e decodificação.

Isto posto, podemos considerar que o foco do Cognitismo Clássico recaiu no processamento de dados que ocorreria “dentro” da mente dos sujeitos, esta concebida como um banco de dados, pelos modelos computacionais, ou como o sistema nervoso humano, pelos modelos conexionistas. Ficou à margem desses estudos, a dimensão social de constituição da cognição e da linguagem humana, o que os levou a enfrentar a impossibilidade de observarem a relação que se estabelece entre esses domínios. A partir disso, por esse viés mentalista, temos que a cognição:

(...) dar-se-ia em termos puramente intrasubjetivos, isto é, na mente das pessoas, que não teriam como representar, apreender, categorizar ou localizar as coisas do mundo físico a não ser pelo uso do instrumento simbólico (verbal), pré-concebido. (Morato, 2000, p. 153)

É importante salientar que, como nos lembra Miranda (2009), embora alguns estudos de orientação cognitivista – dentre os quais a autora destaca os de Lakoff (1987), Fauconnier (1994, 1997), Sweetser (1990) e Sweetser e Fauconnier (1996) – reconheçam o papel do contexto no processo de produção do sentido, seu foco recai no papel de um “agente essencialmente cognitivo”. Isso porque tais estudos ainda partem de uma concepção de sujeitos e cenas idealizados e acabam por relegar a dimensão social da cognição ao segundo plano.

Contrapondo-se à ideia de que a cognição se encerra em um nível individual, sendo a linguagem a mera representação mental do pensamento, o Sociocognitismo surge – e

figura atualmente – como uma alternativa, ou ainda, como uma ampliação do paradigma cognitivista, uma vez que focaliza a sua contraparte social, tornando-a central para a explicação de como linguagem e cognição se estruturam e se relacionam.

Nessa perspectiva, a interação é elevada, por autores como Lev Vygotsky (2008 [1934]) e Michael Tomasello (2003), a princípio explicativo dos fatos da linguagem e da cognição, focalizando o processo pelo qual os sujeitos constroem, alteram e negociam conjuntamente a realidade, ao invés de considerar que eles apenas computam dados que dela extraem individualmente. Nas palavras de Koch e Cunha Lima (2009, p. 256), para o Sociocognitivismo:

A questão não é perguntar como a interação pode influenciar os processos cognitivos, como se as duas fossem elementos estanques. A pergunta é, ao contrário (entendendo-se a interação como parte essencial da cognição): Como a cognição se constitui na interação?

Citando Clark (1996), as autoras assinalam que a linguagem é concebida como um tipo de ação conjunta, na medida em que os atos de linguagem dos sujeitos se definem na relação com os de seus interlocutores, cujos conhecimentos pressupostos orientam a construção de seu “projeto de dizer”. Assim, sendo as ações verbais ações conjuntas, “usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros.” (Koch e Cunha Lima, 2009, p. 285).

O que leva os sujeitos a partilharem as ações de linguagem é, entre outros fatores, a característica da cognição humana, apontada por Tomasello (2003 [1999]), de reconhecer os seus coespecíficos como seres dotados de vida mental, um ganho filogenético da espécie humana em relação aos outros primatas. É, pois, pelo entendimento que temos do outro enquanto um agente intencional, sobre cujo conhecimento fazemos conjecturas, que buscamos, via ações de linguagem, agir sobre seus estados intencionais e atencionais a fim de criar perspectivas comuns. Por essa razão, afirma Tomasello (2003 [1999]) que a linguagem é intersubjetiva, pois envolve a compartilha social de símbolos linguísticos e de uma “matriz pragmática”, que nos permite a realização de inferências sobre o seu uso, e perspectivizada, uma vez que envolve a percepção de que um mesmo evento pode ser construído sob diferentes perspectivas.

Afirma Miranda (2009) que o estabelecimento de um lugar de observação comum aos interactantes perante a multiplicidade de informações, de semioses que concorrem para uma mesma informação e de enquadres possíveis para um fenômeno ou cena, é o que possibilita as suas ações de linguagem. Para isso, no dizer de Koch & Cunha Lima (2009, p. 284), observa-se “a negociação por parte dos agentes, que precisam estabelecer conjuntamente qual é a ação que está em curso”.

Dito de outro modo, tecendo um paralelo com os apontamentos que Tomasello (2003 [1999]) faz a respeito das propriedades socioculturais de nossa cognição, observa-se o estabelecimento de uma “cena de atenção conjunta”, por meio da orientação da atenção intersubjetiva a uma terceira coisa inserida no conjunto das demais potencialmente focalizáveis. No interior das cenas de atenção conjunta é que, segundo este autor, pode-se estabelecer uma cena referencial pela simbolização da primeira.

Destarte, os sujeitos, guiados por um princípio de relevância, selecionam das múltiplas informações à sua disposição, um foco ou um interesse particular, o que, para Miranda (2009), “implica sensibilidade ao jogo interativo, o realinhar-se dinamicamente a cada novo lance”. No estabelecimento da relevância que orienta essas decisões levadas a cabo pelos sujeitos no interior das cenas interativas, convergem elementos emergentes da dimensão local do evento e os de caráter histórico, cuja estabilidade, cumpre lembrar, é provisória. Com relação à variação com que esses fatores, que revelam um saber socialmente organizado, interatuam nesse processo, Koch e Cunha Lima (2009, p. 284) afirmam que:

(...) os objetivos das ações comunicativas são dinâmicos e variavelmente flexíveis, a depender do tipo de interação. Algumas interações são altamente ritualísticas e previsíveis, como uma cerimônia de casamento ou de posse em cargo público, enquanto outras são abertas e novos objetivos podem ser estabelecidos a cada momento, podendo participantes abandonar a interação ou passar a integrá-la.

Apresentado o pressuposto sociocognitivo do partilhamento das ações de linguagem, voltamo-nos, agora, à explanação de uma característica da construção do significado por meio da linguagem que nos confrontará com a necessária interação dos sujeitos na construção de suas propostas de sentido: a escassez do significante linguístico.

Dizer do significante linguístico que ele é “escasso” é atentar para o fato de que ele não carrega consigo uma pletora dos sentidos possíveis, dado que, a um olhar atento para os meios pelos quais os sujeitos comunicam, os processos de significação, não escapa a sua constante tentativa de “calibrar” o sentido, isto é, de construí-lo conjuntamente.

Conforme assinala Miranda (2009), o significado não é determinado, mas subdeterminado pelo significante, sendo que este se nos apresenta mais como uma instrução no caminho para o sentido do que como o sentido propriamente dito. Em consequência da escassez do significante, o sentido passa a ser visto não como “uma propriedade intrínseca da linguagem, mas o resultado de uma atividade conjunta que pressupõe cooperação, consentimento” (Miranda, 2009, p. 58). Dito isso, a autora aponta para a impossibilidade de se antecipar o sentido, de modo que o empreendimento teórico dos que dele se ocupam deve ser o de descrever e, talvez, explicar o processo da significação.

Desse modo, a especial atenção reservada ao caráter escasso do significante linguístico, que nos permite pensar o mesmo “apenas como pista que leva ao sentido” (Koch e Cunha Lima, 2009, p. 296), influencia o modo como os autores do campo da Linguística Textual do quadro sociocognitivo pensam a sua unidade analítica, o texto. Eles tomam, pois, o texto mais como a construção conjunta de sentidos que não são prévios à interação social e menos como um produto do pensamento do produtor, cumprindo ao receptor captar, passivamente, as intenções e o pensamento daquele, como o querem os estudos cognitivistas clássicos (cf. Koch, 2002).

Colocados em cena alguns dos pressupostos que orientam a proposta sociocognitiva, bem como uma breve introdução acerca de sua influência sobre as pesquisas textuais interativas que dela se alimentam, nos deteremos à abordagem que elas fazem do processo de construção conjunta da referência linguística, a “referenciação”, por meio de determinados processos e estratégias levadas a cabo pelos interactantes.

2.2. Referenciação: estratégias e processos de construção referencial

No âmbito dos estudos sociocognitivistas, a proposta de autores como Mondada e Dubois (2003 [1995], p. 17) para o estudo da referência linguística é, ao invés de pressupor uma relação de forte correspondência entre as palavras e as coisas do mundo, ampliar o

lugar de observação da referência linguística em si para os processos de sua construção por meio da atividade sociodiscursiva dos interactantes, que permite a construção de suas “versões públicas de mundo”. A esse processo, pelo qual os falantes “colocam os referentes em ação”, dá-se o nome de “referenciação”.

Marcuschi (2001, p. 40-41) faz uso de uma interessante metáfora para o entendimento do caráter dinâmico da referenciação e do papel da língua nessa atividade:

(...) concebo a língua muito mais pela metáfora da lâmpada que do espelho, pois ela não é uma representação especular do mundo e sim uma apresentação; a língua não é um retrato e sim um trato do mundo, isto é, uma forma de agir sobre ele.

Dessa forma, as categorias e os objetos de discurso não possuem uma estabilidade fixa e apriorística, mas são elaborados e sancionados no curso das práticas de linguagem, modificando-se de forma enunciativa e contextualmente contingenciada. É possível atribuir uma estabilidade provisória (porque sociodiscursivamente contingente) às categorias – contingência conferida mais pelas práticas simbólicas do que por uma dada ontologia, sem a qual não seria possível a construção ou a negociação dos sentidos. Dito isso, consideramos que o movimento teórico de atentar para a construção da referência não implica em deslocar o olhar do objeto da referência linguística em si, mas em ampliar o modo como o observamos.

Quanto às formas de introdução e manutenção de referentes no modelo textual, Koch (2009) assinala três principais estratégias levadas a cabo pelos falantes: i) a construção/ativação, ii) a reconstrução/reativação e iii) a desfocalização/desativação. A primeira diz respeito à introdução de um objeto textual, para o qual não há menção anterior, e a partir da qual esse objeto passa a preencher um “nódulo” na rede conceitual do modelo textual, o que lhe imprime saliência cognitiva. A partir dessa primeira estratégia é que podem ocorrer as outras duas: o objeto textual instaurado pode ser reativado, permitindo a manutenção de sua saliência no modelo textual, ou esse mesmo nódulo pode ser desativado pela introdução de um novo objeto textual que passa a ocupar a posição focal no modelo textual. É importante salientar que a desativação de um objeto de discurso não impede que ele permaneça em ativação parcial (*stand-by*), uma vez que continuará à disposição para a utilização dos interactantes.

Ainda sobre as estratégias de referenciação, Koch (2009) faz menção a dois tipos de introdução referencial: a introdução não ancorada e a ancorada. A primeira, também denominada “introdução referencial pura”, ocorre na instauração de um objeto textual totalmente novo. A segunda ocorre pela introdução de um objeto textual sob o modo do dado, isto é, licenciado pela associação com elementos co(n)textuais previamente introduzidos, caso das anáforas indiretas e das encapsuladoras, sobre as quais falaremos mais adiante.

As estratégias de referenciação e os tipos de introdução referencial levam-nos a uma importante distinção entre referir, remeter e retomar:

Referir é (...) uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; remeter é uma atividade indexical pela cotextualidade; retomar é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial seja numa relação de identidade ou não. (id, 2002, p. 59)

Ao retomar, necessariamente remetemos e referimos, como podemos observar nos casos de anáforas diretas. Ao remeter, temos um caso de introdução referencial ancorada, pois ainda que não retomemos, elementos da cotextualidade licenciam a referenciação, caso das anáforas indiretas e encapsuladoras. Referir, por sua vez, não implica, necessariamente, remissão ou retomada de um objeto textual anterior, o que se pode ver na operação de ativação não ancorada de um objeto textual.

Com o objetivo de classificar os processos referenciais, Cavalcante (2003) propõe a sua divisão em i) introduções referenciais “puras”, não ancoradas na materialidade textual, e ii) continuidade referencial explicitamente evocada (por retomada) ou inferível (por remissão), ancoradas em outros elementos textuais.

Encontram-se no primeiro grupo os casos de instauração de um novo objeto textual não licenciada por elementos do contexto discursivo e os dêiticos pessoais, temporais, espaciais e memoriais, cuja interpretação se baseia em elementos da situação de fala: os participantes, suas experiências sociais e enquadres cognitivos, as coordenadas espaço-temporais da ação e a memória cultural e discursiva comum ou compartilhada dos participantes da interação. É o caso do exemplo abaixo, extraído de Cavalcante (2003, p. 108):

(1) “Tudo começou quando eu tinha uns 14 anos e um amigo chegou com *aquele papo de ‘experimenta, depois, quando você quiser, é só parar’* e eu fui na dele. Primeiro ele me ofereceu coisa leve, disse que era ‘raiz’, ‘da terra’, que não fazia mal (...)”

No exemplo acima, o dêitico instaura um referente dado como de fácil acesso na memória sociocultural comum, cuja busca é incentivada pelo indicial “aquele”. A introdução do objeto textual em questão pode ser considerada pura, por não ancorar sua interpretação em elementos previamente estabelecidos na produção textual.

Já no segundo grupo de expressões referenciais, o da continuidade referencial, encontram-se os casos de anáfora com retomada, ou diretas, as quais podem ser correferenciais ou parciais, e os casos de anáfora sem retomada, nos quais se inserem as anáforas indiretas e as encapsuladoras.

Observemos abaixo um exemplo de anáfora direta, responsável pela retomada de um referente previamente introduzido no modelo textual (Koch, 2002, p.106):

(2) Hoje, **Laerte** desperta ódio e perplexidade. Friamente, confessou 11 assassinatos de crianças, entre dez e quatro anos. Duas outras mortes foram confessadas informalmente à polícia, até quinta-feira, 27. **O Monstro de Rio Claro**, como passou a ser conhecido, gostava de registrar num caderno o dia e a cidade onde passava (...) (*IstoÉ*, 02/02/00)

No exemplo acima, temos, primeiramente, a introdução não ancorada do referente “Laerte” no modelo textual. Posteriormente, observa-se a retomada total deste referente através da expressão “O monstro de Rio Claro”, que opera uma recategorização do mesmo. Esse tipo de continuidade referencial envolve, assim, uma ligação direta entre um referente que, após uma primeira ativação é reativado por uma nova expressão referencial. Há, portanto, neste caso, correferência, mas não cossignificatividade

A fim de exemplificar o tipo de continuidade referencial promovida por anafóricos responsáveis pela remissão, mas não a retomada de um referente, trazemos o exemplo abaixo, extraído de Marcuschi (2001, p. 217):

(3) Essa história começa com uma família que vai a **uma ilha** passar suas férias. [...] Quando amanheceu eles foram ver como estava **o barco**, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá.

No exemplo acima, a expressão referencial “o barco” é responsável pela ativação de um novo referente, cuja introdução está ancorada em um elemento presente no co(n)texto,

entre outros que configuram esse modelo textual: o referente “uma ilha”. Esse é um caso de anáfora indireta, pois não temos uma retomada entre o anafórico e seu antecedente, mas uma remissão. Conforme assinala Marcuschi (2001), há, neste caso, uma ancoragem de ordem cognitiva, que garante coerência em termos de continuidade temática.

É precisamente este caráter ancorado da nova introdução referencial em casos de anáforas indiretas e encapsuladoras, o argumento de Cavalcante (op cit, p. 108) para que elas sejam agrupados conjuntamente com os casos de anafóricos diretos, o que apresenta a vantagem de “preservar uma intuição comum, em Linguística Textual, de que todo recurso referencial que remeta, no mínimo, a qualquer âncora do cotexto é, no fundo, anafórico”. Isso porque a continuidade referencial não se dá exclusivamente em casos de anáforas diretas, as quais retomam total ou parcialmente um referente, pois “pode ser que a ligação se estabeleça apenas entre uma âncora e outro elemento cotextual introduzido pela primeira vez no texto, como nas anáforas indiretas e encapsuladoras”.

Essa concepção de continuidade referencial fará com que a autora, como veremos mais detalhadamente na próxima seção, proponha a inserção dos dêiticos discursivos no grupo das anáforas encapsuladoras e, portanto, no conjunto dos processos que permitem a continuidade referencial, por sua remissão a um referente pontualmente não identificável no co(n)texto. A separação que a autora faz dos dêiticos discursivos dos demais processos de referência dêítica, o seu grupo “de origem”, destaca a função anafórica que os elementos indiciais podem cumprir, pois, como apontamos no capítulo anterior, “a dêixis e a anáfora parecem trilhar caminhos que não se interrompem, mas, pelo contrário, muitas vezes podem confluir” (Ciulla, 2008, p. 60),

Isto posto, na seção seguinte, faremos um detalhamento da dêixis discursiva, de modo a destacar o enlace entre o seu papel de criar um lugar comum para a observação dos interactantes – característica que comunga com os demais dêiticos – no texto e o de, simultaneamente, remeter a conteúdos difusos do co(n)texto – função que compartilha com os demais anafóricos encapsuladores.

2.3. Dêixis discursiva: intersubjetividade dêítica e remissão anafórica

A dêixis discursiva (doravante “DD”) estabelece-se pelo apontamento promovido por um elemento indicial para proposições e conteúdos do co(n)texto no qual se insere,

processo que envolve o entendimento do texto enquanto um espaço dêitico e as coordenadas espaço-temporais do momento de sua inserção na produção discursiva. Desse modo, esse processo referencial evidencia a característica dos elementos indiciais, apontada por Hanks (2008), de ter um escopo referencial variável conforme a situação na qual se inserem.

Em seu estudo sobre a dêixis, Cavalcante (2000a) assinala três principais traços caracterizadores da DD: i) a nomeação de conteúdos proposicionais, ii) a realização do procedimento dêitico e iii) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação de fala.

A primeira característica apontada pela autora refere-se ao fato de a DD ser responsável pela introdução ancorada de uma expressão referencial por meio da reativação de informações-suporte previamente apresentadas. É o caso do exemplo abaixo, extraído de Cavalcante (ibid., p. 52):

- (1) O principal problema é a falta de vagas nas cadeias de Fortaleza. **Isso** faz com que o criminoso fique muito tempo preso na Delegacia de Capturas e Polinter (Decapol), onde há risco de fuga

O indicial demonstrativo “isso” remete à porção textual do co(n)texto à esquerda, de modo a contribuir para a progressão referencial do texto e licenciar futuras predicções sobre o referente que introduz.

Em virtude do papel endofórico cumprido pela DD por meio do encapsulamento de conteúdos difusos, autores como Cavalcante (2003, 2011) e Ciulla (2008) propõem que esse processo referencial seja considerado um tipo de anafórico encapsulador. Nas palavras de Cavalcante (2003, p. 116, grifos nossos):

(...) o único divisor de águas entre as anáforas encapsuladoras e os dêiticos discursivos é **o acréscimo de um elemento dêitico**. Por isso, sem negar **a importante função cognitiva que o traço dêitico soma à função representacional das anáforas**, cremos ser mais coerente considerar os dêiticos discursivos como mais um tipo de **híbrido: um anafórico dêitico, que tem o atributo especial de encapsular**.

Como observamos, a fundamental distinção entre a DD e os demais encapsulamentos anafóricos é a presença do elemento dêitico, cuja função é a de, como

veremos posteriormente com maior detalhamento, chamar a atenção sobre o referente que instaura.

No exemplo (1), observamos o elemento dêitico demonstrativo em função substantiva, cuja recorrência em casos de DD pode ser explicada pela característica de seu escopo referencial difuso, cuja representação e categorização por um nome conceitual, a princípio, impõe maiores custos de processamento cognitivo. Isso porque a escolha de elementos lexicais para sumarizar as porções difusas, de acordo com a intenção comunicativa demanda maior esforço do falante (cf. Cavalcante, 2000a). Prova disso é que, em sua tese de doutoramento sobre os elementos indiciais em contextos de uso, Cavalcante (2000b, p. 119) observou que os dêiticos discursivos, ao contrário dos anafóricos com dêiticos que recuperam entidades pontuais, são realizados, predominantemente, por pronominais ao invés de sintagmas nominais.

Atentando para a dimensão localmente planejada da modalidade falada da língua, que pode contribuir para a recorrência da estratégia pronominal acima mencionada, Apothéloz e Chanet (2003, p. 142) pontuam que “quantificações mostrariam provavelmente que, para nomear, o oral cotidiano tende a evitar as soluções lexicais e faz uso abundante de pronome demonstrativo neutro”.

Essa predominância de usos pronominais no estabelecimento da DD também foi observada no estudo de Marcuschi (1997, p. 168-169) sobre esse processo referencial em textos orais e escritos. O autor observou a prevalência do encapsulamento de proposições por demonstrativos em função substantiva em 60% da amostra de dados de oralidade, como nos exemplos abaixo:

- (2) “é tudo **isso** que a gente fala”
“é **isso** que nós fazemos”
“**isso aí** que eu tô falando”

Cumpramos mencionarmos que, ainda que a grande maioria das ocorrências de DD seja realizada por pronomes demonstrativos, em função substantiva ou adjetiva, também há casos em que ela se estabelece por advérbios de lugar ou de modo. É o que se vê, respectivamente, nos exemplos abaixo, extraídos de Marcuschi (1997, p. 169):

- (3) “por **aí** você vê”

“aí dona Lurdes fez **assim**”

A despeito dessa possibilidade de realização da DD, Cavalcante (2000a) explica que os demonstrativos são os mais adequados ao encapsulamento de informações, em comparação com os adverbiais, porque os advérbios apresentam um maior grau de deiticidade e precisão na localização de um referente, o que seria, a princípio, incompatível com o escopo referencial difuso da DD.

É importante mencionarmos ainda que, como acertadamente pontua Conte (2003, p. 183), os encapsulamentos não consistem apenas na sumarização dos conteúdos a que fazem remissão, mas também contribuem com algo novo para texto, por duas principais razões:

Em primeiro lugar, o próprio item lexical (o núcleo do sintagma nominal) é geralmente novo na medida em que não ocorreu no texto precedente. Em segundo lugar, e mais importante ainda, estamos lidando não apenas com a categorização de informação cotextual dada, mas também com hipóstase (“*Vergegenständlichung*”). O que já está presente no modelo discursivo é ‘objetificado’, ou, em outras palavras, torna-se referente.

A escolha lexical para uma expressão referencial que transforma porções de texto em um referente pode orientar na interpretação das informações que lhe servem de suporte, bem como do que será predicado sobre o novo referente instaurado, de modo a atuar na integração semântica do texto (Conte, 2003). Dito isso, destacamos o papel dos encapsulamentos para a construção argumentativa do texto, pois, como aponta Pinheiro (2003, p. 161 *apud* Cavalcante, 2011, p. 83), esse tipo de processo referencial deixa entrever o ponto de vista daquele que enuncia, dado que “ao sumarizar todo o conteúdo do tópico através de uma forma referencial, o produtor do texto pode realçar uma parte do conteúdo avaliando-o”.

A dimensão argumentativa do encapsulamento anafórico dêitico deixa entrever a reciprocidade entre os objetos de referência e os sujeitos que ocupam o campo dêitico apontada por Hanks (2008, p. 269):

Os objetos são sujos, limpos, diabólicos, bons, evitáveis, íntimos, autoevidentes, secretos, meus, seus, ou de outra pessoa. Tais qualidades e suas avaliações podem parecer distantes da simples indicialidade, porém elas aparecem proeminentemente na prática dêitica (...) a posição avaliativa de um Falante em um enunciado pode auxiliar na resolução da referência. Ao mesmo tempo, um

Falante que faz referência a um objeto entra em relação social com ele e, com isso, compromete-se com o seu valor.

Ao mesmo tempo, ao conferir uma posição ao objeto de discurso no campo dêitico, afirmamos com Hanks (2008, p. 270) que o falante também assume a sua posição com relação a esse objeto, pois “mais do que ser apenas do que ser o centro do arco intencional, o objeto funciona como um demarcador a partir do qual o Falante pode se posicionar”.

No tocante à função argumentativa da DD em textos orais, afirmam Koch e Penna (2006, p. 24) que, dado o caráter localmente planejado da fala, atentos à apreciação de nosso ouvinte sobre o que enunciamos:

(...) procuramos enquadrar nosso coenunciador na mesma moldura comunicativa a que pertencemos, a fim de que o menor número de informações seja perdido. E, quando falamos, procuramos acrescentar algum tipo de informação adicional ao universo discursivo de nosso ouvinte.

Exposta a característica dos dêiticos discursivos de, à maneira dos demais encapsulamentos, transformar segmentos e/ou porções de texto de variável extensão em objeto de discurso, falaremos, a seguir, da segunda característica apontada por Cavalcante (2000a), que caracteriza e diferencia os dêiticos discursivos dos outros encapsuladores: a realização do procedimento dêitico.

No campo da Pragmática Funcional, Ehlich (1982) define e contrapõe o que denomina procedimento dêitico ao que seria o procedimento anafórico: o primeiro é responsável por inaugurar um novo foco de atenção, ao passo que o segundo garante a manutenção de um foco previamente instaurado.

Ainda sobre o procedimento dêitico, Cornish (1999, p. 20) ressalta que:

Essa função discursiva é um meio de tornar saliente um elemento que até o momento encontrava-se fundido com o *background* contextual. Como resultado disso, esse elemento destaca-se desse *background* contextual ¹⁰e os seus contornos referenciais são precisados e focalizados.

Posto isto, nos encapsulamentos com dêitico, a presença de elementos indiciais contribui para o estabelecimento de um procedimento dêitico que confere saliência

¹⁰ Tradução nossa para: “This discourse function is a means of making salient and element which hitherto had merged into the background contextual. As a result, it becomes detached from the background context and its referential contours are sharp and focused”.

cognitiva às informações às quais faz remissão. Considerando esse papel dos encapsulamentos de promover uma introdução referencial ancorada, Conte (2003) afirma que a prevalência de determinantes demonstrativos na formação da expressão referencial encapsuladora se deve ao fato de que “o demonstrativo (por seu intrínseco poder dêitico) apresenta um objeto textual novo, ou o põe em foco” (CONTE, 2003, p. 183). É o caso do exemplo abaixo, extraído da referida autora:

- (4) É de ontem a notícia de que um superpetroleiro afundou ao largo da costa báltica derramando a carga inteira no mar. Hoje se pergunta: **esta enésima catástrofe ecológica** poderia ser evitada? (ibid., p. 181)

Abordando exclusivamente os casos de dêiticos discursivos, Marcuschi (1997) também destaca a sua função de focalizar a atenção dos interactantes. O autor salienta que os dêiticos discursivos mais do que referir, atuam como monitores cognitivos, garantindo relevância aos conteúdos e proposições para os quais apontam. Nas palavras do autor:

(...) os DD sugerem que os interlocutores constituem o texto como um espaço mental no qual os DD seriam demarcadores mostrando limites de abrangência para a observação, ou seja, uma espécie de **elementos mapeadores** dessa figuração. E tal como um mapa orienta, monitora o indivíduo que o usa, assim também esses elementos textuais **orientam e monitoram o ouvinte ou o leitor do texto.**” (ibid, p. 160)

Cumpre apontarmos ainda uma possível distinção entre o tipo de procedimento dêitico levado a cabo pelos dêiticos discursivos e aquele apresentado pelos demais dêiticos. Os dêiticos em geral realizam uma introdução referencial “pura”, isto é, introduzem um referente de forma não ancorada, chamando a atenção dos interactantes para ele pela primeira vez. Já no caso dos dêiticos discursivos, podemos considerar que essa construção de um novo foco de atenção é parcial, por sua característica híbrida de, tal como os demais anafóricos, promover a continuidade referencial pela remissão a elementos co(n)textuais, ao mesmo tempo em que, como os demais dêiticos, evoca a atenção dos interactantes para elementos da co(n)textualidade considerados relevantes. Um argumento que reforça tal ideia é o fato de que, conforme nos lembra Cavalcante (2000b, p. 94), o procedimento anafórico não envolve necessariamente a continuidade do foco sobre o referente imediatamente mencionado anteriormente, mas pode se dar pela retomada de algo que já esteve sob o foco de atenção.

Levando em conta a proximidade da referencialidade da DD à dos anafóricos, que nos conduz ao questionamento da rígida separação entre dêixis e anáfora, cumpre salientarmos que ela comunga de características tanto com as anáforas diretas, pois sumariza informações do contexto e/ou do cotexto à esquerda (ou à direita, em casos catafóricos), quanto com as indiretas, pois, no dizer de Marcuschi (1997), remete a “um referente pontualmente não identificável”.

Pensamos que essa expressão escolhida por Marcuschi para denominar o elemento de remissão dos encapsulamentos encontra seus desdobramentos nas asserções de Cavalcante (2003) a respeito da qualidade do referente que se introduz por meio desse processo. De acordo a autora, considerar como novo um referente que se instaura pela reativação de informações já apresentadas no texto reflete a ideia de que a referenciação se dá apenas por expressões referenciadoras típicas, em detrimento de outros elementos contextuais que atuam na construção do objeto discursivo. Assim, conforme aponta a autora:

(...) na verdade, quando uma expressão anafórica encapsula um conteúdo, ele está diluído no contexto e, portanto, não deveria mais ser considerado um ‘referente novo’. Por esse argumento, poderíamos propor (...) que as anáforas encapsuladoras podem perfeitamente constituir **um tipo peculiar de correferencialidade**. (ibid, p. 82, grifos nossos)

É nesse sentido que, evocando reflexões de Cornish (1996 *apud* Marcuschi, 2001), Marcuschi (2001, p. 252) assinala que a anáfora não se dá exclusivamente por uma relação intratextual, e que ela “pode ser útil e servir para acessar entidades mentais envolvidas no universo discursivo”. O autor pontua que especialmente no caso das anáforas indiretas, observa-se o acúmulo de um valor indicial (dêitico) que permite a busca por um antecedente em conhecimentos textuais cognitivos. É nesse grupo de anáforas que o autor aloca as nominalizações (encapsulamentos anafóricos) no grupo de anáforas ancoradas em inferências fundadas por elementos textuais.

A peculiaridade da correferência aludida por Cavalcante (2003) reside no fato de que, ainda que estejamos falando de um referente que tem seus primeiros contornos anteriores à inserção do DD – o que acentua a propriedade anafórica do fenômeno – conforme apontam Apothéloz e Chanet (2003, p. 134), “seu objeto não foi previamente estabelecido nem individuado por meio de uma expressão referencial”.

Dito isso, é importante destacarmos, em virtude dessa peculiaridade, que a DD nos permite refletir sobre até que ponto o procedimento dêitico e o anafórico são, necessariamente, processos disjuntados entre si. Essa é, certamente, uma questão que se coloca para nós para explicar e analisar em que medida a DD atua para manter ou alterar o foco discursivo nas interações que analisaremos. Podemos considerar que os dêiticos dos outros tipos – pessoais, espaciais, temporais, memoriais e sociais – talvez exerçam o mais prototípico procedimento dêitico, dado que o foco de atenção que inauguram pode ser considerado novo, por seu caráter não ancorado. Já o dêitico discursivo deixaria entrever a copresença do procedimento dêitico e do anafórico: a um só tempo, reativa informações que já se fazem presentes modelo mental discursivo, bem como chama a atenção para a expressão referencial que se cria a partir dessas informações.

Exposta a característica do procedimento dêitico no estabelecimento da DD, que parece atuar em paralelo a um procedimento anafórico pela continuidade referencial que se observa, apresentamos, agora, a terceira característica da DD apontada por Cavalcante (2000a). Trata-se da pressuposição do posicionamento dos participantes da enunciação, pela tomada das coordenadas espaço-temporais do momento da inserção da DD no texto. Essa característica não se dá da mesma forma para todo e qualquer encapsulamento com dêitico e encontra-se intimamente relacionada ao tipo de espaço ao qual ele pode remeter.

Partindo da tese da gradiência da deiticidade¹¹ da DD, Cavalcante (2000b) elenca os tipos de espaço aos quais ela pode fazer remissão e Ciulla (2008) classifica os subtipos de acordo com esses espaços: i) a DD encapsuladora, de motivação contextual ii) a de memória, de motivação do conhecimento partilhado, iii) a físico-textual, de motivação contextual, e iv) a situacional, de motivação extralinguística.

O primeiro tipo de DD referida é a de motivação contextual. Assim é chamada, porque, conforme aponta Cavalcante (2000b, p. 135), “recupera um referente aos poucos insinuado no discurso”, o que entendemos estar relacionado a um princípio de relevância¹²

¹¹ A esse respeito, Hanks (2008) remete a autores como Peirce (1955) e Bühler (1990), que destacam o fato de que todos os elementos dêiticos possuem traços de diretividade, mas que eles nem sempre têm a mesma ênfase e força.

¹² Para melhor compreensão deste princípio de relevância garantido pelo dêitico, evocamos aqui, a noção de contexto formulada por William Hanks (2008), segundo o qual este construto se forma a partir dos julgamentos de relevância por parte dos falantes. Desse modo, a dêixis, por meio de seus “traços de diretividade, variável em ênfase e força”, participa dessa construção. Em outras palavras, a sua dimensão

do que vem sendo dito anteriormente à sua introdução no texto. Observemos o exemplo abaixo, extraído de Koch (2002, p. 91):

- (5) Quais as reais condições para caracterizar e pautar a criação de galinha caipira? Depois de meses de deliberação, a Comissão Europeia surgiu com uma resposta oficial, ou antes três respostas, para *esta polêmica questão (...)*

No exemplo acima, o sintagma nominal “esta polêmica questão” é a expressão referencial que designa um referente que já vinha sendo construído anteriormente. A escolha do nome axiológico para rotular a porção textual a qual se refere contribui para a atribuição da relevância dessa informação no modelo textual, bem como para a orientação argumentativa do texto.

A respeito da nomeação do subtipo de DD em questão como o “encapsulador” propriamente dito, Ciulla (2008) aponta que este seria o mais genuíno dêitico discursivo, por prescindir de qualquer referência ao posicionamento espaço-temporal dos sujeitos, característica que a diferencia dos demais dêiticos discursivos e acentua o traço difuso de seu escopo referencial. É por essa razão que, como pontua Cavalcante (2000b, p. 147), esse tipo de DD é mais comumente realizado pelo demonstrativo de segunda pessoa, especialmente em sua forma neutra (“isso”), bem como pelo demonstrativo adverbial “assim”.

Nesse sentido, é importante observarmos ainda que, não obstante a desconsideração que faz da localização do falante e/ou do destinatário, esse subtipo de DD, pela presença do elemento indicial, não deixa de promover o procedimento dêitico. Conforme nos explica Cavalcante (2000b, p. 139):

(...) sob o ângulo pragmático-funcional, as expressões remetendo ao contexto supõem um outro tipo de intersubjetividade: aquela pela qual o falante, antecipando a participação ativa do destinatário no ato comunicativo, lança mão de elementos indiciais para orientar o foco de atenção comum no discurso.

O segundo tipo de DD mencionado é o de memória, responsável por, sob um rótulo, remeter a conteúdos proposicionais do texto e, ao mesmo tempo, convocar os sujeitos à busca por um conhecimento partilhado que pressupõe. Esse conhecimento mobilizado pela

simbólica e indicial exibida na atividade referencial confere saliência a certos conteúdos e proposições em relação ao pano de fundo no qual se insere.

DD, diferentemente do que ocorre com a dêixis de memória, que apenas conduz à busca por um referente de modo não ancorado, encontra sua âncora em conteúdos previamente introduzidos. É o caso do exemplo abaixo, extraído de Ciulla (2008, p. 59):

- (6) Segundo ele, o simples fato de o povo brasileiro dizer que pensa sobre a dívida externa e seus elevados e inexplicáveis encargos será suficiente para despertar a ira do sistema financeiro internacional, que passaria a cobrar juros ainda mais altos sobre a dívida brasileira. **É aquela posição subumana do condenado que prefere omitir-se sobre a injustiça da pena que lhe foi imposta (...)**

Como afirma Cavalcante (2000b, p. 145), os elementos mais comumente utilizados para esse tipo de remissão pela DD são os demonstrativos de segunda e de terceira pessoa em função substantiva ou adjetiva. Os primeiros, a autora considera que, por não carregarem o traço da distância em relação ao tempo da referência, têm a função de “apresentar como conhecida uma informação que sabe ser compartilhada pelo destinatário” (ibid, p. 130). Quanto aos demonstrativos de terceira pessoa, como o que é utilizado no exemplo acima (“aquela”), a autora afirma que, por pressuporem um momento distante daquele em que se dá sua formulação, convidam os interlocutores à busca por outras informações que não estão no texto, mas que por ele são engatilhadas.

Como vemos, no caso da DD de memória, a deiticidade não se encontra neutralizada tal como na do tipo encapsuladora. No subtipo de DD em questão, a deiticidade serve à motivação da busca por conhecimentos a ser promovida pelo interlocutor daquele que a produz: ora esse conhecimento é apresentado como dado, ora sua busca é motivada por um pronome que lhe imprime um traço de maior distância.

O terceiro tipo de DD, o físico-textual exerce primordialmente a função de organização textual, uma vez que precisa a localização das informações para as quais aponta no texto, levando em conta o posicionamento espaço-temporal do falante no momento de sua introdução. Segundo Cavalcante (2000b, 143-144), esse tipo de DD comumente é realizado por pronomes adverbiais circunstanciais (“agora”, “aqui”, “abaixo”, entre outros), bem como por sintagmas nominais que contêm nomes ou adjetivos de função demonstrativa (“o seguinte”).

Observemos a seguir um exemplo do mesmo, extraído de Marcuschi (1997, p. 169):

- (7) a gente faz **o seguinte**

A expressão referencial em destaque aponta cataforicamente para conteúdos que virão logo após a sua inserção no texto, delimitando com mais exatidão o espaço do texto no qual se situa o que é encapsulado. E, por essa função metadiscursiva que distingue esse tipo de dêitico discursivo dos demais, Cavalcante (2011) propõe que os DD físico-textuais sejam considerados dêiticos textuais e não discursivos.

Essa distinção também é feita por outros autores no campo da Linguística.

Primeiramente, temos, em Lyons (1979), a contraposição entre o que o autor denomina dêixis textual “pura” e dêixis textual “impura”. Enquanto a primeira acumularia essencialmente a função de apontar para um segmento textual em si, a segunda se distinguiria por acumular outra função, conforme explica Levinson (1983, p. 107) a partir do seguinte exemplo:

- (8) “I’ve never seen him” (“Eu nunca o vi”)
“**That’s** a lie” (Isso é mentira)

O indicial em destaque (“that”) representa o que se denomina dêixis textual impura, pois está situado entre a dêixis e a anáfora: podemos considerá-lo anafórico se pensarmos que aponta para a entidade a que se refere o primeiro enunciado, mas não é considerado tão dêitico se pensarmos que ele, na verdade, não faz referência ao enunciado em si, mas à asserção feita por ele.

Conforme pontua Cornish (1999), é Conte (1992) quem propõe a renomeação desses dois casos de dêixis: são classificados como dêixis textual os casos de dêixis textual pura, ao passo os casos de dêixis textual impura são classificados como “dêixis discursiva”. Isso porque, conforme nos explica o primeiro autor, neste caso, “o que está sendo apontado pelo indicial em questão é **um aspecto da interpretação do segmento textual**, ao invés do segmento em si”¹³, função desempenhada pela dêixis textual (Cornish, 1999, p. 21, grifos nossos).

Desse modo, podemos dizer que os dêiticos textuais apontam para a cotextualidade, ao passo que os discursivos apontam para a contextualidade, sendo que ambos compartilham a característica de se valerem da transposição do campo dêitico para os

¹³ Tradução nossa para: “what’s being pointed to by the indexical in question is an aspect of the interpretation of a segment of text rather than that segment itself”.

espaços aos quais remetem. Além disso, nos dois casos, a presença do indicial na (re)ativação de informações suporte é responsável pela realização do procedimento dêitico. Assim, consideramos importante a abordagem desses tipos de dêiticos, por comungarem de características fundamentalmente definidoras do processo referencial aqui estudado, que se vale da focalização de informações para a criação de pontos de vista comuns.

O quarto tipo de DD referido por Cavalcante (2000b) é o situacional, que tem a característica de remeter ao espaço extralinguístico da conversação, ao mesmo tempo em que remete à produção discursiva. É, pois, o tipo de DD cuja deiticidade no sentido de apontar para o extralinguístico encontra-se mais preservada, sendo comumente realizada por pronomes circunstanciais como o “aqui” e por pronomes demonstrativos em função adjetiva (“este(a) x”), pressupondo a posição do sujeito enunciador. Observemos o exemplo que nos dá Cavalcante (2000b, p. 142):

(9) "início analise destes tres aspectos pedindo permissao ao ministro Admar Maciel.. para: ... fazer minhas as palavras que sua excelencia **aqui** anunciou ... " (F033 - conferencia -NELFE)

Conforme nos explica a autora, na ocorrência de DD acima, o circunstancial “aqui” não se refere ao espaço físico da produção discursiva em curso, mas à própria conferência que está sendo proferida pelo falante.

Além desses dois tipos de pronome, a autora também observou casos de DD com remissão ao extralinguístico realizados por meio do demonstrativo de terceira pessoa, como no exemplo abaixo (Cavalcante, 2000b, p. 127):

(10) e Aí que ele poderia... ser utilizado... **NÃO SÓ naquela determinada situação** como eu já falei **de COMPRA de... venda de alguma COISA...** mas em Outras situações porque aí já estaria **MAIS** enriquecido.

Conforme nos explica Cavalcante (2000b), no dado acima, o demonstrativo “aquela” remete a porções textuais introduzidas anteriormente pelo enunciador, agora distantes do presente momento no discurso e convida o ouvinte à busca pelo comentário realizado. A autora salienta que “em usos dessa natureza, parecem concorrer, ou harmonizar-se, as motivações do espaço real e do saber comum, de maneira que nem sempre se pode decidir com certeza se se trata de uma ou de outra” (ibid., p. 127).

É importante, nesse momento, compreendermos a natureza do espaço extralinguístico enquanto um espaço de remissão da DD tal como apresentado na proposta de Cavalcante (2000b). Conforme nos explica a autora, a remissão ao extralinguístico implica que “os elementos indiciais que são selecionados em função do espaço físico real não apontam exatamente para ele, mas apenas pressupõem a localização espacial *e/ou* temporal do falante, ao mesmo tempo em que remetem a uma entidade do contexto” (ibid., p. 145). Em outras palavras: ainda que pressuposto pelo uso dos indiciais que remetem às coordenadas espaço-temporais do falante no momento em que o enuncia, o entorno físico em si não é utilizado como recurso para a ação linguística dos falantes e para a determinação referencial da DD.

Como veremos mais adiante, o contexto interativo no qual analisamos a dêixis discursiva nos levará a uma ampliação do que vem a ser a remissão ao espaço extralinguístico pela DD. A multimodalidade semiótica própria da fala em interação e da referenciação dêitica em termos dos recursos indiciais verbais e não verbais nela envolvidos nos leva à definição do espaço extralinguístico enquanto fornecedor de um conjunto de recursos e restrições para as ações interativas de linguagem que garantem o estado atencional conjunto seja pelo verbal, seja pelo não verbal – os gestos, o olhar e a postura corporal, entre outros (Mondada, 2008).

Expostos os quatro subtipos de DD apresentados pela proposta classificatória de Cavalcante (2000b) e Ciulla (2008), salientamos que a observação de que, por esse processo referencial, há a remissão a porções textuais, mas, também, ao campo situacional da enunciação (caso do subtipo extralinguístico) ou à memória discursiva dos falantes (caso do subtipo de memória) evidencia um aspecto caracterizador da dêixis: a sua dinâmica conexão tanto com o objeto que sua referência individualiza, quanto com sentidos e a memória que este objeto significa para essa pessoa (cf. Hanks, 2008, p. 217).

Dentro da classificação proposta por Cavalcante (2000b), a realização do procedimento dêitico e a nomeação de conteúdos difusos é aquela que parece cobrir todos os casos de DD, que, ao remeterem a informações contextuais, direcionam a elas o olhar dos falantes mediante o apontamento dêitico que promovem. Dito isso, no presente trabalho, optamos por abordar esse processo referencial de encapsulamento de elementos co(n)textuais de modo a destacar o seu caráter intersubjetivo – a sua dimensão interativa e

ostensiva – atentando para a sua multimodalidade em termos do recurso ao espaço extralinguístico, bem como do conhecimento partilhado pelos interactantes em sua determinação referencial.

Desse modo, abordaremos os dêiticos cotextuais, que apontam para um segmento textual em si, funcionando primordialmente como organizadores do texto, mas, principalmente, os dêiticos discursivos, encapsulamentos que transformam informações contextuais em um objeto de discurso, podendo fazer apelo ao espaço extralinguístico e ao conhecimento partilhado.

3. DOS PROCESSOS REFERENCIAIS NOS ESTUDOS AFASIOLOGICOS

3.1. Breve panorama da Afasiologia

Em linhas gerais, pode-se dizer que “afasia” são as alterações de linguagem oral e/ou escrita, apresentadas por sujeitos portadores de uma lesão cerebral causada por um episódio neurológico – um acidente vascular cerebral (hemorrágico ou isquêmico), um traumatismo cranioencefálico, ou um tumor cerebral. Após adquirir a lesão, o sujeito torna-se afásico e passa a conviver com dificuldades de produção e interpretação da linguagem, tais como dificuldades de acesso lexical, de ordenação sintática dos enunciados, de articulação e produção de fonemas e de fatores pragmático-discursivos (cf. Morato, 2010).

É grande o impacto da condição afásica do sujeito, que “afeta não apenas o indivíduo, mas também a sua família, as suas ambições na vida, os seus projetos profissionais, o seu papel na sociedade *etc*” (Carragher *et al*, 2012¹⁴). Neste cenário, destaca-se o papel do ideal logocêntrico que se tem da linguagem humana, dado que, não obstante a necessidade – e o direito – dos sujeitos afásicos de retomar “experiências significativas da vida em sociedade” (Morato *et al*, 2002), a sua reinserção neste ambiente é profundamente marcada pelo preconceito que enfrentam. Isso porque, uma vez que se considera que a linguagem é a expressão direta do pensamento, àquele que não apresenta a linguagem que mais se aproxima de “uma fantasmagoria, fruto de uma percepção idealizada que os homens têm feito de si mesmos, de seus cérebros e de seus comportamentos” (Morato, 2010, p. 98) é, equivocadamente, imputado o rótulo de quem não pensa bem.

Essa visão idealizada da linguagem humana, que a aparta radicalmente da normalidade quando na presença da afasia, afeta não somente aqueles que convivem com pessoas afásicas, mas também tem sua influência na gênese e efetivação dos estudos linguísticos sobre afasia, marcados por dois fatores que se interrelacionam: i) as dicotomias oriundas do paradigma estruturalista e ii) a compreensão de nossa linguagem estritamente em termos de sua realidade mental/psicológica.

¹⁴ Tradução nossa para: “affects not just the individual but also their family, their ambitions in life, their employment prospects, their role in society, etc”.

Pode-se dizer que as dicotomias de cunho estruturalista, mais notadamente o binômio *saussureano* língua/fala (*langue/parole*), contribuíram para que o estudo das afasias levado a cabo pelo psicolinguistas cognitivistas se detivesse à explicação do que se considerava ser o componente interno de nossa linguagem. No dizer de Morato (2003, p. 153):

A distinção entre língua e fala, central no nascimento da Linguística (Saussure, 1981) pelo viés do estruturalismo, conduziu os estudos da afasia em direção ao estudo da língua, vista como sistema fechado, autônomo, homogêneo e inato, dissociada das atividades que com ela fazem os falantes. Esta concepção de língua ajustava-se com a veiculada nos estudos afasiológicos iniciais que a consideravam uma espécie de representação do pensamento (ou da memória, ou da percepção). Com isso, a afasia acabava sendo definida não como um problema de linguagem em toda a sua abrangência, mas basicamente como um problema de aspectos internos, subjetivados, representacionais: em suma, como um problema de ‘linguagem interna’ (Françoze, 1987).

Não é surpreendente que o grande peso epistemológico reservado aos fatores internos, apartados dos externos, no estudo da linguagem, tenha influenciado também o estudo da semiologia das afasias, classificadas essencialmente em dois tipos: a afasia não fluente, também denominada “de Broca” ou “motora”, e a afasia fluente, conhecida ainda como “de Wernicke”, ou “sensorial”.

A primeira é fruto de lesões localizadas na região frontal do córtex cerebral. Os sujeitos afásicos em questão apresentam problemas expressivos, tais como a fala telegráfica, agramatismo e alterações fonoarticulatórias. Desse modo, os afásicos de Broca tendem a produzir sentenças curtas e simples, ou até mesmo estruturas curtas compostas predominantemente por substantivos, verbos e adjetivos, desprovidos dos morfemas gramaticais e palavras funcionais (Ahlsén 2006, p. 68). Assim, como aponta Goodglass (1993), o afásico não fluente faz uso de “palavras-chave” que lhe permitem veicular a mensagem pretendida, ao mesmo tempo em que se observa em sua fala a dificuldade de combinação, ou seja, de estabelecer as relações sintagmáticas dos enunciados (cf. Jakobson, 1982).

O segundo tipo de afasia, por seu turno, advém de lesões na região posterior do córtex cerebral. Os afásicos fluentes apresentam problemas de compreensão e sua fala apresenta parafasias verbais ou semânticas, além de circunlóquios, causados pelo distúrbio paragramático, isto é, a dificuldade de acesso lexical, a despeito da preservação de “frames

gramaticais”, para os quais podem faltar substantivos, adjetivos e verbos principais (Ahlsén, 2006, p. 68). Segundo Goodglass (1993), a anomia é um item semiológico que marca esse tipo de afasia, observável pela dificuldade de seleção de informações como nomes, verbos e adjetivos, o que, em Jakobson (1982), é definido como distúrbio de similaridade, relativo à dificuldade com as relações paradigmáticas ou associativas.

Como observamos, na definição do conjunto de “sintomas linguísticos” atribuído a cada um desses dois tipos de afasia, bem como a suposta relação de complementaridade entre elas – o elemento que se apresenta de forma deficitária em uma, encontra-se, em parte, preservado na outra – fica patente a radical separação que se faz entre o linguístico e o cognitivo: àqueles que apresentam mais fortemente os problemas de expressão é creditado um déficit essencialmente motor, ao passo que àqueles que apresentam mais fortemente os problemas de compreensão é creditado um déficit de ordem sensorial.

A separação entre o que seriam os componentes internos e externos da linguagem também tem a sua influência nos estudos psicolinguísticos da afasia, em meados da década de 1960. É o que se nota no estabelecimento que faz Chomsky da separação entre a competência e o desempenho dos falantes, reservando à primeira, enquanto o conhecimento das regras gramaticais, o lugar de investigação dos estudos gerativos. De modo geral, pode-se dizer que os estudos da área como um todo, sejam aqueles que adotam a concepção modularista de linguagem, que prevê a primazia do módulo sintático sobre os demais, sejam aqueles de enfoque não modularista, que consideram a troca ativa de conhecimentos dos diferentes módulos (semântico, morfológico *etc*), debruçam-se essencialmente sobre a realidade psicológica e interna da linguagem (cf. Balieiro Jr., 2001).

Certamente, a eleição do conhecimento individual/mental como o objeto de estudo influencia a metodologia empregada para a sua análise, seja ela em contextos normais ou patológicos. Nesse cenário, como veremos com maior detalhamento na subseção seguinte, os processos referenciais são investigados enquanto a identificação correta do referente no interior de testes de compreensão de linguagem, operação que, cognitivamente, envolveria um processo de coindexação, que pode ou não estar influenciado por outros processos cognitivos.

No curso do desenvolvimento da própria ciência linguística, com o advento de correntes teóricas mais sociocognitivamente orientadas, como a Análise da Conversação, a

Linguística Textual, a Sociolinguística, entre outras, começaram a se desenvolver pesquisas interessadas na produção discursiva dos afásicos, (re)tomando aspectos intersubjetivos e socioculturais, antes considerados externos à linguagem. Em lugar de tentar observar a competência linguística dos sujeitos afásicos, por meio de suas respostas individuais em testes, esses estudos se voltam para a participação e o engajamento desses sujeitos em práticas conversacionais que lhes permitem construir conjuntamente o sentido (Goodwin, 2003; Wilkinson et al., 2003; Tagliaferre, 2008; Hebling, 2009; Wilkinson, 2009; Vezali, 2011; Carragher et al., 2012).

Considerando o exposto acima, as subseções seguintes serão dedicadas a um maior detalhamento sobre a abordagem que fazem, respectivamente, os estudos psicolinguísticos, de cunho cognitivista, e os estudos conversacionais/interacionais, de orientação mais sociocognitiva, acerca dos processos referenciais na presença da afasia.

3.2. Abordagens Psicolinguísticas

Conforme apontamos na subseção anterior, a abordagem psicolinguística das afasias dedica-se à investigação da linguagem em termos da competência mental e individual dos falantes e concebe a atividade referencial enquanto a identificação de objetos do mundo por meio de signos “estocados” na mente dos sujeitos. É o que deixa entrever a seguinte definição de referência linguística, apresentada por Varley (1993), cujo estudo a respeito da dêixis no contexto afasiológico será abordado mais adiante:

A referência diz respeito à relação entre um símbolo linguístico e uma entidade do mundo real a qual este símbolo se refere (entre a palavra ‘piano’ e o objeto que pode ser apropriadamente referido por essa palavra). **O sentido diz respeito à relação entre itens lexicais:** sinonímia (soldados – tropeiros), hiponímia (fruta-laranja) e antonímia (quente- frio) são exemplos dessas relações lexicais¹⁵.

A definição apresentada pela autora deixa entrever uma inclinação referencialista, pela consideração de uma relação direta que se estabelece entre os signos e o mundo e de

¹⁵ “Reference concerns the relation between a linguistic symbol and the real-world entity to which that symbol refers (e.g. between the word ‘piano’ and the object that can properly be referred to by that word). Sense deals with the relationship between lexemes: synonymy (e.g. soldiers - troops), hyponymy e.g. fruit - orange) and antonymy (e.g. hot - cold) are examples of sense relationships.

que o sentido dos primeiros se dá pela sua relação paradigmática. Pode-se dizer que, de um modo geral, os estudos psicolinguísticos focalizam a relação do sujeito com a própria língua, a fim de observar a função referencial definida em termos da operação mental individual de identificação do referente. Estamos, portanto, fora do terreno do caráter inferencial e pragmático das atividades referenciais, tal como postulado pelos estudos textuais-interativos que vimos no capítulo anterior.

Por esse viés enfaticamente internalista, no caso das afasias, uma vez lesionado o cérebro, *locus* da faculdade biológica da linguagem, considera-se que haja a perda da capacidade lógico-semântica da linguagem de, nas palavras de Morato (2001, p. 58), “através da linguagem, localizar (e localizar adequadamente!) os objetos do mundo”. Em outras palavras, considera-se que a dificuldade metalinguística dos afásicos de tomar o símbolo linguístico como um interpretante do real, impede por si só a produção da referência lingüística, quando esta é definida em termos de uma relação especular com o real.

Desta pressuposição de que a lesão cerebral do afásico *per se* é responsável pela deterioração da linguagem, decorre a propalada ideia de que ela seria mais indeterminada que a do não afásico, ilustrada no seguinte apontamento que fazem Chapman e Ulatowska (1989, p. 653):

afirma-se que o uso da referência é perturbado na afasia (Berko-Gleason et al., 1980; Cicone, Wapner, Foldi, Zurif, & Gardner, 1979; Matthews, 1981; Ulatowska, North & Macaluso-Haynes, 1981; Ulatowska et al., 1983). Esse padrão se manifesta na linguagem expressiva por uma distribuição anormal de pronomes e substantivos. Especificamente, a perturbação referencial na afasia é exemplificada pelo uso excessivo de substantivos ou de pronomes, pelo uso de pronomes sem um antecedente ao qual se refira, e pela baixa incidência de retomada referencial por um substantivo.”¹⁶

Considerando o exposto acima, a dêixis discursiva revela-se um interessante processo referencial a ser estudado no contexto afasiológico: a propalada ambiguidade referencial e o caráter excrescente que se atribui aos elementos dêíticos na fala de afásicos, em princípio,

¹⁶ Tradução nossa para: “use of reference is reportedly disrupted in aphasia (Berko-Gleason et al., 1980; Cicone, Wapner, Foldi, Zurif, & Gardner, 1979; Matthews, 1981; Ulatowska, North & Macaluso-Haynes, 1981; Ulatowska et al., 1983). The pattern of impairment is manifested in expressive language as an abnormal distribution of pronouns and nouns. Specifically, referential disruption in aphasia is exemplified by excessive use of nouns or excessive use of pronouns, use of pronouns without a prior noun referent, and infrequent reidentification by a noun form”.

parecem incompatíveis com o estabelecimento da função discursiva de focalização de atenção sobre elementos co(n)textuais promovida por sua força indicial.

Destarte, com o intuito de focalizar as funções dêitica e anafórica, que se entrelaçam na formação do híbrido em que consiste a dêixis discursiva, abordaremos o modo como esses processos referenciais vêm sendo tratados pelos estudos psicolinguísticos à luz do paradigma cognitivista.

Tomemos, primeiramente, o modo como a **dêixis** é abordada por tais estudos.

Uma hipótese corrente na área refere-se ao caráter compensatório dos dêiticos enquanto substitutos de itens lexicais mais específicos, os quais seriam de difícil acesso para os sujeitos afásicos. Considera-se que a opção pelos dêiticos seja um traço próprio do discurso dos afásicos fluentes, figurando como uma das estratégias conversacionais das quais esses sujeitos lançam mão para compensar seu déficit lexical, ao lado do uso de interjectivos, dos circunlóquios para descrição da palavra-alvo, da substituição desta por palavras “erradas” e/ou neologismos e a substituição por palavras menos específicas do mesmo campo semântico daquela pretendida (cf. Goodglass, 1993).

Citando o trabalho de Crystal (1984), Varley (1993), faz menção à hipótese aventada pelo autor para explicar a produtividade do uso dêitico na fala afásica, que se apoia na concepção modularista da gramática da língua. Supondo a existência de módulos distintos para o processamento sintático e o semântico, a ideia de Crystal (1984) é a de que a sobrecarga imposta ao módulo sintático para o processamento de sentenças mais longas pode levar o indivíduo que apresenta alterações de linguagem a neutralizar os custos empreendidos pelo módulo léxico-semântico. Com isso, os referentes mais específicos, nomes conceituais, seriam substituídos pela carência descritiva os dêiticos. Opera sob tais pressupostos, a concepção de nossa mente enquanto um computador, cuja capacidade é limitada em termos de uma potência máxima de processamento de dados.

A fim de testar essas duas hipóteses comumente utilizadas para a explicação do uso dêitico por afásicos, a pesquisa de Varley (1993) analisou as possíveis relações entre: i) o uso dêitico e a performance dos afásicos em testes de nomeação, para a avaliação de sua função compensatória de déficits lexicais e ii) o número de dêiticos e a extensão das sentenças em entrevistas semidirigidas, a fim de averiguar o papel desses elementos na atenuação do custo de processamento sintático. A pesquisa da referida autora contou com a

participação de sujeitos de quatro categorias, quais sejam, um grupo controle, sujeitos com lesões no hemisfério direito, afásicos fluentes e afásicos não fluentes.

Optando pelo método quantitativo para a checagem das hipóteses acima referidas, Varley (1993) não observou correlações significativas entre o uso dêitico e a performance nos testes lexicais, tampouco uma relação direta entre o número de dêiticos e o comprimento das sentenças em nível de grupos. A autora, contudo, observou a presença de um maior número de dêiticos na fala dos afásicos fluentes – o que confirmaria a percepção que se tem do caráter “semanticamente vazio” em sua fala –, bem como um menor uso dêitico pelos não fluentes em relação aos demais grupos participantes – o que seria, em princípio, explicado pela sua dificuldade com as categorias fechadas, ou gramaticais, refletida no processamento dos dêiticos.

Lesser e Milroy (1993) fazem menção a outros estudos afasiológicos de base cognitivista que apontam esse padrão do maior uso dêitico por afásicos fluentes e do menor uso por afásicos não fluentes. De acordo com as autoras, o trabalho de Bates et al. (1983) evidenciou um padrão “bizarro” para o uso de pronomes por afásicos de Wernicke, ao passo que os afásicos de Broca utilizam poucos pronomes. Os autores justificam o padrão observado pela hipótese da dificuldade de acesso lexical pelos primeiros.

Quanto ao menor uso de dêiticos por afásicos não fluentes, Lesser e Milroy (1993) fazem menção ao trabalho de Wepman e Jones (1996) que, assim como Varley, sugerem que em virtude da função mais gramatical dos pronomes, os afásicos não fluentes, que apresentam agramatismo, tendem a utilizar nomes conceituais no lugar dos indiciais. A explicação fornecida pelos autores também se apoia na hipótese modularista, considerando a imposição de um grande custo de processamento sintático dos pronomes, por sua natureza gramatical, em comparação com os nomes.

Apontados alguns pressupostos teóricos sobre a presença dos dêiticos na linguagem de pessoas afásicas, passemos, agora, ao modo como a **anáfora** vem sendo tratada no interior dos estudos psicolinguísticos no contexto afasiológico. De um modo geral, pode-se dizer que, no interior de tais estudos, esse processo referencial é equacionado à identificação correta do termo anaforizado, por meio de uma operação mental/individual de coindexação de um nome ou pronome ao seu antecedente (Edwards e Varlokosta, 2007; Rigalleau e Caplan, 2004).

A abordagem que se faz do fenômeno sob a perspectiva gerativa deixa entrever a primazia que esta teoria confere à sintaxe: o módulo gramatical é considerado mais básico e autônomo em relação a outros, como o semântico e o pragmático-discursivo, sendo responsável pela primeira etapa de processamento da coindexação.

Para melhor procedermos à exposição dessa abordagem, faz-se necessária uma breve explicação sobre o que Chomsky (1981, 1986 *apud* Edwards e Varlokosta, 2007) nos diz a respeito da operação envolvida no processamento da anáfora pronominal. De acordo com a teoria gerativa de “Governing and Binding”, há dois princípios estruturais sintaticamente definidos, que restringem ou promovem a ligação entre um pronome e seu possível antecedente. Trata-se do Princípio A e do Princípio B, reproduzidos abaixo tal como na obra de Chomsky (*ibid.*, p. 188):

- Principle A: An anaphor is bound in its governing category (Princípio A: A anáfora é ligado à categoria que a governa/rege)
- Principle B: A pronominal is free in its governing category (Princípio B: O pronome é independente da categoria que o governa/rege).

O primeiro princípio estaria relacionado à necessária coindexação dos pronomes a um NP que governa (*c-command*)¹⁷ o domínio local onde se encontram, ou seja, tais pronomes devem ser localmente relacionados ao seu antecedente imediato na sentença, como no exemplo a seguir: (1) “*He cut himself*” (‘*Ele se cortou*’). O segundo princípio trata da impossibilidade apriorística de coindexação do pronome pessoal ao NP que governa o domínio local onde este pronome se encontra, como no seguinte exemplo: (2) “*He likes John*” (‘*Ele gosta de John*’). O pronome pessoal “*he*” poderia ser coindexado a um NP fora de seu domínio local, como no exemplo (3) “*Paul said he likes John*” (‘*O Paulo disse que ele gosta do John*’), sendo “*he*” e “*Paul*” referentes a uma mesma entidade.

Uma vez que o processamento da anáfora, segundo a perspectiva gerativa, pressupõe, essencialmente, a atuação de módulos gramaticais, a abordagem desse processo referencial no contexto afasiológico é, em boa parte, orientada pela separação entre afasia de Broca e de Wernicke. O agramatismo apresentado pelos primeiros é visto como fator

¹⁷ Nas árvores sintáticas, a relação de “constituint-command” (*c-command*) é a relação de dominância estabelecida de um nó sobre outro nó que se encontra abaixo dele. Se A *c-comanda* B, é possível estabelecer um movimento de A para B, mas não de B para A.

que dificulta o estabelecimento da relação anafórica dos pronomes com seu antecedente (Grodzinsky et al., 1993; Rigalleau e Caplan, 2004; Edwards e Varlokosta, 2007).

Edwards e Varlokosta (2007) fazem menção ao estudo de Grodzinsky *et al.* (1993) que avaliaram a compreensão de sentenças com pronomes pessoais e pronomes reflexivos relacionados a um antecedente por 6 afásicos de Broca. Segundo os autores, a grande dificuldade apresentada pelos sujeitos em questão foi com a compreensão das frases com pronomes pessoais. A hipótese aventada para a explicação desse déficit de processamento é a de que haveria uma espécie de *Delay of Principle B Effect* (DPBE), que dificultaria a coindexação desses pronomes aos seus antecedentes.

Edwards e Varlokosta (2007), por seu turno, investigaram o processamento dos mesmos tipos de sentenças por 10 sujeitos agramáticos, em uma *judgement task*, na qual eles deveriam avaliar o valor de verdade de sentenças com relação a figuras que lhes eram apresentadas. Os referidos autores observaram grande dificuldade por parte desses sujeitos no processamento dos dois tipos de pronomes, reflexivos e pessoais, o que, a seu ver indicaria um déficit mais global na formação de dependências sintáticas (*A-dependency*) para o processamento da coindexação, que prejudicaria o estabelecimento das relações anafóricas pronominais.

Como vemos, tanto para Grodzinsky *et al.*(1983), quanto para Edwards e Varlokosta (2007), a explicação para o déficit de processamento de relações anafóricas por afásicos reside essencialmente no componente sintático de sua linguagem. Isso está em consonância com a própria definição fornecida para o distúrbio do agramatismo pelo quadro gerativista: assumindo a premissa *chomskiana* da autonomia da sintaxe, tem-se que o agramatismo é causado, essencialmente, pela perturbação na estrutura das árvores sintáticas, conforme explica Ahlsén (2006).

Questionando a primazia do módulo sintático no processamento linguístico, Rigalleau e Caplan (2004) consideram que, ainda que o princípio B possa atuar como um fator que orienta a coindexação, ele não é sempre suficiente para a identificação do antecedente apropriado fora do domínio local. Este tipo de coindexação, segundo os autores, também seria influenciado por outros fatores, entre os quais os autores destacam a concordância morfossintática entre o pronome anafórico e seu antecedente, bem como a acessibilidade do antecedente na memória de trabalho.

Destacando o papel dos elementos morfossintáticos, os autores em questão investigaram o papel do déficit de seu processamento quando nos pronomes. Isso porque, de acordo com Friederici (1985 *apud* Rigalleau e Caplan, 2004), o processamento da informação morfossintática dos elementos linguísticos pertencentes a classes fechadas (“closed classes”) seria, a princípio, deficitária por parte de afásicos de Broca, por conta do seu agramatismo.

É de nosso interesse, neste momento, apontar as duas hipóteses às quais Rigalleau e Caplan (2004) fazem menção para a explicação o déficit de processamento das relações anafóricas.

A primeira hipótese, adotada pelos autores, é a *Automaticity déficit hypothesis*, segundo a qual, os afásicos, diferentemente dos não afásicos, não conseguem coindexar o pronome ao seu antecedente de modo automático, sem ter consciência disso. A hipótese em questão focaliza, estritamente, fatores linguísticos atuantes no processamento da anáfora.

A segunda hipótese à qual os referidos autores fazem menção, a *Anaphoric déficit hypothesis*, considera que a operação anafórica, por prever a manutenção da identidade do referente anteriormente mencionado, impõe maiores custos de memória, especialmente aos sujeitos de Broca, cuja memória de trabalho é qualificada como deficitária por alguns estudos afasiológicos (Martin e Gupta, 2004; Miyake et al, 1994 *apud* Edwards e Varlokosta, 2007).

Conforme apontam Rigalleau e Caplan (2004), essa última hipótese deixa entrever a concepção de um processamento cognitivo mais estratégico, uma vez que pressupõe maior agência por parte do indivíduo sobre as informações que possui, não procedendo à coindexação de modo automático. A associação do componente da memória à explicação para o déficit em questão está relacionada ao movimento dos estudos psicolinguísticos de atender para os “outros sistemas cognitivos ou comportamentais envolvidos na aquisição e no uso da linguagem” (Balieiro Jr., *op cit*, p. 179). De todo modo, tal hipótese ainda deixa entrever uma concepção fortemente referencialista de linguagem, uma vez que pressupõe, na anáfora, a manutenção da identidade do referente.

Conforme apontamos na subseção anterior, há também estudos psicolinguísticos que, ainda salientando o conhecimento gramatical dos falantes na explicação de sua linguagem, pautam-se por um enfoque não modularista. Isto é: tais estudos passam a

questionar a centralidade da sintaxe e atentar para a contribuição de outros níveis linguísticos, como o morfológico e o semântico, entre outros, considerando que “não há limites para os níveis de conhecimentos linguísticos, com uma troca ativa de informações entre esses níveis” (ibid., p. 181).

O reflexo desse tipo de abordagem nos estudos afasiológicos pode ser observado no estudo de Blumstein *et al.* (1983) acerca da compreensão de relações anafóricas pronominais por sujeitos afásicos, contando com a contribuição de pistas morfológicas, lexicais e sintáticas. No experimento conduzido pelos autores, foram apresentadas sentenças teste a 15 afásicos (5 de Wernicke, 5 de Broca e 5 de condução), com base nas quais, esse sujeitos deveriam apontar a figura a elas correspondentes. Foi observado que, em nenhum dos três subgrupos de afásicos, as pistas sintáticas, quando introduzidas isoladamente, contribuíram para a compreensão da sentença. Entretanto, quando elas eram combinadas a pistas lexicais e/ou morfológicas, facilitava-se consideravelmente o processamento das sentenças e a escolha da figura correta pelos afásicos. O achado, segundo os autores, é uma evidência de que “a compreensão da referência não é um processo unitário, mas envolve a apreensão de múltiplas dimensões ou pistas fornecidas pela sentença” (ibid., p. 124¹⁸).

Postos em cena alguns pressupostos teóricos e estudos afasiológicos psicolinguísticos de orientação cognitivista sobre a dêixis e a anáfora, processos referenciais que se entrelaçam no estabelecimento da dêixis discursiva, passamos, agora, às limitações com as quais tais abordagens podem se defrontar.

Primeiramente, fica patente que a perspectiva cognitivista da anáfora, notadamente aquela de orientação gerativista, equaliza o processo à relação gramatical entre duas expressões linguísticas. Concordamos com Cornish (1999, p. 36) que essa concepção de anáfora parece estar pautada por exemplos inventados, para os quais o pesquisador “toma o cuidado de incluir nos exemplos construídos para esse propósito um candidato aceitável para ser o antecedente do anafórico em questão”¹⁹. O autor destaca que:

¹⁸ Tradução nossa para: “the comprehension of reference is not a unitary process, but rather turns on the multiple dimensions of cues provided in the particular sentence.”

¹⁹ Tradução nossa para: “(...) where the investigator is careful to include in the examples constructed for the purpose a suitable candidate antecedent expression for the anaphor(s) at issue”.

Exemplos de ocorrências naturais, emergentes em contextos comunicativos específicos – particularmente na variedade falada, mas, também, (...) na variedade escrita – geralmente, mostram certa independência da dimensão (intra)textual e uma grande sensibilidade às estruturas de memória que são ativadas, construídas, adaptadas, e “gerenciadas” de acordo com os interesses de propósitos discursivos específicos²⁰. (ibid., p. 36)

Em segundo lugar, de um modo geral, fica claro que tais estudos pautam-se, em larga medida, pela separação entre o que seriam os “sintomas linguísticos” da afasia de Broca e da afasia de Wernicke, bem como pela separação entre o normal e o patológico. Diante disso, cumpre apontarmos, ainda que brevemente, as possíveis limitações enfrentadas por uma abordagem da função referencial nas afasias fortemente ancorada nas duas dicotomias em questão.

Primeiramente, conforme assinala Gandolfo (2006), a dicotomização presente na semiologia das afasias costuma resultar em diagnósticos que se baseiam na manifestação de um único sintoma, a fim de incluir o quadro afásico apresentado em uma determinada síndrome.

A problemática que esse tipo de prática diagnóstica traz é que, como nos lembra Ahlsén (2006), as definições tradicionais de paragramatismo e de agramatismo dificilmente mantêm-se integralmente, especialmente quando no contexto de línguas de grande variação morfológica, como o Italiano, ou de morfemas gramaticais que não podem ser omitidos, como o Hebraico. A autora argumenta que “a fronteira entre o agramatismo e o paragramatismo se deve mais a sua ocorrência em certos tipos de síndromes afásicas do que a qualquer motivação neurolinguística” (ibid., p. 69²¹).

Além disso, afirma Goodglass (1993) que um traço como a anomia, tradicionalmente atribuída à afasia de Broca, é um *deficit* linguístico comum a todos os tipos de afasia, podendo ser considerada uma espécie de síndrome mais geral, uma vez que,

²⁰ Tradução nossa para: “Yet naturally occurring examples embedded in communicatively specific contexts of utterance 0 particularly of the spoken variety but (...) of the written type as well - often show an independence from the (intra)textual and a greater sensitivity, rather, to the memory structures being activated, constructed, adapted, and ‘managed’ in the interests of specific discourse purposes”.

²¹ Tradução nossa para: “the borderline between agramatism and paragrammatism might thus have been more due to their occurrence with certain aphasic syndromes than to any neurolinguistic motivation”.

tomada de forma isolada, a capacidade de nomeação não define a síndrome afásica do indivíduo, mas sim a presença de outros *deficits* a ela associados, como o próprio agramatismo. Isso porque a perturbação de classes funcionais (ou “fechadas”) e a dificuldade em produzi-las que caracteriza o agramatismo pode ser considerada uma forma de anomia, para além da dificuldade de produção de categorias nominais, como substantivos, adjetivos e verbos, por parte dos afásicos de Broca, paragramáticos.

Assim, é importante destacarmos de que maneira esses dados se revelam um impasse a teorias de base mentalista/cognitivista. Fosse a linguagem redutível a uma faculdade mental inata, como o quer o Gerativismo, seria possível estabelecer uma correlação direta entre a lesão cerebral circunscrita a uma dada região cerebral (anterior ou posterior) e a manifestação de uma mesma competência linguística para os sujeitos que adquirissem um tipo ou outro de lesão. Contudo, a variação dos “sintomas linguísticos” observada nos quadros de afasia não nos permite reduzir a explicação para a linguagem essencialmente em termos de uma forma de cognição mental e individual. Por essa razão, o engajamento dos sujeitos afásicos, após o AVC, em experiências sociointerativas e práticas de linguagem parecem-nos ser uma explicação plausível para a variação observada.

Em segundo lugar, constituindo-se como outra limitação da abordagem referencialista, temos a rígida separação entre o normal e o patológico em tais estudos, que, partindo de pressupostos lógico-semânticos, reservam à dêixis e à anáfora o lugar da propalada indeterminação referencial da afasia, decorrente de *deficits* essencialmente cognitivos/internos. Em linhas gerais, a dêixis, segundo tais estudos, exerce uma função compensatória para a indisponibilidade das categorias linguísticas com as quais se “localiza” ou identifica o referente, ou para o *deficit* do módulo sintático, compensado pela neutralização do custo de processamento do módulo semântico mediante a eleição da carência descritiva dos indiciais. A anáfora, por sua vez, é tomada como uma operação referencial deficitária pela perturbação e/ou alteração de conhecimentos gramaticais, bem como de outros componentes cognitivos.

Tal análise dos *deficits* afásicos é tomada por Goodwin (2003, p. 90) como consequência da proposta investigativa da abordagem cognitivista, uma vez que esses estudos acabam por desconsiderar a contraparte social da linguagem, por se voltarem

estritamente para a explicação da sua organização mental, partindo de distúrbios particulares. Ainda segundo este autor:

quando a análise vai além das habilidades de um indivíduo isolado, descobre-se que a atividade dos interlocutores, e mais comumente a organização da fala em interação, fornecem estruturas cruciais que permitem ao sujeito portador de uma afasia severa construir, por sua fala, ações significativas.” (ibid, p. 90²²)

De modo semelhante a Goodwin, Gandolfo (2006) assinala que, para escapar à dicotomia presente no binômio normal/patológico, os estudos afasiológicos devem voltar-se para aspectos considerados externos à língua, desde a separação desta da fala pela perspectiva *saussureana*. Assim, afirma a autora que “há um domínio cognitivo da linguagem que tem que levar em conta sua exterioridade e não apenas a realidade cerebral, incorporando-se a outros domínios linguísticos” (ibid, p. 87).

Com isso, apenas uma análise voltada para o uso concreto da língua em situações interativas, que atenta para os aspectos subjetivos, interativos e socioculturais, pode dar conta do processamento da linguagem em sua abrangência e evidenciar de que modo processos vistos como patológicos podem ser considerados parte do fenômeno linguístico-cognitivo em si.

Isto posto, na subseção seguinte, abordaremos estudos afasiológicos que, visando à reposição dos fatores considerados “externos” à linguagem, observam-na em contextos interativos dos quais participam os sujeitos afásicos. Partindo de uma perspectiva sociocognitiva, tais estudos consideram as ações/práticas linguísticas levadas a cabo por afásicos em conjunto com seus interlocutores, o que, como veremos, lhes permite fornecer outro tipo de explicação para as atividades referenciais no contexto patológico.

3.3. Abordagens conversacionais/interacionais

Os estudos afasiológicos da Psicolinguística clássica, influenciados pelo pressuposto estruturalista da homogeneidade da língua, acabam por não abordar aspectos considerados

²² Tradução nossa para: “when analysis move beyond the abilities of the isolated individual, we find that the activities of interlocutors, and more generally the organization of talk-in-interaction, provide crucial frameworks that enable someone with severe aphasia nonetheless to construct meaningful action within states of talk”.

externos a ela. Focalizando o individual em detrimento do social, tais estudos equalizam a atividade referencial do falante à identificação do referente via categorias armazenadas em sua mente. Desse modo, no caso da afasia, a escassez do significante que, como apontamos no segundo capítulo desta dissertação, leva os sujeitos a se empenharem conjuntamente e constantemente na produção do sentido (Miranda, 2009) é tomada estritamente como fruto de déficits afásicos.

Voltando o seu olhar para o uso concreto da linguagem em situações interativas, estudos que se orientam por uma perspectiva sociocognitiva oferecem um contraponto, em termos teóricos e metodológicos, aos psicolinguísticos, para a abordagem das alterações de linguagem afásicas. Nesta seção, no que concerne às atividades referenciais por parte dos sujeitos afásicos, faremos menção aos estudos de áreas que se voltam para a produção discursiva desses falantes, pelo viés da Análise da Conversação (doravante “AC”) e da Linguística Textual (doravante “LT”), que nos fornece o dispositivo teórico-analítico para a presente dissertação.

Adotando o referencial teórico da AC, Carragher *et al.* (2012) consideram a eleição da conversação enquanto o *locus* da pesquisa sobre a linguagem de sujeitos afásicos uma opção teórico-metodológica muito produtiva, pois impõe demandas às habilidades de processamento linguístico e cognitivo que são, a princípio, irreplicáveis em testes individuais/monológicos. Assim, sobre a relevância teórica da conversação para os estudos afasiológicos, os autores apontam que:

A conversação é a atividade comunicativa mais frequente da vida cotidiana. (Davidson, Worrall, & Hickson, 2003) e, por isso, representa uma situação na qual as pessoas com afasia (PCA) devem, potencialmente, lidar com seus déficits linguísticos. (...) a natureza online da conversação torna as respostas imediatas necessárias, havendo pouco ou nenhum tempo para turnos de fala pré-planejados (...) A conversação é interativa pelo fato de os turnos de fala normalmente serem construídos para que sejam compreendidos na relação com os turnos de fala anteriores dos outros participantes e também pelo fato de que os turnos serem co-construídos por mais de um falante (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974). (ibid, s/p²³)

²³ Tradução nossa para: “Conversation is the most frequent communicative activity in daily life (Davidson, Worrall, & Hickson, 2003) and therefore represents a potentially daily situation in which PWA must manage their linguistic deficits. Most PWA have some frequent interaction with others, such as family, friends, neighbours, healthcare workers, shop assistants, or telephone callers. (...) the online nature of conversation makes necessary and relevant immediate responses, with little or no time for pre-planning turns. (...) conversation is interactive in that the current speaker’s turn is typically built to be understood in relation

A nosso ver, a observação que fazem Carragher et al. (2012) sobre o modo como se dá a dinâmica dos turnos conversacionais, unidade de análise focalizada pelos autores, evidencia a ação conjunta que marca a conversação e, por extensão, a linguagem.

É precisamente isso que observamos na pesquisa de Wilkinson (2009), por meio da análise de interações videogravadas entre um senhor afásico com dificuldades de seleção lexical e a sua esposa não afásica. De acordo com o autor, uma série de elementos que constituem o turno de fala do sujeito afásico contribuem para a construção de uma projeção do referente a ser instaurado, abrindo espaço para a atuação de sua interlocutora na construção referencial. Isso evidencia o fato de que “(...) os aspectos da produção linguística, como a produção de um nome resultam não apenas de processos neuropsicológicos, mas também das práticas interacionais” (ibid, p. 2²⁴), pois a análise da conversação espontânea mostra que, à maneira do que se observa em contextos não patológicos, a construção da referência se dá por uma ação conjunta dos falantes.

O achado de Wilkinson (2009) vai ao encontro do que Morato (2001) aponta sobre a linguagem dos sujeitos afásicos, considerando as análises desenvolvidas pela autora e por seu grupo de pesquisa “Cognição, Significação e Interação” (COGITES)²⁵, cujos *corpora* são, em sua grande maioria, constituídos de dados linguístico-cognitivos de interações entre afásicos e não afásicos. Dado que a determinação do sentido se dá na/ com relação ao outro, a autora pontua que:

A linguagem de sujeitos afásicos não parece ser em si mais indeterminada que a linguagem de sujeitos não afásicos; contudo, a determinação da linguagem (e do sentido) no contexto patológico parece depender mais fortemente da presença e do papel de seus interlocutores. (ibid, p. 72)

to other participants' prior turns and also in that turns may be co-constructed by more than one speaker (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974)”.

²⁴ Tradução nossa para: “ features of language production, such as the production of a name, can be seen not only as the outcome of Neuropsychological processes but also of interactional practices”.

²⁵ Congregando pesquisadores de Iniciação Científica a Pós-doutorado nas áreas da Linguística, Medicina, Fonoaudiologia, Filosofia, Artes Cênicas e Pedagogia, o grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” busca, por meio da análise de práticas linguístico-interacionais, mais notadamente práticas no contexto das afasias, estudar a relação entre linguagem e cognição. Site do grupo: <http://cogites.iel.unicamp.br/>

Como exemplo do que assinala a autora, o estudo de Morato *et al.* (2012), à luz de pressupostos teórico-analíticos da LT, mostrou que, no processo de construção referencial em interações entre afásicos e não afásicos, comparecem outros elementos além das expressões referenciadoras típicas. Nas interações entre afásicos e não afásicos do Centro de Convivência de Afásicos – contexto interativo por nós escolhido – a atuação de processos implícitos e multimodais na modelação dos referentes, tais como as predicções, as inferências e o conhecimento construído pelos interactantes. Desse modo, a carência metalinguística das afasias não impede a participação dos afásicos na produção e compreensão da linguagem.

Também citamos o estudo de Hebling (2009), dedicado à análise dos processos reformuladores empregados por sujeitos afásicos e não afásicos do CCA. A autora observou uma regularidade nas práticas de reformulação levadas a cabo por esses sujeitos, marcada pela multifuncionalidade também observada em contextos não patológicos: as reformulações se davam sobre o dito e o modo do dito dos enunciados, o que evidencia uma forte imbricação entre o linguístico e o interacional nessas práticas. Hebling (2009) ainda chama a atenção para outros processos ali atuantes, característicos e constitutivos do caráter *online* das reformulações: as interrupções, as hesitações, os marcadores discursivos e os processos multimodais.

Tagliaferre (2008), por seu turno, investigou o funcionamento das repetições na fala de dois sujeitos afásicos participantes do CCA: SI, com afasia de Wernicke, e NS, com afasia de Broca. A autora observou que os dois sujeitos produziram todos os tipos de repetições, havendo maior presença de heterorrepetições na fala de ambos, fato que atribui ao caráter conversacional do ambiente do CCA. Esse dado é importante, pois revela a presença do caráter colaborativo do processo de construção dos sentidos no contexto das afasias.

Partindo da concepção de corpo postulada por Merleau-Ponty, que toma corporeidade como resultante da relação entre o corpo ontológico (dimensão biológica) e o sócio-histórico (dimensão social), Vezali (2011) abordou a relação fala/gesto nos casos de referenciação dêitica por sujeitos afásicos e não afásicos do CCA. O autor pôde observar que os gestos dêíticos não comparecem na fala afásica de forma compensatória, coocorrente ou excludente à fala, mas “participam da construção do sentido referencial

(referenciação dêitica) de maneira especificam não redutível à significação linguística” (ibid., p. 101). Assim, ainda que se observe uma riqueza gestual na fala dos afásicos o autor salienta a relação de mútua constitutividade entre o verbal e o não verbal, entre as formas de cognição, e entre as ações dos sujeitos, que reafirma o caráter intersubjetivo da corporeidade.

Postos em cena alguns pressupostos sobre as atividades referenciais e demais processos linguísticos no contexto das afasias, quando no interior dos estudos conversacionais/interacionais, passemos, agora, especificamente, à apresentação de pesquisas que, ao se voltarem para a fala em interação no contexto das afasias, possibilitam a rediscussão do estatuto tradicionalmente atribuído aos processos referenciais dêiticos e anafóricos.

Costa *et al.* (2013) procederam a um levantamento e análise dos tipos de dêiticos encontrados na fala em interação entre afásicos e não afásicos na tentativa de “entender os mecanismos dialógicos estabelecidos no grupo de convivência e oferecer desta forma estratégias para a superação das dificuldades enfrentadas por esses sujeitos” (ibid, p. 69). Para tanto, os autores procederam à transcrição de conversações videogravadas entre os participantes do grupo de interação entre afásicos e não afásicos por eles coordenado, nas quais foram observados, em ordem decrescente de prevalência, dêiticos temporais, discursivos, pessoais, espaciais e sociais, que salientam a dimensão intersubjetiva de nossa linguagem.

O achado de Costa *et al.*(2013) aproxima-se do que encontramos em nossa pesquisa de Iniciação Científica anteriormente desenvolvida. Nela, procedemos ao levantamento e à análise de elementos dêiticos de noção espacial em interações entre afásicos e não afásicos frequentadores do CCA. Contrariando a hipótese propalada no interior dos estudos afasiológicos de que o dêitico atua prioritariamente enquanto um compensador para déficits de seleção lexical, observamos que as ocorrências encontradas contribuíam para a construção referencial de modo multifuncional. Essa multifuncionalidade pôde ser observada pelos seguintes escopos referenciais que se estabeleciam a partir desses elementos: i) o espaço do ambiente físico da conversação, casos tipificados como dêiticos espaciais ii) o espaço textual-discursivo, casos dos dêiticos discursivos e iii) um espaço metafórico, casos tipificados como dêiticos metafóricos.

Os estudos sobre dêixis acima referidos deixam entrever a produtividade do processo referencial em questão no discurso afásico, que, em lugar de meramente compensar os déficits linguísticos desses falantes, possibilita a construção referencial de modo semelhante ao que se observa no contexto não patológico.

Quanto à abordagem da anáfora por estudos afasiológicos de cunho conversacional, citamos o de Peng (1992). A autora procedeu ao levantamento do estatuto fórico de itens referenciais, como pronomes pessoais, demonstrativos e comparativos, presentes na fala de um sujeito afásico (RT) e na de um não afásico (AW), ambos com idade de aproximadamente 80 anos. Os dados da referida pesquisa foram transcritos a partir dos registros audiovisuais de interações de cada um dos participantes com o pesquisador, em uma espécie de entrevista sobre viagens que ambos haviam feito à Europa.

Contrariando a ideia de que os pronomes na fala de sujeitos afásicos costumam ser empregados sem referência a um antecedente específico, a autora observou a prevalência do estatuto anafórico dos pronomes tanto na fala de afásicos, quanto na de não afásicos, sendo os pessoais os mais representativos em ambas. Peng (1992) também faz menção ao fato de que a totalidade dos pronomes demonstrativos figurou na fala do senhor afásico em função anafórica, dado que permite rediscutir o caráter essencialmente compensatório que se atribui aos elementos de noção dêitica..

Ao observarmos os achados dos estudos acima mencionados, fica patente que o empreendimento recente dos estudos afasiológicos de investigarem as alterações de linguagem de afásicos em contextos interativos, como nos aponta Gandolfo (2006), possibilita repensar o estatuto essencialmente patológico a ela atribuído. Com relação aos processos referenciais, a tomada do pressuposto do caráter interativo de nossa linguagem nos leva à observação de que, seja na presença da afasia, seja em contextos normais, é na relação com o outro e em relação ao o outro que se dá a construção do sentido (cf. Morato, 2001).

4. METODOLOGIA

4.1. O Centro de Convivência de Afásicos: espaço de interação e produção de dados

Os dados desta pesquisa integram o *AphasiAcervus*, acervo de dados linguístico-interacionais do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (COGITES²⁶), relativos aos encontros semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). Nossos dados são oriundos da seleção e da transcrição de ocorrências de dêiticos discursivos nesse contexto interativo, processo melhor detalhado na última seção do presente capítulo.

Com o intuito de “enfrentar o isolamento social e proporcionar aos afásicos situações de uso da linguagem e demais rotinas significativas da vida em sociedade”, pesquisadores das áreas de Linguística e de Neurologia da Universidade Estadual de Campinas empenharam-se conjuntamente na criação do Centro de Convivência de Afásicos, no ano de 1989 (Morato *et al.*, 2002, p. 52).

Dos encontros do CCA aqui focalizados, participam 9 sujeitos afásicos e 6 não afásicos (professores e pesquisadores)²⁷. Vale lembrar que a maior parte dos afásicos em questão apresenta a denominada afasia de Broca, ou “não fluente”, cujos problemas de linguagem são, essencialmente, de ordem expressiva, tais como a fala telegráfica, o agramatismo e alterações fonoarticulatórias.

Nos encontros do CCA são desenvolvidas duas principais atividades: o Programa de Linguagem e o Programa de Expressão Teatral. O primeiro visa à exploração de aspectos constitutivos da linguagem, por meio de diferentes práticas, tais como os diálogos, os comentários, as narrativas, cujos tópicos podem ser notícias que ocorrem no Brasil e no mundo, bem como eventos pessoais. O segundo, que também inclui trabalhos relativos à

²⁶ Congregando pesquisadores de Iniciação Científica a Pós-doutorado nas áreas da Linguística, Medicina, Fonoaudiologia, Filosofia, Artes Cênicas e Pedagogia, o grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” busca, por meio da análise de práticas linguístico-interacionais, mais notadamente práticas no contexto das afasias, estudar a relação entre linguagem e cognição. Site do grupo: <http://cogites.iel.unicamp.br/>

²⁷ Encontram-se, em anexo, breves descrições dos sujeitos afásicos e não afásicos participantes das interações analisadas. Constam, na descrição dos afásicos, dados pessoais, quadro neurológico e semiológico após o episódio neurológico sofrido, e o histórico de sua participação no CCA. Na descrição dos sujeitos não afásicos, pesquisadores, constam dados relativos à sua formação acadêmica e profissional e a descrição de sua atuação no interior das atividades do CCA.

linguagem, como articulação/projeção vocal e exercícios de criatividade e improvisação, tem como foco a reorganização expressiva da do sujeito afásico. Esses dois enquadres interativos são intercalados pela Pausa para o café, momento no qual os integrantes do CCA se dedicam à preparação conjunta do café da manhã que tomarão ao redor da mesa.

Os dados que constituem nosso *corpus* são oriundos do Programa de Linguagem, bem como da Pausa para o café, escolha cujas implicações teórico-metodológicas cumpre, agora, apontarmos.

Conforme mencionamos no capítulo anterior, os estudos psicolinguísticos clássicos, partindo de uma noção de competência linguística restrita ao nível individual/mental, abordam a referência linguística em termos de uma perspectiva lógico-semântica. Ou seja: o falante lança mão dos símbolos estocados em sua mente para identificar os referentes no mundo. Em virtude disso, os trabalhos que se dedicam à abordagem dos dêiticos e anafóricos na fala de afásicos têm como metodologia a aplicação de testes de nomeação, de processamento de sentenças isoladas, bem como a produção de monólogos por esses sujeitos por meio de perguntas.

Posteriormente, vimos que estudos que adotam pressupostos teórico-metodológicos de correntes mais sociocognitivamente orientadas voltam-se à abordagem das alterações afásicas de linguagem em contextos interativos, reconhecendo o caráter de ação conjunta de nossas práticas linguísticas e, com isso, da produção da referência. Adotando tais pressupostos, consideramos que a análise do processo referencial da dêixis discursiva no interior de um espaço de interação entre afásicos e não afásicos, mais especificamente do Programa de Linguagem e da Pausa para o café, mostra-se uma escolha bastante produtiva.

De um modo geral, o Programa de Linguagem visa a atuar positivamente “na restituição de papéis sociais, na partilha de um espaço simbólico, no fortalecimento de quadros interativos, na recomposição da subjetividade, na caracterização do CCA como uma espécie de microcosmo social” (MORATO, 2010, p. 18). Nele, são estabelecidas práticas de linguagem tais como a compartilha de eventos pessoais, a discussão sobre temas da atualidade e, também, a produção conjunta do jornal anual do CCA, que envolve a discussão sobre os temas acerca dos quais se pretende escrever, bem como a escrita com o auxílio dos pesquisadores. Na Pausa para o café, a ocorrência de práticas como o debate

sobre notícias do cotidiano e o relato de eventos pessoais fazem com que este enquadre também se configure como um espaço de comunicação e significação.

Ademais, outro aspecto que caracteriza e aproxima os dois enquadres focalizados e que os torna interessantes para o estudo da DD é a sua organização espacial. Ao centro da sala reservada às atividades do CCA, está uma mesa retangular ao redor da qual se reúnem os integrantes. Esse arranjo, a nosso ver, facilita a convergência do direcionamento dos corpos e dos olhares, pelo acesso que se tem a gestos, mesmo quando na presença da dificuldade afásica ou não de implementá-los. Assim, em alguma medida, potencializam-se as possibilidades de monitoramento mutuo, formando-se um espaço bastante propício à construção de um foco de atenção comum pelas ações de linguagem dos sujeitos.

Isto posto, a relevância da escolha de investigar o funcionamento da DD nas atividades linguísticas desenvolvidas no Programa de Linguagem deve-se ao fato de que, nas práticas nele desenvolvidas, fica patente a necessidade da construção de um foco comum de atenção pelos interactantes, ancorada em outro aspecto que favorece a emergência desse processo referencial: o *common ground*²⁸ compartilhado pelos participantes do CCA (Mira, 2007).

Pensamos que esse caráter profundamente intersubjetivo e perspectivo das interações que ocorrem no CCA enquanto um ambiente conversacional favorece a emergência do processo referencial da DD, que envolve a introdução de uma expressão referencial que leva em consideração as escolhas interpretativas de que dispõem os sujeitos para a sua compreensão.

Exploradas brevemente as motivações de nossa investigação da DD no contexto interativo dos encontros do CCA, faremos, agora, a descrição das atividades de constituição do *corpus* de ocorrências de DD.

4.2. Aspectos teórico-metodológicos da constituição do *corpus*

²⁸ Segundo Clark e Brennen (1991), o *common ground* refere-se aos conhecimentos, crenças e pressuposições mutuamente compartilhados que permite aos interactantes coordenarem suas ações em uma ação conjunta. Os autores apontam um processo de mútua constitutividade entre o *common ground* e as ações coletivas, pois, ao mesmo tempo em que são construídas com base nesse conhecimento partilhado, as ações coletivas permitem a sua atualização.

O processo de coleta dos dados desta pesquisa iniciou-se com a observação de gravações audiovisuais referentes ao Programa de Linguagem e à Pausa para o café de 22 encontros do CCA do ano de 2010 – o que perfaz um total de 44 horas.

Mediante a observação dos encontros escolhidos, transcrevemos as ocorrências de DD presentes nos fragmentos conversacionais selecionados. Considerando o comum recurso aos elementos não verbais no contexto interativo escolhido, especialmente por parte dos sujeitos afásicos, o sistema de notação escolhido foi aquele adotado por Morato et al. (2011), que possibilita um maior detalhamento da natureza multimodal dos dados e atenção aos recursos dos quais lançam mão os interactantes do CCA em suas práticas de linguagem, assim como os vários processos de significação verbais e não verbais que nelas se apresentam. Cumpre salientarmos ainda que a sobreposição de vozes que caracteriza a fala em interação, bem como a característica da DD de reativar informações difusas, agrega maior complexidade à tarefa de transcritor, demandando bastante atenção e cuidado.

O *corpus* constituído para esta pesquisa conta com um total de 20 extratos conversacionais, dos quais selecionamos 10 para analisarmos na presente dissertação, escolha que se justifica pelo enfoque qualitativo desta pesquisa. Apesar da priorização dessa metodologia, vale lembrar que, quando necessário, poderemos recorrer a levantamentos quantitativos, para a obtenção de uma percepção mais apurada do processo que aqui estudamos.

5. ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, o presente capítulo dedica-se à análise das ocorrências de dêixis discursiva (DD) por nós selecionadas em extratos conversacionais de interações entre sujeitos afásicos e não afásicos.

Em seguida, faremos uma discussão sobre os dados analisados, buscando explicitar as distinções e aproximações que podemos fazer sobre o processo referencial em questão na fala de afásicos e na de não afásicos frequentadores do CCA. Desse modo, pretendemos contribuir para o entendimento das relações entre o estado normal e o patológico da linguagem no que diz respeito aos processos referenciais.

5.1. Exploração do *corpus*

Encontram-se abaixo os 10 episódios conversacionais por nós selecionados, apresentados juntamente com a descrição do contexto no qual emergem as ocorrências de DD a serem analisadas à luz dos pressupostos teórico-analíticos da Linguística Textual.

Como será observado, o sistema de notação que adotamos marca a presença de fenômenos constitutivos da modalidade falada da linguagem, tais como as sobreposições de turnos, as pausas, os truncamentos, os traços prosódicos em termos da altura e do alongamento vocálico e os gestos e/ou direcionamento do olhar em conjugação com a fala. Em negrito, destacamos as expressões referenciais com dêitico referentes às ocorrências de DD analisadas.

EPISÓDIO 1

Corpus: *AphasiAcervus* (16/09/2010)

Pesquisadores: EG, AM e EM.

Afásicos: VM, MN, LM, EC, SP e RL.

Contexto: O grupo está reunido ao redor da mesa. A interação se dá, principalmente, entre a pesquisadora EM e a afásica MN, sentadas uma ao lado da outra. MN conta ao grupo que foi ao cinema, mas não se recorda do nome do filme que assistiu. EM, então, ajuda MN a procurar pelo nome do filme na seção de cinema do jornal e, ao encontra-lo, lê a sua sinopse para MN os demais integrantes do grupo ali presentes.

1 MN: eu também fui ao cinema ((volta-se para EM))
2 EM: ah é/... ah legal.. que que a senhora viu/ ((volta-se para MN))
3 MN: ai (eu num lembro)... não sei o que é
4 em: +ergue o indicador direito, gesto indicando que teve uma ideia+
5 EM: é:: me alcança +ali o jornal+ por gentileza RL
6 em: +aponta para o jornal que está ao lado de RL, a sua frente+
7 MN: [era a vi]&
8 EM: [sobre o chico xavier/]
9 MN: &isso
10 EC: a:: eu sei
11 EM: é um filme baseado numa:: vamo ver o nome aqui se a senhora
12 lembra
13 VM: eu:: eu vou
14 EM: cê tá afim de ver esse filme/
15 VM: isso mesmo
16 EM: cê sabe o nome do filme/
17 VM: é::
18 EM: cê lembra o nome do filme ou não/
19 VM: não
20 EM: vamo ver aqui dona MN se::
21 MN: (SI)
22 EM: Ô: que bacana... então as meninas foram no:-no cinema... vamos
23 ver o nome do filme para aqueles que quiserem ir depois... aqui tem
24 a relação dona MN... vamo ve aqui ((vira as folhas do jornal))...
25 por acaso é +esse aqui+
26 em: +aponta para o jornal+
27 MN: a: é... "nosso lar"... é esse mesmo ... eu não lembrava
28 EM: "nosso lar"... né... depois a gente vê a história do seu aqui
29 ((para AM, que está do seu outro lado e que também foi ao cinema))
30 "nosso lar"... olha aqui ((põe a mão no braço de MN que está ao seu
31 lado)) vê se coincide... se tá certa a narrativa... após a morte um
32 médico é resgatado para morar numa cidade espiritual... ele terá de

33 mostrar virtudes para voltar à vida material e reencontrar a
34 família... baseado em livro psicografado por chico xavier... é um
35 filme espírita então...

36 MN: i::sso

37 EM: a:... é **essa** a **história**/... é mesmo **essa história**/... a senhora
38 gostou dona MN/

39 MN: eu gostei... mas quem gosta de coisas assim mais ordinárias não
40 gosta... mas eu gostei

41 EM: entendi... entendi

42 MN: porque ele vem pra terra

43 EM: **tudo isso** no filme mostra/

44 MN: sim

É interessante observar, no início do episódio interacional, a construção do objeto discursivo referente ao filme “Nosso lar”, assistido por MN, praticante da Doutrina Espírita. Podemos considerar que a sua determinação referencial alcançada por EM se deve ao entrelaçamento de alguns fatores, quais sejam, o *prompting* fornecido por MN para a palavra “vida” na linha 7, o compartilhamento de informações sobre os participantes da comunidade de práticas do CCA (cf. Mira, 2012), e o conhecimento enciclopédico relacionado ao filme sobre o espírito André Luiz, que estava em cartaz no tempo da produção discursiva em questão. Trata-se de um momento exemplar de como a construção referencial é um processo situado, uma vez que nela atuam desde elementos fornecidos pela dimensão mais local da interação – no caso o *prompting* de MN – até aqueles que são ali incorporados, estruturados também por interações anteriores – como o conhecimento sobre a prática religiosa de MN e o fato de o filme em questão estar em cartaz no tempo presente.

Posteriormente, a pesquisadora EM lê a sinopse do filme assistido pela afásica MN, que tem como objeto de discurso o protagonista do filme “Nosso lar”. Após a confirmação por parte de MN de que se trata de um filme espírita, EM produz um dêitico discursivo pelo sintagma nominal “essa história” que encapsula a porção textual produzida anteriormente na qual figuram as informações sobre o protagonista. Assim, por meio do processo de encapsulamento dessas informações, elas são elevadas à categoria de objeto de discurso.

Transformado em um referente textual, o objeto em questão continuará a ser topicalizado: MN, na linha 42, produz um segmento textual que contribui para a construção do tópico que ali se desenvolve – a vida do protagonista do filme por ela assistido. Após a inserção de MN, que provê uma informação nova, EM produz um novo encapsulamento por meio do dêitico discursivo “tudo isso”, responsável pela refocalização das informações suporte do primeiro encapsulamento por ela produzido, bem como da nova informação introduzida no modelo textual por meio do segmento produzido por MN.

Nesse caso, podemos observar o que nos aponta Marcuschi (2006) sobre a relação entre referenciação e tópico: o processo de construção referencial contribui para a estruturação e gestão do tópico discursivo, na medida em que o encapsulamento de informações relativas ao protagonista do filme permite que ali, pontualmente, se instaure o tópico sobre a sua vida.

Especificamente com relação ao uso da DD, em ambas as ocorrências apontadas, observamos o híbrido que caracteriza esse processo referencial pela intersubjetividade e a remissão anafórica. Por meio do demonstrativo “essa” em função adjetiva e do “isso” em função nominal, MN, principal interlocutora de EM nessa interação, é levada à busca pelas informações suporte encapsuladas. Ou seja: estabelece-se o procedimento dêitico de orientar a atenção intersubjetiva dos sujeitos para conteúdos considerados relevantes para a construção do sentido. Ao mesmo tempo, observamos a função de remissão anafórica, uma vez que as expressões “essa história” e “tudo isso” representam um referente que já estava em construção no modelo textual, caracterizando a correferência peculiar da DD assinalada por Cavalcante (2003).

EPISÓDIO 2

Corpus: *AphasiAcervus* (12/08/2010)

Pesquisadores: HM, NF, NE, AM e EG.

Afásicos: LM, MN, EC, MG, VM, MS, SP e RL.

Contexto: O grupo está reunido ao redor da mesa da seguinte forma: de um lado, estão os afásicos EC, MN e LM, a pesquisadora HM e a afásica MG, e, do outro lado, estão o afásico MS, a pesquisadora AM e os afásicos SP e RL. O enquadre interacional será estabelecido, principalmente, em torno de HM, MN e MS, após HM instaurar o tópico da

nova condenção de Sakineh, mulher iraniana que, em 2006, havia recebido chibatadas, por ter se relacionado com outra pessoa quando já era viúva. Anos depois, pelo fato de estar envolvida em um novo relacionamento amoroso e acusada de ter sido ela própria a autora do assassinato do seu marido, Sakineh é condenada ao apedrejamento. Devido a pressões internacionais, contudo, o judiciário Iraniano procedia a uma revisão do caso.

1 HM: e cês viram uma notícia de uma mulher que tá sendo que foi
2 condenada no [irã/]
3 MS: [i::rã]
4 RL: a: +exatamente+
5 rl: +faz gesto afirmativo com a cabeça+
6 HM: que foi condenada por adultério e querem matar... que isso né/
7 ((sobreposição de vozes))
8 MS: vi-ú-va duas vezes
9 HM: mas é um absurdo... a senhora viu isso dona MN/ ((volta-se para
10 MN, que está ao seu lado))... a notícia de uma mulher uma mulher que
11 foi con-de-na-da à morte por é:: adultério... mas ela é viúva... ela
12 é viúva... né.. não é isso/ e (mesmo que não fosse) pouco importa...
13 mas **isso** gerou tamanha polêmica que o governo tá dizendo que vai
14 rever e não sei o que... a [condenação] &
15 EC: [causa tudo aí] né matar
16 HM: &só que-pode ser também um desvio só de atenção
17 EC: atenção
18 MN: ahn... +ninguém tem nada com **isso**+
19 mn: +gesto com a palma da mão esquerda virada para cima+
20 HM: [pois É:]&
21 MS: [não]
22 HM: &**essa** é a **questão**... [só que lá] &
23 MS: [NÃO...] i:rã
24 HM: &irã... não tamo falando de um lugar qualquer né/
25 ((sobreposição de vozes))

26 HM: que loucura não/
27 MS: ahn... irã... ahn:: iraque...ahn:: eu ((aponta para si))...
28 israel
29 SP: como é que fala: +pérsia aqui+
30 sp: +aponta para a mesa+
31 MS: +É+
32 ms: +gesto com a palma da mão voltada para cima na direção de SP que
33 está ao seu lado+
34 MS: i::
35 sp: +faz um círculo com o dedo a sua frente sobre a mesa+
36 HM: é perto da pérsia né
37 MS: ma:ravilha
38 MN: eu não-eu conheço qualquer coisa de israel que eu já lá [fui] &
39 MS: [i::s]
40 MN: &mas... +num tem nada com **isso**+
41 mn: +repete o gesto com a palma da mão para cima+
42 ms: +faz um gesto similar ao de MN voltando seu olhar e corpo para
43 HM que está do outro lado da mesa, próxima de MN+
44 HM: exatamente... qual o problema né/ cada um que cuide... já
45 pensou/
46 EC: +é verdade+
47 ec: +aponta para HM+
48 HM: cada um que cuide da sua vida
49 EC: é verdade é vida é::

No episódio acima, HM produz um breve relato para MN acerca da condenação de Sakineh e, posteriormente, produz um dêitico discursivo (linha 13) que encapsula os segmentos textuais que constroem esse relato, transformando-os em um referente textual. Em seguida, observa-se na fala de MN uma nova ocorrência de DD (linha 18) cujo escopo referencial é mais específico do que todo o relato de HM sobre a condenação, dado que o demonstrativo “isso” por ela utilizado recupera um aspecto específico da cena referencial construída pela fala de HM: o fato de Sakineh estar envolvida com outra pessoa.

A seleção dessa informação tomada como mais relevante do que outras por MN, como, por exemplo, o fato de o local do ocorrido ser o Irã, bem como o uso da expressão “ninguém tem nada com isso”, implica na mudança de foco discursivo nesta interação: a orientação argumentativa pretendida por MN é a de que ninguém deve interferir na vida de Sakineh, pois ela já é viúva.

Tal mudança é percebida pelo sujeito afásico MS, que entra na disputa pela construção do foco de atenção do episódio, negando o foco em questão (“não”) e, posteriormente, chamando a atenção para a informação que considera relevante: o local do ocorrido (“NÃO...irá”).

Diante dessa disputa pelo foco, HM adere parcialmente a ambos os focos propostos por MN e por MS. A pesquisadora, primeiramente, produz um dêitico discursivo que encapsula a fala de MN por meio do pronome “essa” (“essa é a questão”) (linha 22), valorizando o ponto de vista de MN, para, em seguida, no mesmo turno de fala, conferir saliência ao fato de a condenação ocorrer no contexto sociocultural do Irã, para o que contribui o uso do operador argumentativo “só” (“só que lá...”).

O afásico SP também contribui para a construção do foco discursivo sobre essa última informação, quando, por meio da realização de um gesto sobre a mesa, para o qual convergem o direcionamento dos olhares de seus interlocutores, aponta para um local que seria o Irã (também conhecido como “Pérsia”, nome utilizado por SP) e faz sobre ele um círculo. Podemos considerar que esse gesto visa a destacar a localização do Irã, vizinho de países como Iraque e Afeganistão, que também são conhecidos pela submissão – e, porque não, opressão – às mulheres. Pensamos que, com esse gesto, SP contribui para que o foco de atenção se volte para a questão sociocultural.

Posteriormente, MN volta à disputa pelo foco, ao fazer menção ao fato de ter estado em Israel, para, em seguida, lançando mão do operador argumentativo “mas”, reiterar o foco previamente estabelecido: ela se utiliza, novamente, da expressão formulaica “num tem nada com isso”, contendo o dêitico discursivo “isso” (linhas 40-41), associado ao gesto que produz com a mão que visa a imprimir um valor de obviedade ao que acaba de dizer. Este foco é aceito e reforçado por HM e EC, quando a primeira produz um segmento que salienta a importância de que cada pessoa cuide de sua própria vida e a segunda com ela concorda.

Os dêiticos discursivos produzidos por meio do demonstrativo “isso” são exemplares do apontamento que Cavalcante (2000b) faz sobre a deiticidade do processo referencial em questão. Afirma a autora que os indiciais que se prestam à função referencial da DD têm sua deiticidade neutralizada (mas nunca extinta) a serviço da construção de seu escopo referencial difuso. De todo modo, como afirma a autora, esse baixo grau de deiticidade não impede a realização do procedimento dêitico de orientar a atenção dos falantes para os conteúdos proposicionais que são encapsulados. Como podemos observar, as ocorrências de DD produzidas no fragmento conversacional acima contribuem para a construção referencial do texto, de modo a atender à focalização de informações a serviço da construção argumentativa do texto conversacional.

EPISÓDIO 3

Corpus: *AphasiAcervus* (11/11/2010)

Pesquisadores: EM, EG, NF, NE e AM.

Afásicos: MG, VM, MN, EC, RL, SP, SI e MS.

Contexto: Todos os integrantes estão reunidos em torno da mesa. De um lado, temos VM, MN, EC, NF e NE. Do outro, EM, MS, SI, SP e AM. RL e MG estão nas duas extremidades. O enquadre gira, principalmente, em torno da pesquisadora EM e da afásica EC, bem como daqueles que se encontram sentados mais próximos das duas: a afásica VM e a pesquisadora NF, próximas a EC, e o afásico MS, próximo a EM. Na semana anterior, o grupo havia comentado sobre a futura visita do psicólogo que atende a alguns integrantes afásicos do CCA, entre eles, EC. Nesta conversa, havia surgido o comentário a respeito do filho que o psicólogo, possivelmente, havia adotado. Nessa nova reunião EC, que estava, há algum tempo, cogitando a possibilidade de adotar uma criança, chama a atenção de EM para contar a ela que, em sua última consulta com seu psicólogo (conhecido de ambas),

perguntou a ele se ele havia adotado uma criança. EM, então, quer saber mais detalhes da conversa entre EC e o psicólogo.

1 EM: olha vamo lá... como é que ce introduziu o tema/ como é que ce chegou
2 pra falar isso pra ele/
3 EC: [a:: num] &
4 EM: [cê tava] conversando sobre [o quê/]&
5 EC: [é:::]
6 EM: &sobre a obesidade
7 EC: é... dade... tudo aí né...
8 EM: aí de repente
9 EC: le falar tudo né... le vida EC
10 EM: a vida
11 EC: né
12 EM: Aí
13 EC: e le tem filho/ ((EM faz sinal afirmativo com a cabeça))... TEM...
14 TEM...((todos riem))
15 EM: cê perguntou "e você/ tem filho/"
16 EC: "tem filho/" "tem"... mas e perguntei... le doto/ ((todos riem))
17 VM: MEU DEUS... ai meu deus do céu
18 EM: cê perguntou na lata pra ele (assim)/
19 EC: NATA
20 VM: ai meu deus
21 NF: mas ele tinha te-não... ele não tinha falado pra você/
22 VM: [OLHA
23 EC: [não mas o que nossa +Dudu aí ó+... ferrô né
24 ec: +aponta pra EM+
25 EM: EC... é sério
26 EC: +é sério+
27 ec: +faz gesto afirmativo com a cabeça+
28 MS: ahn::: quantos filhos ele tem/
29 EC: ah eu num sei... le um né... le um

30 EM: acho que é esse... adotado

31 EC: le filho dotado

32 EM: vem cá cê falou pra ele-cê falou que eu tinha te falado que ele tinha
33 adotado uma criança/
34 ec: +faz gesto afirmativo com a cabeça+...não... [nos-não]

35 EM: cê num falou né/

36 EC: não não... nossa... le filho tem né

37 EM: aí cê falou... "cê adotou/"... e ele falou "adotei"

38 EC: doto...

39 EM: falou [numa boa] &

40 EC: [SÓ **isso**] entendeu/... EC le pois le pois adotar EC.. entendeu... e
41 EC

42 EM: &e depois/

43 EC: e po::is... EC dota EC
44 EM: a::: aí cê falou que queria adotar uma menina
45 EC: é::
46 EM: a:: bom ((olha para MS ao seu lado, que faz um olhar de
47 desconfiança))
48 EC: +verdade+
49 ec: +aponta para MS+
50 EM: não:: mas então cê fez bem... e ele ficou contente/
51 EC: NOSSA... sim
52 EM: e quando ele falou que tinha adotado ele falou também bem sereno
53 EC: pensando EC nossa le dota EC
54 EM: então pronto... tá certo/
55 EC: certo
56 EM: quando ele vier vamo esquecer esse assunto
57 EC:verdade

Questionada por EM sobre a conversa que teve com o seu psicólogo, EC inicia um relato sobre o acontecido e conta com a contribuição da pesquisadora para a reconstrução da cena protagonizada por ambos. Após EC relatar especificamente o momento em que o questionou sobre a suposta adoção, a afásica VM demonstra seu espanto ao lançar mão de expressões interjectivas (linha 17) e EM questiona se ela realmente havia perguntado diretamente tal como havia relatado.

É por conta da apreciação que os seus interlocutores fazem do que acaba de relatar, que EC produz o dêitico discursivo que focalizamos nesse episódio interacional. Quando questionada por EM se havia falado que ela teria lhe contado o fato da adoção, EC reinicia o relato em conjunto com a pesquisadora, sem fazer menção a qualquer momento em que tenha falado de EM (linhas 36-39). Posteriormente, por meio da expressão referencial “só isso” (linha 40), EC encapsula esse diálogo que reproduzira brevemente com EM.

Tendo por escopo referencial o diálogo em questão, esse dêitico discursivo produzido por EC permite mudar o foco discursivo pela atenção que direciona a

determinadas informações. Essa tentativa de promover a mudança do foco discursivo pode ser considerada uma estratégia de proteção da face por parte de EC que, frente à reação do grupo, volta-se ao esclarecimento do mal entendido. Outro aspecto que corrobora essa ideia é o uso do operador argumentativo “só”, produzido com maior intensidade, que contribui para a definição do escopo referencial em favor do foco argumentativo pretendido.

EPISÓDIO 4

Corpus: *AphasiAcervus* (27/05/2010)

Pesquisadores: EM, HM, EG e NE.

Afásicos: LM, EC, MG, VM, SI, SP e RL

Contexto: O grupo encontra-se reunido da seguinte maneira ao redor da mesa: de um lado, estão EC, EM e LM, e, do outro, estão VM, HM, SI, SP e RL. Na ponta da mesa está MG. HM mostra ao grupo uma matéria sobre a cultura afegã, focalizando especialmente a vida das mulheres, em termos de hábitos, indumentárias etc. RL, que já esteve no Afeganistão, dá detalhes sobre o que viu por lá, em termos das restrições impostas às mulheres em comparação com os homens.

- 1 RL: e-eu fui lá né... então...nas praias [tem o::]&
2 EC: [ah não]
3 RL: &a:-as mulheres +[é::]+&
4 rl: +sobre a mesa, faz um gesto com a mão esquerda,
5 primeiramente pousada mais próxima de si e depois afastadas, pousadas
6 mais adiante+
7 HM: [tem um lugar separado]
8 RL: &tem e:: +fechado aqui em volta+
9 rl: +faz gesto circular sobre o espaço onde havia pousado a mão pela
10 segunda+
11 HM: a: NOssa
12 RL: aí os homens não [os homens podem]&
13 HM: [pode ficar fora a vontade] ... mas as mulheres só
14 podem ficar num pedaço
15 RL: &exatamente

16 EC: [NOSSA senhora] &
 17 EM: [então] é um bom mundo para os homens ali ... os homens vão para os
 18 bares
 19 EC: &tá errado...no:ssa...+QUE **ISSO**/... ai+
 20 ec:+balança a cabeça de um lado para o outro em sinal negativo, de
 21 desaprovação, com a mão esquerda aberta posicionada na altura do rosto
 22 com a palma voltada para este+
 23 em: +diante da reação de EC, que está ao seu lado esquerdo, EM olha
 24 para LM, que está ao seu lado direito+
 25 EM: as mulheres ficam loucas da vida ((risos de EM e LM))

Com a ajuda da pesquisadora HM, que havia comentado sobre a matéria que vira no jornal sobre a indumentária feminina no Afeganistão, RL faz um relato sobre o que observou com relação à situação da mulher afegã quando visitou esse país. No relato de RL, fica patente a mútua constitutividade entre fala e gesto, determinantes para a contribuição feita por HM (linha 7), para a construção de uma cena referencial que representa a segregação das mulheres nos espaços públicos no cotidiano do país.

Demonstrando grande insatisfação e inconformismo com o que ouve, EC produz um dêitico discursivo que focaliza essas informações anteriormente introduzidas, inserido na expressão formulaica “que isso” (linha 19). O escopo referencial do pronome em questão é bastante difuso, aspecto que caracteriza a DD, na medida em que não aponta segmentos referenciais específicos em si, mas para toda a cena referencial que fora construída. De todo modo, a despeito do caráter difuso dessa referência dêitica, o pronome “isso” conduz os interlocutores de EC à busca pelas informações que a DD produzida focaliza, ao mesmo tempo em que tece com elas uma relação anafórica.

Isto posto, vale também destacarmos que a entonação com que essa DD é produzida, bem como o gesto que é produzido em conjugação com ela, contribuem para a construção argumentativa pretendida por EC, pois expressa o seu inconformismo com a situação relatada. Ou seja, gesto e prosódia contribuem para imprimir a avaliação que EC faz das informações contextuais recuperadas.

Podemos considerar que o foco estabelecido por EC é compreendido por EM, quando esta produz um enunciado (linha 25) que tematiza não apenas a reação de EC frente

ao relato sobre o Afeganistão, mas a das mulheres em geral (“as mulheres ficam loucas da vida”).

EPISÓDIO 5

Corpus: *AphasiAcervus*(10/06/2010)

Pesquisadores: HM, AM e EG.

Afásicos: SP, RL, MG, MN, LM.

Contexto: O grupo está reunido ao redor da mesa: MG e HM estão nas extremidades e, de um lado, estão MN e LM e, do outro, estão EG, SP e RL – este, próximo a HM. O afásico RL trouxe ao grupo uma matéria sobre o aumento do preço da construção civil, que havia lido em sua casa. Com a matéria impressa colocada sobre a mesa à sua frente, RL relata os aspectos que achou mais relevantes e recorre ao texto para complementar seu relato com alguns detalhes. Após o relato de RL, o enquadre interacional do episódio é estabelecido, principalmente, em torno da pesquisadora HM que compartilha com o grupo as sugestões de trabalho com a leitura e a escrita que havia feito a RL.

- 1 HM: então o RL tá fazendo isso... ele olha uma notícia que ele acha
2 que seja interessante e ele tá pegando e tá tentando ler pra entender
3 e eu tô-e eu sugeri __ e é uma sugestão que eu faço pra todos __ que
4 tentem é-eu sugeri pra ele agora que assim... ele leu e que ele tente
5 escrever uma frase ao menos alguma coisa com as próprias palavras a
6 respeito do que leu... **isso** também é um jeito de guardar melhor...
7 então por exemplo o LE tá interessado ((aponta pra LE)) em verificar
8 quais são as dificuldades de escrita dele ... e a MG que teve uma
9 época que tava escrevendo mais podia voltar né MG
- 10 mg:+ faz uma expressão facial que indica desconfiança ao mesmo tempo
11 em que olha para MN+
- 12 HM: ler e escrever é bacana
- 13 mg: +faz um gesto que simula que está “roubando” o papel de RL ao
14 mesmo tempo em que pisca para ele+
- 15 RL: eu
- 16 HM: cê vai copiar dele... é isso/
- 17 RL: não... cinco anos... cinco anos eu tenho AVC... todo esse
18 tempo... tô buscado tô buscando... AGORA é que está voltando... está
19 cla-re-an-do... tem uns... +três ou quatro meses pra cá+
- 20 rl:+volta as palmas da mão esquerda para si próprio+

- 21 RL: que tá **assim...** tá buscando e[tá] &
22 HM: [começando] a clarear mais
23 RL: &clareando e tá bem... bem mesmo...

A pesquisadora HM recomenda ao grupo as mesmas sugestões que havia feito a RL, para que ele trabalhasse a interpretação de textos escritos. Nesse mesmo turno de fala de HM, os segmentos textuais relativos a essas sugestões são transformados em um referente textual por meio do demonstrativo “isso” (linha 6). Em seguida, é feita uma predicação sobre esse referente, que contribui para a continuação do tópico em andamento: o trabalho do grupo com a escrita.

Em seguida, HM produz o segmento tópico relativo às práticas de escrita às quais MG estava se dedicando anteriormente. MG, contudo, não se sente motivada e, por isso, produz uma expressão facial de desânimo. Frente a essa reação de MG, RL passa a relatar ao grupo um pouco da evolução de seu quadro afásico e produz segmentos textuais que descrevem, metaforicamente, esse processo (“AGORA é que está voltando... está cla-re-an-do...”).

Em seguida, RL produz o dêitico discursivo “assim” (linha 21), que focaliza a atenção sobre essas informações co(n)textuais, que parecem ser relevantes para o seu projeto de dizer. Nesse caso, o elemento indicial “assim” empresta o seu traço de modo ao conteúdo, para descrever a maneira como vem ocorrendo o processo de recuperação de RL.

Esse dado é particularmente interessante, pois, se em muitos casos, a DD atua de modo a mudar o foco discursivo das interações, em outros, o apontar dêitico contribui mais para salientar ou enfatizar um ponto de vista já em construção. Em outras palavras, deiticidade e anaforicidade não parecem se comportar da mesma maneira em todas as ocorrências de dêiticos discursivos, que podem desempenhar, mais enfaticamente, uma função ou outra a depender do propósito argumentativo de quem os produz.

EPISÓDIO 6

Corpus: AphasiAcervus (17/06/2010)

Pesquisadores: HM, EM

Afásicos: NS, LM, MN, SI, EC, VM, MG, RL, SP

Contexto: Pesquisadores e afásicos estão reunidos em torno da mesa. Na reunião do dia, o grupo conta com a participação de NS, ex-integrante afásica do CCA. O enquadre interativo gira, especialmente, em torno de NS e a pesquisadora EM, que, apesar de estarem sentadas do mesmo lado da mesa, tendo entre si os afásicos SI e LM e a pesquisadora HM, voltam-se uma a outra pelo direcionamento do corpo e do olhar.

1 EM: então... vamo **o seguinte**... olha... eu posso-olha...veja só se
2 você concorda... peço lá pra doutora BC... que é uma amiga nossa
3 aqui... se ela pode marcar uma consulta na ortopedia com [você]&
4 NS: [ah eu posso... ahan]
5 EM: &pra você... vou falar com [ela]&
6 NS: [ai tá]... tá bom
7 EM: &essa semana... e AÍ na quinta feira eu te digo
8 NS: tá bom
9 EM: beleza/
10 NS: ahan
11 EM: tem que trazer a carteirinha
12 NS: carteirinha trazer também/
13 EM: traz né... agora eu acho que ela vai [marcar]&
14 NS: [eu sei]
15 EM: &depois você vai lá na ortopedia
16 HM: quando for cê leva
17 NS: ah tá... +nicamp né/+
18 ns: +aponta pra o seu lado direito+
19 EM: na unicamp
20 NS: ah tá
21 EC: é::
22 EM: por **isso daí** se tem que ter o registro
23 NS: mas aonde/ lá +[no..]&

24 ns: +aponta para cima em direção oposta+

25 EM: [lá no hospital]

26 NS: &ah tá

27 EM: mas eu vou perguntar pra ela... tá bom /

28 NS: ah tá bom

29 EM: cê topa **assim**/

30 NS: aham topo

31 EM: o que não quer dizer que você não deva voltar nas consultas já
32 fei-já marcadas aqui

33 NS: então... +esse aqui+

34 ns: +aponta para os seus exames que estão nas mãos de EM+

35 NS: no posto na (vенеza/vereza)... aí falei **assim** ontem... aí falei
36 "vou marcar"... aí a mocinha... "depois cê liga... parece que o
37 médico vai sair"... falei +meu deus do céu+

38 ns: +coloca as mãos sobre a cabeça, de modo a indicar espanto com o
39 que a recepcionista do hospital lhe disse+

No dado acima, a fim de salientar as informações relativas ao que fará para agendar uma consulta para NS no Hospital de Clínicas (HC) da UNICAMP, a pesquisadora EM produz um anafórico dêitico, por meio da expressão referencial “o seguinte” (linha 1). Atuando de modo catafórico, essa ocorrência funciona como um sinalizador de atenção, na medida em que permite construir um foco comum para NS, interlocutora de EM, e ela própria sobre os segmentos que serão produzidos posteriormente. Trata-se de uma ocorrência que mais se aproxima do tipo dêitico textual, em virtude de exercer, prioritariamente, uma função metadiscursiva de organização textual, ao apontar de modo a precisar a localização dos segmentos que focaliza.

Posteriormente, EM produz um dêitico discursivo por meio da expressão “isso daí” (linha 22) a fim de conferir saliência aos elementos relativos ao fato de que, sendo a consulta no HC, é importante que NS leve uma documentação para atestar que já possui cadastro como paciente do local.

Em seguida, EM produz um novo dêitico discursivo, por meio do elemento “assim” (linha 29), cujo escopo referencial é bastante difuso, na medida em que encapsula todas as informações referentes ao combinado com NS. Ao motivar a reativação das informações já introduzidas anteriormente, a remissão em questão possui também a função de checagem entre EM e NS – averiguar se esta concorda com o que EM está propondo -, bem como contribui para o fechamento do turno de EM e do próprio tópico em andamento, a fim de encaminhar à conclusão do episódio conversacional.

Prova disso é que, em seguida, EM muda o foco da conversação ao reiterar a importância de que NS, independentemente de conseguir as consultas no HC, continue a frequentar o médico do posto de saúde do seu bairro. A fim de alterar a orientação argumentativa sugerida na fala de EM, NS reconstrói uma cena referencial relativa ao atendimento que recebe no posto. Nesse relato, NS chama a atenção para o diálogo que teve com uma atendente, lançando mão do pronome “assim” (linha 35), para marcar o início do mesmo (“aí eu falei assim”). Esse elemento orienta a atenção intersubjetiva às informações que o seguem, conferindo-lhes relevância pelo apontamento dêitico, bem como pela sua posição catafórica, que anuncia de antemão a relevância do que será dito.

Assim, cumpre considerarmos que o indicial em questão desempenha simultaneamente, no texto conversacional analisado, a função de um dêitico textual e de um dêitico discursivo. Isso porque a sua posição catafórica parece aumentar a sua deiticidade, o que faz com que, a despeito da ausência de traços de localização, esse pronome aponte para os segmentos textuais em si, evidenciando um maior grau de monitoramento de atenção intersubjetiva. Ao mesmo tempo, o traço de modo que caracteriza esse elemento indicial faz com que essa ocorrência, além de precisar a localização dos segmentos apontados, seja referente à maneira como NS falou com a atendente, o que a aproxima dos dêiticos discursivos, pelo seu traço de se referir a um aspecto do discurso encapsulado (cf. Levinson, 1983).

EPISÓDIO 7

Corpus: AphasiAcervus (27/05/2010)

Pesquisadores: EM, HM, EG, NE.

Afásicos: LM, EC, MG, VM, SI, SP , RL.

Contexto: O grupo está reunido ao redor da mesa, tomando café da manhã. MG está na ponta da mesa; de um lado, estão EM e LM; do outro, estão VM, HM, SP e RL. NE, EG e EC estão em pé, servindo-se e servindo os demais colegas. O enquadre será estabelecido, principalmente, entre RL e EM. O grupo havia discutido anteriormente a notícia do aumento do salário dos aposentados, aprovado pelo Senado. No momento do café, RL, que se encontra do lado oposto de EM, lhe chama a atenção, para falar sobre a probabilidade de o presidente Lula vetar a medida em questão.

1 rl: +aponta na direção de EM+

2 HM: o que que você quer/ ((sorri))

3 RL: é::

4 EM: bom... eu acho que o presidente assina [sete pontos]

5 RL: [eu acho que:]

6 EM: &cê não acha/ ((voltando-se para HM que está a sua frente)) dos
7 aposentados/

8 HM: eu acho que sim

9 EM: porque foi aprovado [na câmara] foi aprovado no senado

10 RL: [não mas é:: o:]

11 EM: ele vai ficar com [esse:]&

12 RL: [não] mas o-o:: ontem

13 EM: &esse ônus de não assinar ((volta-se para LE que está ao seu
14 lado, de frente para RL)) ahn/ ((volta-se para RL))

15 RL: ontem... de noite... os-o::: o::presidente não-é-o:::

16 EM: políticos/

17 RL: não ((escreve com os dedos na mesa)) ... é:: ((repete o gesto
18 anterior))

19 EM: tá falando do aumento/

20 RL: +é:+

21 rl:+faz gesto afirmativo com a cabeça+

22 RL: eles o::

23 EM: [o aumento foi aprovado] pelo (senado)

24 RL: [NÃO]... mas... aprovaram mas-o::

25 EM: &o porta voz do governo/... alguém falou por ele/

26 RL: é +gesto afirmativo com a cabeça+

27 EM: que falou o quê/

28 RL: que:

29 rl:+balança a cabeça em sinal negativo+

30 EM: que não ia/

31 RL: que não ia... [porque::] &

32 EM: [não sei]... vamo vê... eu acho que com o lula é **o seguinte...**

33 tem que ver na hora o que que ele faz... certo/

34 rl: &+faz gesto afirmativo com a cabeça+

35 EM: eu não acho que ele em momento de eleição... ele vai ficar com o

36 peso... com o ônus... com a antipatia... de não dar o aumento de

37 salário que já foi aprovado no senado... a impressão que eu tenho é

38 que ele não vai bancar **esse gesto antipático...**entendeu/... ainda

39 que o governo não tenha dinheiro pra dar [o::] &

40 RL: +[exata-exatamente]+

41 rl: +aponta para EM+

42 EM: &o aumento... né... tô pensando **nisso...** porque não há quase

43 nada que a oposição tenha pra falar do governo lula... certo/...

44 **essa é a bem verdade...** ontem o FMI estava aí inclusive... elogiando

45 a política interna externa econômica do governo tal... então... isso

46 seria na verdade um motivo... então eu acho que ele não vai dar esse

47 motivo pra oposição falar dele ((volta-se para LE que faz um sinal

48 afirmativo com a cabeça))

No episódio acima, o afásico RL introduz o tópico da possibilidade de que Luís Inácio Lula da Silva, o então presidente do Brasil, não assine o aumento dos aposentados aprovado pelo Senado. Considerando essa possibilidade, RL constrói sua argumentação sobre o fato de que um porta-voz do Governo haveria declarado que Lula não concederia esse aumento. A pesquisadora EM discorda dessa possibilidade e busca, a partir de uma orientação argumentativa distinta da de RL, a construção de um ponto de vista comum com

ele, processo no qual se observa a ampla atuação dos dêiticos na alteração do foco discursivo.

Primeiramente, EM lança mão do dêitico textual “o seguinte” (linha 32) a fim de sinalizar a importância das informações que serão introduzidas em seguida para o seu projeto de dizer, processo de cunho metadiscursivo que contribui significativamente para a construção da estrutura de relevância da conversação analisada.

Em seguida, EM relata brevemente como seria a recepção popular se, hipoteticamente, no então período da campanha eleitoral para presidente da República, o presidente Lula vetasse a concessão do aumento. Esses segmentos produzidos por EM são, em seguida, rotulados por ela como o que seria visto pela população como um “gesto antipático” (linha 38). Esse nome conceitual escolhido por EM, que contém o modificador “antipático”, contribui para o seu projeto de dizer em termos da construção argumentativa, pois imprime a sua avaliação sobre a suposta negação de Lula. Esse dêitico discursivo opera uma primeira categorização sobre essas informações e esse referente novo será reativado e recategorizado, posteriormente, pelas expressões referenciais “isso” e “esse motivo pra oposição falar dele”, sendo esse último mais diretamente relacionado ao modo como se dará a gestão do tópico.

A interpretação que EM propõe para os fatos é, posteriormente, encapsulada pelo dêitico “isso” (linha 42) que, além de levar à refocalização de elementos considerados relevantes, fecha o tópico relativo à possibilidade de negação do aumento por Lula, para a instauração do que virá a seguir: o tópico da avaliação positiva que o Governo petista tem recebido.

Assim, EM dá continuidade ao processo de construção de uma perspectiva comum com RL e os demais ali presentes, por meio do segmento textual “não há quase nada que a oposição tenha pra falar do governo lula”, que é focalizado pelo dêitico discursivo “essa (é a) bem verdade” (linha 44). Novamente, a escolha do rótulo é responsável por imprimir a avaliação que EM faz do conteúdo encapsulado, de modo a conduzir seus interlocutores à orientação argumentativa pretendida, ratificada pela inserção da informação relativa à boa avaliação que o FMI fez do Governo recentemente. É nesse contexto que EM argumenta que o presidente não dará um “motivo pra oposição falar dele”.

EPISÓDIO 8

Corpus: *AphasiAcervus* (18/11/2010)

Pesquisadores: EM, EG, AM e NE.

Afásicos: SI, VM, EC, RL e SP.

Contexto: A pesquisadora EG termina de preparar a mesa do café da manhã, enquanto as pesquisadoras EM e AM e os integrantes afásicos do grupo, EC, SI, VM, RL e SP, estão reunidos ao redor da mesa. De um lado, estão sentadas EM, EC e AM, e, do outro, estão VM e SI, enquanto SP e RL estão conversando, paralelamente, sobre algo que viram no jornal. EM indaga ao grupo sobre a data do sorteio do Amigo Secreto de Natal que o grupo realiza anualmente, pois, neste encontro, estão ausentes os afásicos MN, MS, LE e MG e a pesquisadora NF. No dia do sorteio, o grupo também desenvolve a prática da escrita: cada integrante produz uma carta para o amigo que o sorteou, de modo a orientá-lo na escolha do presente.

- 1 EM: eu queria fazer uma pergunta pra vocês... a gente tem várias
2 pessoas faltando né/
3 EC: +é+
4 ec: +gesto afirmativo com a cabeça+
5 EM: eu liguei pra MG também... +eu liguei pra MG também+ e não
6 atendeu
7 em: +faz um gesto icônico que indica estar atendendo ao telefone+
8 EM: então... +a gente sempre+ liga eu vou ligar depois pra dizer pra
9 vim
10 em: +aproxima as palmas das mãos - voltadas para si - em sua própria
11 direção+
12 EM: semana que vem e tal né... é... a gente ia tirar o papelzinho do
13 amigo secreto...
14 AM: humm
15 EC: humm

16 EM: ma eu tô achando... que que cês acham/
17 EC: a:: ti:ra
18 EM: tira semana que vem/... ou tira hoje/
19 EC: +hoje tira+
20 ec: +gesto afirmativo com a cabeça+
21 EM: mas ó... +tá fal+tando o MS+
22 em:+conta com os dedos+
23 EM: quem mais/
24 RL: a NF
25 EM: +a MG... a dona MN+
26 em: +continua a contar com os dedos+
27 EM: +a dona MN eu liguei+
28 em: +aponta pra a própria cabeça, produzindo um gesto que indica que
29 havia esquecido))
30 EM: vamo deixar para semana que vem/
31 EC: é:: amanhã né
32 EM: que dia que é a semana que vem/... +veja por gentileza+
33 em: +olha para RL que está a sua frente e, em seguida, aponta para
34 o mural onde, comumente, ficava um calendário do ano, que foi
35 retirado+
36 EM: A:: ele num é [o] &
37 RL: [não...] hoje é dia diz-[di]&
38 EM: [hoje] é dia dezoito
39 RL: &então... vinte e cinco
40 EM: vinte e cinco... brigada...então é vinte e cinco... vinte e
41 cinco não é tão longe assim... né/ dezembro [assim] &
42 EC: [é::]
43 EM: &a gente pode... tem um tempo né/ não é tão longe mas tem um
44 tempo né/ pra que a gente possa se divertir né/... lembra que a
45 gente combinou de tirar o amigo secreto e depois fazer cartas... tem
46 toda uma jogada que a gente faz... sabe/ ((volta-se para AM))

47 AM: entendi

48 EM: tem escrita via comunicação via... escrita... pra abordar o
49 amigo secreto...+**AQUEla brincadeira toda** né/+...

50 em: +gesto com as duas mãos em paralelo voltadas com as palmas uma
51 para a outra+

52 bom então eu vou-eu me comprometo gente a telefonar então para dona
53 MN, pro LM, pro MS que eu já falei __ quem mais ((olha para RL)) tem
54 serra, dona MN__ e MG... a gente tira semana que vem... beleza/

55 ec: +gesto afirmativo com a cabeça+

No episódio acima, na linha 16, EM começa a combinar com o grupo a data para realização da atividade anual de produção de cartas destinadas aos amigos secretos, que visam à orientação na escolha do presente a ser dado no dia da festa de encerramento do CCA. É a primeira vez que a pesquisadora AM participará dessa atividade e, por isso, EM lhe relata brevemente como é feita a atividade em questão.

Esse relato estabelece uma cena referencial que, também direcionada aos demais interlocutores de EM, é rotulada pelo sintagma nominal “aquela brincadeira toda” (linha 49). Essa ocorrência, além de remeter às aos segmentos textuais produzidos pela pesquisadora sobre a cena em questão, faz apelo ao conhecimento compartilhado pelo grupo sobre a prática a que todos ali se dedicam anualmente.

Conforme afirma Cavalcante (2000b), o demonstrativo de terceira pessoa, pelo traço de distância que imprime ao referente instaurado, presta-se à condução dos interlocutores à busca por informações na memória discursiva, ao mesmo tempo em que pressupõe um elo com extralinguístico. É o que podemos observar na ocorrência em questão: ao sinalizar uma distância espaço-temporal, o demonstrativo contribui para a recuperação de uma cena referencial adquirida e compartilhada pelos interlocutores de EM pela experiência conjunta (cf. Tomasello, 2003) no interior da comunidade de práticas do CCA.

Desse modo, na produção local desse enunciado, a indicialidade do elemento “aquela” contribui para conectar a produção discursiva ao *common ground* do grupo que envolve conhecimentos mais estruturados e compartilhados. Em outras palavras: o traço dêitico de ostensividade contribui para a acessibilidade a tal conhecimento, apresentado como conhecido pelos sujeitos ali presentes.

EPISÓDIO 9

Corpus: *AphasiAcervus* (19/08/2010)

Pesquisadores: EM, HM, AM, EG e NF.

Afásicos: SP, SI, VM, MN, MG e EC.

Contexto: O grupo está reunido, no momento do café da manhã, ao redor da mesa. De um lado, estão AM, MN, HM e EM; do outro, estão EC, VM, SI, SP e NF. Na ponta, está MG. EM pergunta ao grupo as suas inclinações de voto para a eleição da presidência do Brasil de 2010. Anteriormente, o grupo comentava sobre o horário eleitoral que começara a ser exibido no dia anterior e que mostrava os candidatos a deputados e senadores.

- 1 EM: agora... e-e: os candidatos a presidente/ que que cês acharam da
2 performance assim... inicial/
- 3 MG: ai meu deus do céu ((faz uma expressão de descontentamento olhando
4 para baixo))
- 5 EM: do... os três mais bem [cotados né] &
- 6 EC: [olha]
- 7 EM: &dilma... o serra... e a marina silva
- 8 EC: ah EC ganhar le mulher hein
- 9 EM: cê vai votar em mulher/
- 10 EC: não
- 11 HM: que vai ganhar... cê acha que vai ganhar
- 12 EC: NÃO... le lula junto lá... dilma
- 13 EM: a:: dilma
- 14 MG: +ah não+
- 15 EM: +expressão de descontentamento, com a cabeça, em sinal de negação+
- 16 HM: o quê MG/
- 17 MG: ai +repete a expressão de descontentamento e abaixa a cabeça+

18 EC: não apoia né

19 HM: que que é o não/ um não pode ser o que/ "não eu não gosto"... "não
20 eu não concordo"... que que é esse não/

21 MG: ai é umas coisa sa

22 EM: cê vota no serra/

23 MG: é mas +assim+

24 mg: + faz uma expressão facial que indica desaprovação+

25 EM: também não gostou

26 MG: também+ não é+

27 mg: +faz um gesto que significa "mais ou menos"+

28 EM: ce não achou que nenhum-e nem a marina silva/

29 MG: +a::+

30 mg: +gesto com a palma da mão esquerda voltada para cima+

31 EM: assim dos três

32 HM: qual que você se:: você achou que foi melhor assim/

33 MG: a:: +ah todas+... maria

34 mg: + gesto que indica afastamento+

35 HM: marina/

36 MG: marina... +não+

37 mg: +gesto deslocando a mão esquerda, com as palmas viradas para
38 baixo, de um lado para o outro+

39 EM: cê acha que ela não ganha/

40 MG: não ganha

41 HM: não vai ganhar né/

42 MG: não vai

43 EM: mas a marina é uma pessoa que a gente pode votar mesmo porque
44 também não é **assim** né/... agora **+aquilo que ela falou** né+

45 em:+aponta para EC, que está em seu lado oposto na mesa, e para ela
46 volta seu olhar+

47 EM: você acha que a dilma que tá junto com o lula ganha... mas... você
 48 acha que alguma mulher ganha no brasil/... quer dizer... se não for a
 49 dilma tem chance da marina silva/ cê acha que o brasileiro vai votar
 50 em mulher/ tem chance que o brasileiro vote

51 EC: a:: certeza le moler viu

52 EM: cê acha/

53 EC: vai ganhar moler

54 HM: cê acha que vai ganhar/

55 EC: +a:: le moler+

56 ec: +balança a cabeça em um gesto afirmativo+

No episódio acima, os participantes do CCA falam a respeito dos candidatos à Presidência da República nas eleições de 2010 e de suas respectivas chances de vitória. Quando surge o questionamento por parte de EM quanto à performance dos presidencialistas no primeiro debate, EC, que ainda não sabe em quem votará, manifesta a sua opinião de que a candidata Dilma Rousseff, que recebe o apoio do então presidente Lula (linha 8), ganhará a eleição. MG, por seu turno, mostra-se bastante descontente com os candidatos e com a baixa probabilidade de que Marina Silva, sua candidata preferida, venha a ganhar as eleições. É sobre essas duas informações que serão construídos os principais focos de atenção da interação em questão

MG, EM e HM produzem segmentos textuais que introduzem, no modelo textual, informações sobre a baixa probabilidade de que Marina Silva, candidata apreciada por MG em seu último debate, vença as eleições, o que levaria a uma possível nulidade dos votos a ela atribuídos (linhas 36-42). Essas informações contextuais são encapsuladas e focalizadas pelo dêitico discursivo “assim” produzido por EM (linha 44), no segmento “também não é assim”, refletindo uma proposta argumentativa distinta daquela que vinha se construindo até então.

Afirmam Koch e Penna (2006, p. 24-25) que os conhecimentos compartilhados pelos interactantes permitem associações que contribuem, a um só tempo, para a determinação do fio discursivo e para a orientação argumentativa. É o caso da DD produzida por EM, que reativa informações presentes modelo textual, ao mesmo tempo em

que faz remissão ao conhecimento partilhado que se tem sobre a prática de não se votar em um candidato com poucas chances de vitória, para se “fazer valer” o próprio voto. Essa ocorrência se assemelha à categoria da DD de memória, proposta por Ciulla (2008), pois, ainda que não porte um indicial daqueles identificados por Cavalcante (2000b) como promotores desse subtipo de DD (caso dos pronomes adjetivos “esse/essa” e “aquele/aquela”), ancora-se fortemente em um conhecimento da memória discursiva dos participantes da interação em questão. Assim, semelhantemente à ocorrência analisada no episódio anterior, este uso dêitico deixa entrever o estabelecimento de um campo dêitico na imbricação do espaço da produção local do discurso ao dos conhecimentos partilhados.

No mesmo turno de fala em que emerge a DD citada anteriormente, EM pergunta à afásica MG se ela acredita que Dilma possa vir a vencer as eleições. Nesse momento é promovida a mudança do foco discursivo – o que também é sinalizado pelo dêitico temporal “agora” em função de marcador discursivo – pela produção de uma nova DD que recupera a informação introduzida anteriormente por EC a respeito do apoio do presidente da República, Lula, à candidata Dilma Rousseff: isso se dá pelo uso do dêitico discursivo “aquilo que ela falou” conjugado ao gesto de apontar para EC, utilizado por EM.

A ocorrência de DD em questão encapsula um segmento textual introduzido anteriormente, distante do momento de sua inserção no texto – o que pode estar observado pelo uso do pronome demonstrativo “aquilo” e do circunstancial “ali”, que pressupõem a coordenada espaço-temporal relativa tanto ao espaço em que está EC (no lado oposto a EM), quanto ao momento em que ela enunciou o segmento textual reativado. Desse modo, a determinação referencial da DD em questão se dá por meio das condições de acessibilidade de um campo dêitico estabelecido na imbricação/conexão do espaço extralinguístico e dos conhecimentos partilhados ao da produção discursiva em si.

EPISÓDIO 10

Corpus: AphasiAcervus (02/09/2010)

Pesquisadores: HM, EM, NF, AM, EG, NE, TM.

Afásicos: MN, SP, RL, VM, MG, LM, EC, SI, MS.

Contexto: As pesquisadoras EG, NE e NF, e as senhoras afásicas MG e MN dedicam-se ao preparo do almoço de despedida da pesquisadora HM, que ficará um ano na França. Nesse momento, os demais integrantes, a pesquisadora HM e os afásicos SP, LM, RL, EC e SI, conversam sobre as matérias que estão produzindo para o Jornal anual do CCA. O enquadre interativo estabelecido neste episódio se dará entre a pesquisadora HM e o afásico SP. HM conversa com SP, apreciador de vinhos, sobre a matéria que ele está escrevendo para o jornal anual do CCA, acerca da história do vinho e a importância de que seja feita uma breve introdução que explique o porquê de sua escolha. Sobre a mesa, também se encontra o texto que SP já havia começado a escrever, que traz informações sobre o vinho, como os benefícios do seu consumo moderado, e sobre o qual se comenta em um momento posterior do encontro em questão.

- 1 HM: mas seu SP... o senhor vai contar a história... por que que o
2 senhor vai contar a história do vinho/
- 3 SP: +por quê/+
- 4 sp: +olha para o texto que havia começado a escrever sobre a mesa e
5 põe a mão sobre ele+
- 6 HM: por que o senhor quer contar a história do: o vinho na história
- 7 SP: não ... é porque + a la la la la la +
- 8 sp : +direciona, novamente, o olhar para o seu texto sobre vinhos que
9 está sobre a mesa, apontando, como quem elenca alguns itens+
- 10 HM: sim ... mas por que o senhor fala/... fala que o senhor é um
11 grande apreciador
- 12 sp: +olha para o texto novamente+
- 13 SP: do quê/
- 14 HM: de vinhos
- 15 SP: não
- 16 sp: +gesto com as palmas das mãos voltadas para cima+
- 17 SP: +é **isso aí** que+

18 sp:+ ponta para o texto sobre a mesa com a palma da mão para cima,
19 imprimindo uma ideia de obviedade ao que diz+

20 HM: mas tem que ter uma coisa pessoal

21 sp: +repete o gesto com a palma da mão para cima+

Desempenhando a função de editora-chefe na atividade de produção dos textos do jornal, a pesquisadora HM conversa com o afásico SP sobre a matéria que ele está escrevendo acerca da história do vinho e assinala a importância de que haja uma breve contextualização sobre a motivação para a escolha desse tema: o fato de SP ser um grande apreciador dessa bebida. O texto que SP começara a escrever, que se encontra sobre a mesa, que, entre outras informações, aponta o benefício que o vinho traz à saúde quando consumido moderadamente, aspecto comentado e salientado por SP em um momento posterior da reunião, quando HM lê o segmento textual relativo a essa informação.

Quando perguntado por HM sobre o porquê de escrever sobre vinhos, SP repete a pergunta da pesquisadora ao mesmo tempo em que coloca a mão sobre seu texto, que se encontra à sua frente sobre a mesa. Pensamos que aí já se faz presente uma primeira tentativa de SP de instaurar um foco sobre as informações que considera relevantes para o seu projeto de dizer, na interação em questão e no próprio jornal: fatos relacionados ao vinho em si e não às preferências de SP.

Em seguida, a pesquisadora HM repete a pergunta e começa, ela própria, a respondê-la, focalizando a informação que considera importante para a matéria em questão: o fato de SP ser grande apreciador de vinhos. Após a inserção de HM, SP atenua a relevância dessa informação ao negá-la e voltar a sua atenção e a de HM, que está à sua frente, para o texto que está sobre a mesa diante de ambos. Nesse caso, o dêitico discursivo “isso aí”, em concomitância ao gesto que SP faz com as mãos na direção do texto escrito (linhas 17-18-19), mais do que localizar o texto no espaço físico, faz remissão às informações da produção textual escrita de SP, como os benefícios do consumo moderado do vinho. Ou seja: o dêitico discursivo aponta, a um só tempo, para segmentos textuais escritos, para o espaço da memória, relativo ao conhecimento que SP tem sobre o texto, e para o espaço extralinguístico da interação, processo que contribui para a alteração do foco discursivo para aquele pretendido por SP. Em seguida, HM, em sua função de editora-

chefe, reitera a importância de que seja citada alguma motivação pessoal para SP escrever a sua matéria.

Nesse caso, temos o que Hanks (2008) nos diz a respeito da conexão dinâmica da dêixis com um objeto de referência, bem como com a memória que se tem sobre ele, uma vez que ambos atuam na sua determinação referencial. Essa imbricação do espaço físico ao da memória, licenciada pela associação dos gestos e do direcionamento do olhar à fala, contribui significativamente para construir a estrutura de relevância da interação em questão, ao permitir a focalização de informações que atendem ao projeto de dizer de SP.

5.2. Discussão dos dados

Considerando as análises que desenvolvemos, faremos uma discussão acerca dos aspectos mais significativos para o nosso propósito de contribuir para o entendimento das diferenças e semelhanças entre afásicos e não afásicos quanto à atividade referencial.. Nesse percurso, buscaremos evidenciar aspectos constitutivos desse processo referencial que se nos mostraram no contexto das afasias.

Conforme apontamos anteriormente, a DD contribui para a elaboração do cenário, a estrutura de relevância das conversações (Hanks, 2008), quando seleciona e salienta determinados aspectos relativos à produção discursiva em curso. Esse processo é marcado pela intersubjetividade e perspectivização, propriedades cognitivas humanas apontadas por Tomasello (2003 [1999]), pois envolve a orientação da atenção intersubjetiva, considerando as escolhas interpretativas de que dispõem os sujeitos.

Ao remeter ao discurso, tomado como a simbolização de uma “cena de atenção conjunta” (ibid, p. 137) – um construto similar ao cenário – a DD contribui para chamar a atenção para elementos potencialmente relevantes. E, desse modo, ela contribui para a contextualização da interação, pois focaliza, no momento da inserção do dêitico na produção discursiva, aspectos importantes da cena referencial em construção de acordo com os julgamentos de relevância por parte dos falantes (Hanks, 2008).

Posto isso, partiremos, agora, para a exploração de aspectos que nos permitem distinguir o uso da DD por afásicos e por não afásicos, para, em seguida, evidenciar o modo como eles caracterizam a própria emergência desse processo em um contexto de fala em

interação. Para dar início a essa discussão, trazemos abaixo os gráficos que representam a porcentagem do tipo de elementos dêiticos verbais que encontramos na fala dos sujeitos em questão, pois acreditamos que esse levantamento pode nos auxiliar na percepção do fenômeno:



Como podemos observar, os sujeitos afásicos produziram elementos dêiticos de dois tipos para a realização da DD: o pronome demonstrativo “isso” e o pronome adverbial de modo “assim”, sendo o primeiro o mais produtivo na fala em sua fala. Nos dois casos, estamos falando de pronomes em função substantiva, situação em que não é admitida a justaposição a nomes conceituais, pois esses pronomes são, eles próprios, o núcleo da expressão referencial.

Os sujeitos não afásicos, por seu turno, produziram uma maior variedade de elementos dêiticos em comparação com os afásicos, para o estabelecimento da função discursiva. Assim como na fala destes, observa-se a prevalência do demonstrativo neutro

“isso” e a recorrência do pronome adverbial “assim”, o terceiro elemento de maior produtividade. Diferentemente do que ocorre no contexto afásico, contudo, somados a esses tipos de ocorrências, encontramos ainda casos de: i) demonstrativos de segunda e de terceira pessoas em função adjetiva, formando uma expressão referencial com um nome conceitual; ii) demonstrativos de terceira pessoa em função substantiva; iii) o pronome adverbial “seguinte”. Em outras palavras, na fala de sujeitos não afásicos, o encapsulamento dêitico também se dá por meio de uma expressão referencial cujo núcleo é um nome conceitual justaposto a um pronome dêitico.

A despeito da distinção entre os tipos de indiciais empregados pelos afásicos e pelos não afásicos, o uso recorrente dos elementos “isso” e “assim” por esses dois grupos de sujeitos ratifica a pressuposição de Apothéloz e Chanet (2003) de que quantificações dos elementos dêiticos utilizados para a operação de encapsulamento na modalidade oral da língua podem evidenciar a prevalência de pronomes em função substantiva. Dito isso, evocamos a reflexão feita por Cavalcante (2000a) de que a opção por esse pronome na oralidade requer do falante uma menor capacidade de elaboração do que a opção por um sintagma nominal, sendo, portanto, uma estratégia que atende às demandas do caráter *online* da fala.

Sendo a opção pela neutralidade dos pronomes uma estratégia produtiva na modalidade oral, sua presença na fala afásica reflete não apenas a dificuldade desses sujeitos com a evocação de itens tipicamente lexicais, mas, também, a relação de não ruptura entre o estado normal e o patológico da linguagem, diante do uso de um recurso dentro das possibilidades (“normais”) de significação. Isto é: considerando-se as demandas linguístico-interacionais da conversação e as dificuldades linguísticas impostas pela lesão cerebral do afásico, a produtividade dêitica em sua fala revela a busca por uma *comunicação possível* (Morato, 2009) por meio de um recurso próprio da fala em interação, o que sugere um novo equilíbrio dentro do que é propriamente linguístico. Revela-se, então, a presença de propriedades do funcionamento da língua em uso, corroborando a tese de que “(...) a doença não é somente desequilíbrio ou desarmonia, ela é também, e talvez sobretudo, o esforço que a natureza exerce no homem para um novo equilíbrio” (id., 2010, p. 26).

Nesse sentido, é importante apontarmos ainda que a função da DD de direcionamento da atenção para o foco pretendido não se reduz exclusivamente à simbolização por meio de elementos dêiticos verbais. Isso porque, conforme observamos nas interações face a face analisadas, marcadas pelo caráter localmente planejado da fala, atuam também elementos indiciais, como a prosódia e os gestos e o direcionamento do olhar, de caráter não verbal, que contribuem para tornar salientes elementos do cenário que determinam a referencialidade da dêixis – especialmente nas ocorrências produzidas por sujeitos afásicos. Assim, o modo como se apresentam os elementos indiciais não verbais no processo de referenciação dêitica deixam entrever a relação de mútua constitutividade entre gesto e fala no contexto das afasias, conforme já observara Vezali (2011).

Isto posto, não podemos deixar de concordar com Cavalcante (2000b) quando a autora assinala a possibilidade de um elemento indicial remeter não apenas à produção discursiva, mas também ao próprio espaço físico da interação ou mesmo à memória discursiva dos falantes, motivando a busca por conhecimentos partilhados ou não entre eles. Salientamos, contudo, que, no caso da fala em interação, como a que ocorre no CCA, a multimodalidade semiótica parece ter, ao lado do elemento dêitico verbal, um papel central no processo de imbricação simultânea da produção discursiva ao espaço extralinguístico e ao dos conhecimentos partilhados, o que nos leva a uma ampliação da definição da remissão ao espaço extralinguístico.

Somos, então, levadas ao encontro da noção de “espaço interacional”, que prevê a articulação entre a organização da ação e o espaço, conforme apresentado por Mondada (2008). Essa autora chama a atenção para o fato de que o espaço extralinguístico fornece recursos e restrições para a construção de uma “interação focalizada” (Goffman, 1963 *apud* Mondada, 2008) que, por sua vez, configura o espaço, ao transformar a mera co-presença física – que poderíamos entender como a “situação” de Goffman (2002) – na coordenação da atenção dos participantes pela orientação dos corpos, dos rostos e dos olhares.

Mondada (2008, p. 79) cita um exemplo fornecido por Goodwin (2000, p. 150) de como o espaço provê recursos para a interação, bem como esta o configura no estabelecimento da atenção conjunta. Em um jogo de amarelinha, o falante pode dizer “o cinco” ou “o quatro”, fazendo uso de uma forma conceitual para dizer a casa escolhida. De outro modo, o dêitico, pode apontar na direção da casa escolhida e dizer “esta”,

modificando a estrutura de relevância do contexto, pela importância conferida ao desenho no chão e o foco comum de atenção do olhar para ele.

A nosso ver, além do elemento dêitico verbal, esse enriquecimento contextual por meio do uso de outros recursos indiciais (gestos, olhares, direcionamento corporal e prosódia) contribui significativamente para a função dêitica de conectar/relacionar a produção discursiva em construção ao espaço situacional, bem como ao *common ground* do qual fazem parte conhecimentos partilhados mais ou menos estruturados.

Dito isso, cumpre apontarmos que essa conexão entre os espaços de remissão talvez seja menos provável em gêneros de concepção escrita ou orais marcados por maior formalidade, uma vez que, nesses casos, o espaço físico não é comumente utilizado como recurso para referenciação como o é na oralidade, pois trata-se de “uma forma de explicitação vinculada a aspectos não estritamente verbalizados e que quando se elimina o contexto físico devem ser supridos com uma informação equivalente que o recupere” (Marcuschi, 2000, p. 83).

Dessa forma, em função do traço de explicitude que marca os textos escritos, parece haver uma tendência de que os conhecimentos partilhados sejam mais explicitamente *formulados* por nomes conceituais, ao passo que, na fala, o processo da DD pode servir-se de recursos indiciais para a ação, fornecidos pela organização espacial para *invocar* tais conhecimentos. Uma prova disso é que, na escrita, a referenciação é mais comumente realizada por meio de expressões nominais definidas, enquanto na fala, que “não prima pelo rigor e pela exatidão, nem pela variação de elementos lexicais na formulação discursiva”, a referenciação anafórica sem antecedente explícito comparece de forma mais significativa (cf. Marcuschi e Koch, 2006, p. 384).

Exposta a imbricação de espaços de remissão fomentada pela multimodalidade no face a face, cumpre apontarmos ainda os efeitos textuais-cognitivos da associação da referencialidade anafórica à deiticidade do direcionamento da atenção da DD.

De modo geral, pudemos observar que, seja na fala de afásicos, seja na de não afásicos, a construção do processo da DD caracterizado pela multimodalidade semiótica (mais densa nas produções dos primeiros), promove a remissão a informações contextuais, de modo a atender ao seu projeto de dizer, levando em conta as escolhas interpretativas das quais podem lançar mão seus interlocutores. Esse processo referencial, simultaneamente

dêitico e anafórico, pode atuar sobre o foco discursivo da interação em curso, selecionando informações relevantes para alterá-lo (caso dos episódios 2, 3, e 10), bem como para ratificar e enfatizar o foco já em construção (caso do episódio 5). Isso corrobora a ideia de que, em termos cognitivos, pelo elemento indicial que porta, a DD não deixa de operar procedimento dêitico, ainda que ele possa ser mais atenuado do que aquele observado nos demais dêíticos, cuja introdução referencial não é ancorada.

Pensamos que essa particularidade da DD de criar perspectivas comuns que contribui para construção argumentativa da conversação está também associada a aspectos que caracterizam esse recurso referencial no contexto de fala em interação analisado. Por vezes, esse processo se dá por meio do uso de nomes conceituais axiológicos que imprimem uma categorização aos conteúdos a que remete, deixando entrever a avaliação que deles é feita (caso do episódio 7). De outro modo, especialmente quando do uso do demonstrativo em função substantiva, é notável o comparecimento de outros elementos indiciais não verbais que, se não formulam, indicam a orientação argumentativa pretendida, tais como os gestos, o direcionamento do olhar e a prosódia (episódios 2, 3, 4 e 10), recursos próprios da modalidade falada da linguagem. Nesse sentido, vale lembrar que Cavalcante (2000a) já destacara a possibilidade de o elemento “isso”, a despeito de não se tratar de um nome conceitual, operar uma primeira categorização do referente que introduz. Posteriormente, a autora ainda propõe que o elemento “isso” pode, ao encapsular um referente já em construção no modelo textual, ser recategorizador no próprio momento de sua inserção no texto em virtude dos traços prosódicos com que é produzido (Cavalcante, 2011).

Ademais, pudemos observar ainda que a introdução ancorada de um referente construído pela DD, através da focalização de informações já presentes no modelo textual, contribui para a estruturação e gestão do tópico discursivo, permitindo a introdução, modificação ou continuidade tópica, como já observara Koch (2009). Em nosso *corpus*, pudemos observar a atuação da DD na manutenção do tópico em andamento (caso do episódio 1), bem como ii) no encapsulamento/sumarização de segmentos de um tópico anterior, de modo a fechá-lo e licenciar a introdução de um novo tópico (caso do episódio 7).

Isto posto, a multifuncionalidade do processo referencial da DD nos mostra que a natureza indicial e a propalada carência descritiva característica da dêixis não lhe retira a função de referir, mas a qualifica enquanto sinalizadora de aspectos revelantes do cenário em construção. A referenciação dêitica pela DD na fala em interação, tal como se apresenta, em uma complexa rede de recursos indiciais, nos leva a questionar a prioridade cognitiva dos nomes conceituais sobre os dêiticos e evidencia que a relevância referencial não é dada pelo conteúdo em si, mas por um *trabalho* sobre ele.

Não sendo a referência linguística uma questão meramente extensional, tal como a consideram parte dos estudos neurolinguísticos – notadamente, os de orientação cognitivista – faz-se necessária uma revisão do estatuto “compensatório” atribuído aos dêiticos, bem como aos recursos não verbais no contexto das afasias. Se é verdade que afásicos lançam mão de recursos indiciais com mais frequência, para construir a referência, não podemos nos deter a um único aspecto da compensação que aí ocorre. A densidade multimodal da fala desses sujeitos deixa entrever processos criativos que se tem a mão para solucionar problemas que decorrem i) das próprias dificuldades linguísticas que caracterizam as afasias – de evocação lexical, ordenação sintática, entre outras – bem como, especialmente no caso das interações face a face, ii) da própria natureza *online* da conversação, cujo planejamento local demanda maior rapidez do falantes. Assim, podemos revisar o escopo do termo “compensatório” atribuído a esses recursos, de modo a ampliar o seu entendimento enquanto a própria competência estratégica do falante frente às demandas linguístico-cognitivas na interação.

Desse modo, no bojo da rediscussão da natureza do estatuto compensatório atribuído ao uso dêitico e a outros recursos indiciais por falantes afásicos, faz-se necessária uma revisão de noções que norteiam os estudos afasiológicos, tais como a competência e a fluência linguística.

Com relação à primeira, concordamos com Morato (2008, p. 62) quando afirma que fenômenos linguísticos que comparecem no contexto das afasias, tais como a riqueza prosódica e dêitica, as repetições, reformulações, o uso de formulaicos, entre outros, nos conduzem à necessária reelaboração do conceito de competência enquanto a metalinguagem no sentido estrito dos conhecimentos que o falante tem da estrutura e do sistema nocional da língua. Esses fenômenos linguístico-cognitivos revelam-nos a

competência linguística não em termos de uma mera faculdade mental inata, mas de uma “prática sociocognitiva, como resposta (heurística, estratégica, situada) à carência do sistema linguístico em dar conta isoladamente da interpretação do mundo” (id., 2010, p. 32).

A noção de competência enquanto prática vai ao encontro de uma noção de fluência linguística distinta da que norteia os estudos neurolinguísticos de base cognitivista/mentalista, enquanto a característica de uma linguagem asséptica, porque isenta de fenômenos que são constitutivos da fala em interação, como os que mencionamos acima. Uma vez que os sujeitos afásicos que participam das conversações que analisamos são aqueles que apresentam problemas de linguagem predominantemente expressivos que se classificam como afasia de Broca, também denominada “não fluente”, cumpre questionarmos até que ponto as suas dificuldades predominantemente de ordem gramatical, que não deixam de impactar sua produção linguística, refletem um oposto radical da fluência.

Para uma melhor compreensão da reflexão que aqui fazemos, evocamos as reflexões de Scarpa (1995, p. 176), para quem “a linguagem em uso é faltosa e incompleta – os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala” (p. 176). Sendo a fluência constituída de forma intersubjetiva, fenômenos linguístico-interacionais tais como os indiciais que direcionam a atenção do interlocutor, as reformulações e os reparos feitos para adequar o sentido em relação a um propósito comunicativo que também é definido pela presença do outro, nos permitem questionar o rótulo de “não fluente” imputado aos afásicos de Broca. Essa atribuição faria sentido apenas se considerássemos que a atividade referencial se dá exclusivamente em termos de um sujeito isolado que se utiliza das categorias “estocadas” em sua mente para etiquetar os objetos do mundo. Contudo, quando nos deparamos com contextos efetivos de produção da linguagem, a fluência torna-se um construto intersubjetivo, onde os recursos são compensatórios, no contexto das afasias, porque são respostas à sua carência metalinguística, mas, também, à incompletude e à indeterminação da própria linguagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossa trajetória, podemos tecer considerações a respeito dos achados teóricos e analíticos da dissertação, a fim de concluir o trabalho ao qual nos propusemos: contribuir para o entendimento das semelhanças e diferenças entre afásicos e não afásicos no tocante à atividade referencial, por meio da análise da dêixis discursiva nas práticas discursivas dos integrantes do CCA (afásicos e não afásicos).

A revisão e a discussão bibliográfica que realizamos nos permitiram, primeiramente, aprofundar a reflexão teórica e compreender criticamente a abordagem das atividades referenciais dos falantes afásicos feita pelos estudos afasiológicos linguísticos de orientação cognitivista. Ao tratar a questão da referência linguística essencialmente enquanto propriedade individual/mental dos falantes de localizar e etiquetar os referentes, estes estudos apontam para o caráter essencialmente compensatório dos dêiticos no contexto das afasias. Além disso, pudemos verificar que se concebe nesses estudos a perturbação das relações anafóricas em termos da perturbação da operação mental de coindexar o anafórico ao seu referente, levando em conta apenas as variáveis como os conhecimentos gramaticais dos falantes e a sua memória de trabalho.

Também pudemos abordar de forma analítica os estudos afasiológicos de cunho interacional/conversacional, produzidos à luz dos pressupostos teórico-analíticos da Análise da Conversação e da Linguística Textual, que se lançam no empreendimento de observar a produção discursiva dos sujeitos afásicos em situações concretas de uso (Goodwin, 2003; Wilkinson *et al.*, 2003; Tagliaferre, 2008; Hebling, 2009; Wilkinson, 2009; Carregher *et al.*, 2012; Vezali, 2011). Recente nos estudos afasiológicos, essa proposta teórico-metodológica mostra-se bastante produtiva, uma vez que, como nos apontam Carregher *et al.* (2012), possibilita a observação de aspectos característicos da linguagem desses sujeitos que, a princípio, não podem ser reproduzidos em testes, tais como aqueles utilizados em grande parte pelos estudos cognitivistas.

Na tentativa de contribuir para o entendimento de semelhanças e distinções entre afásicos e não afásicos no uso da DD, elegemos o dispositivo teórico-analítico fornecido pela Linguística Textual (LT) de orientação sociocognitiva. Partindo da tese sociocognitiva do partilhamento das ações de linguagem pelos falantes, a LT promove uma ampliação da

questão da referência linguística, uma vez que se volta para a sua construção intersubjetiva pelos sujeitos, processo denominado *referenciação* (Mondada & Dubois, 2003 [1995], Marcuschi, 2001; Koch, 2002). Nesse cenário, observamos que a dêixis discursiva (DD) é entendida por autores que sobre ela se debruçam, tais como Marcuschi (1997), Cavalcante (2000a, 2000b, 2003, 2011) e Ciulla (2008), como um processo referencial que permite a reativação de informações suporte, por meio do encapsulamento anafórico com dêitico. Pelo apontamento promovido por esse dêitico, considera-se que a DD, ao mesmo tempo em que apresenta função anafórica (ou catafórica), é responsável pelo estabelecimento do procedimento dêitico, que conduz à busca pelas informações encapsuladas.

Após a discussão bibliográfica por nós empreendida, em consonância com a abordagem textual-interativa, detivemo-nos à análise de dados linguístico-interacionais, oriundos de situações de fala em interação entre sujeitos afásicos e não afásicos frequentadores do CCA.

Tal análise nos permitiu a observação da atuação da DD, produzida por afásicos e por não afásicos, na construção da referência linguística e do sentido textual-interacional, promovendo i) a remissão a elementos contextuais de modo concernente à sua intenção comunicativa, considerando as escolhas interpretativas à disposição de seus interlocutores e ii) a focalização da atenção deles sobre as informações reativadas pela DD, garantindo-lhes relevância e contribuindo para a formação da categoria contextual (cf. Hanks, 2008). Essa convergência de anaforicidade e deiticidade que caracteriza a DD, que focaliza elementos relevantes da cena referencial em construção pelo discurso em andamento, salienta a sua função referencial no plano textual-discursivo, bem como ilustra o caráter *intersubjetivo e perspectivo* da linguagem (Tomasello, 2003).

É notável que, no contexto de fala em interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, sobretudo na fala dos primeiros, o processo da DD de criar uma perspectiva comum não se dá apenas por elementos dêiticos verbais, mas também por elementos não verbais de natureza indicial. Na fala dos afásicos, além da maior produtividade de dêiticos em função substantiva em relação à fala dos não afásicos, que também produzem dêiticos em função adjetiva justapostos a nomes conceituais, observa-se mais densamente, ainda que não exclusivamente, a atuação de outros elementos como gestos, prosódia e direcionamento do olhar. De todo modo, conforme pontuamos, aí está posta a

complexidade da referenciação pela dêitica discursiva, cuja determinação referencial por meio do direcionamento da atenção é promovida por recursos linguístico-interativos apresentados, em maior ou menor grau, tanto na fala de afásicos, quanto na de não afásicos.

Pela sua propriedade de orientar a atenção intersubjetiva para informações contextuais, a DD contribui, significativamente, para outros aspectos textuais-interativos, como a própria construção argumentativa do texto conversacional. Isso porque a deiticidade do seu apontar, por recursos verbais ou não verbais, constrói um escopo referencial em termos dos aspectos sinalizados da cena referencial em construção no momento de sua inserção, que são considerados relevantes para as intenções comunicativas em jogo.

Outro aspecto que cumpre salientar é a relação da multimodalidade presente das conversações analisadas à potencialidade de o campo dêitico, fundado nas práticas discursivas, se relacionar, a um só tempo, ao espaço extralinguístico, bem como aos conhecimentos partilhados pelos falantes – seja aqueles mais estruturados de interações anteriores, seja aqueles localmente introduzidos/construídos na interação em curso. Desse modo, as ocorrências analisadas acabam por, em alguma medida, ampliar o processo de remissão extralinguística nos casos de DD tal como apresentado por Cavalcante (2000b) e Ciulla (2008), bem como evidencia a possibilidade de sua remissão aos conhecimentos partilhados.

Essas características próprias da DD na fala em interação no CCA nos permitem aferir a presença de uma competência linguística que envolve mais do que conhecimentos linguísticos *stricto sensu*, bem como colocar em xeque a consideração do estatuto meramente compensatório atribuído ao dêitico, associado à concepção de referência extensional e às dicotomias radicais que a orientam (intralinguístico x extralinguístico, verbal x não verbal *etc*).

Em resposta à indeterminação da linguagem e à sua própria dificuldade de produção linguística, sujeitos afásicos lançam mão de recursos próprios da língua falada de modo estratégico. O apontar dêitico, seja pela simbolização por meio de elementos verbais, seja por outros recursos não verbais, longe de ser um expediente patológico ou meramente compensatório contribui, significativamente, para a construção do sentido, especialmente se pensarmos a referência nos termos de Tomasello (2003 [1999]): um *ato social* cujo primeiro passo é o direcionamento da atenção.

Isto posto, enfatizamos a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que abordem o fenômeno dêitico na fala em interação em outros contextos, a fim de adensar a percepção do modo como se dá a imbricação de espaços de remissão. Além disso, faz-se ainda necessário adensar a abordagem da dimensão sociocognitiva da relação sobre a qual se funda o campo dêitico. Em outras palavras: adensar a compreensão de como o conhecimento socialmente organizado em categorias, esquemas ou enquadres sociocognitivos, bem como elementos mais localmente situados, advindos da copresença dos interactantes, cooperam de modo a conferir a complexidade da referenciação dêitica na fala em interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLSÉN, E. Neurolinguistics for different componentes of language. In: AHLSÉN, E. *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 55-97.

APOTHELOZ, D.; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-176.

BALIEIRO JR, A. P. Psicolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v.2. São Paulo: Cortez, 2001. p.171-201.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In; BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 2005 (1966).

BLUMSTEIN, S. E.; GOODGLASS, H.; STATLENDER, S.; BIBER, C. Comprehension strategies determining reference in aphasia: a study of reflexivization. In: *Brain and Language*, v. 18, n.1, Fev. 1983. p.115-127.

BUHLER, K. *Theory of language: the representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins, 2011 (1934).

CARRAGHER, M; CONROY, P.; SAGE, K.; WILKINSON, R. Can impairment-focused therapy change the everyday conversations of people with aphasia? A review of the literature and future directions. In: *Aphasiology*, v. 26, n. 7, 2012. p. 895-916.

CAVALCANTE, M. M. A dêixis discursiva. In: *Revista de Letras*, v. 1/2, n. 22, jan/dez 2000a. p. 47-55.

_____. *Expressões indiciais em contextos de uso*: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000b.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 44, jan/jun 2003. p. 105-118.

_____. O que dizemos hoje sobre o Referente. In: CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: UFC, 2011, p. 51-116.

CHAPMAN, S. B.; ULATOWSKA, H. K. Discourse in aphasia: Integration deficits in processing reference. In: *Brain and Language*, v. 36, 1989. p. 651-668.

CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções no discurso - o universo literário dos contos*. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

CORNISH, F. Anaphora and Discourse. In: CORNISH, F. *Anaphora, Discourse and Understanding. Evidence from English and French*. Oxford: Clarendon Press, 1999. p. 18-68.

COSTA, M. L. G.; VITOR, M. V. S.; PEREIRA, V. P. N.; MARINHO, J. S. Dêixis referencial no discurso de um Grupo de Convivência de Afásicos. In: *Revista Letras de Hoje*, v. 48, n. 1, jan./mar. 2013. p. 68-73.

EDWARDS, S.; VARLOKOSTA, S. Pronominal and anaphoric reference in agrammatism. In: *Journal of Neurolinguistics*, v. 20, 2007. p. 423-444.

EHLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York: John Wiley and Sons, 1982.

FRAGOSO, L. C. P. L.. O Dêítico “Aí” no Discurso Oral e a Proposta Cognitivista In: *Revista Eletrônica de Humanidades*, v. I, n. IV, 2003.

GANDOLFO, M. C. *A classificação das afasias em questão: lugares de institucionalização e questionamento*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOODGLASS, H. Disorders of Word Retrieval. In: GOODGLASS, H. *Understanding Aphasia*. San Diego: Academic Press, 1993.

GOODWIN, C. Conversational frameworks for the accomplishment of meaning in afasia In: *Conversation and brain damage*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 90-116.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Reference. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976(1984). p.31-87.

HANKS, W. Explorations in the Deictic Field. In: *Current Anthropology*, v. 46, n. 2, abr. 2005. p. 191-212.

_____. *Language and communicative practices*. Boulder: Westview, 1996.

_____. Incursões no campo dêítico. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

HEBLING, C. B. Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos. Dissertação de Mestrado - IEL / UNICAMP. Campinas/SP: 2009.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: Jakobson, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

JAKOBSON, R. Los conmutadores, las categorías verbales y el verbo ruso. In: JAKOBSON, R. *Ensayos de lingüística general*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1974, p. 307- 331.

KOCH, I. V. G.. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. V. G.; PENNA, M. A. O. Construção/reconstrução de objetos de discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, 48 (1), 2006. 23-32.

KOCH I. V. G., CUNHA LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, São Paulo: Cortez, 2009.

LESSER, R.; MILROY, L. Pragmatics: theoretical issues. In: Lesser, R.; Milroy, L. In: *Linguistics and Aphasia: psycholinguistics and pragmatic aspects of intervention*. London and New York: Longman, 1993. p. 106-129.

LEVINSON, S. C. Deixis. In: HORN, L. R.; WARD. G. *The Handbook of Pragmatics*, 2008.

_____. A dêixis. In: LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983]. p. 65-119.

LYONS, J. *Introdução à Linguística teórica*. São Paulo: Editora da USP, 1979.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, Jul./Dez 2001.p. 37-54.

MARCUSCHI, L. A.. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal, EDUFRN, 1997.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.61-81.

_____. Noção de texto e linguística de texto. In: MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p.71-80.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I.G.V. Referenciação. In: JUBRAN, Clelia C.A.S.; KOCH, I.G.V. *Gramática do português culto falado no Brasil. V.1: construção do texto falado*. Campinas: UNICAMP, 2006. p. 381-399.

MARMARIDOU, S. S. A. On deixis. In: MARMARIDOU, S. S. A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

MIRA, C. C. C. R. *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos 2007*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. In: *Veredas*, v. 5, nº 1, 2009. p. 57-81.

MONDADA, L. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In: SIGNORINI, I. (org.) *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 67-90.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E.M. As querelas da semiologia das afasias. In: MORATO, E. M. *A semiologia das afasias – perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-47.

_____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 41, Jul./Dez. 2001. p. 55-74.

_____. Da noção de competência no campo da Linguística. In: SIGNORINI, I. (org.) *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 39-66.

_____. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A .B. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Utopias e distopias no campo linguístico: notas acerca das concepções e teorizações sobre a afasia. 2009.

_____. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. In: *Revista Educação e Sociedade* 71, 2000. p. 149-165.

MORATO, E. M. *et. al. Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos* elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Unicamp, 2002.

PENG, V. The usage of reference items in aphasic and normal conversations. In: *Journal of Neurolinguistics*, v. 7, n. 4, Out. 1992. p: 295–307.

RIGALLEAU, F., CAPLAN, D. A deficit of automatic pronominal coindexation in aphasic patients. In: *Journal of Neurolinguistics*, v. 17, n. 2, Jan. 2004. p. 181-213.

RUSSELL, B. Egocentric particulars. In : *Human Knowledge : its scope and limits* [1948] 2009. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=SoqEipeoO_cC&printsec=frontcover&source=gbs_g_e_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

SCAMPARINI, J. *A Interpretação sociocognitiva dos dêiticos no discurso*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SCARPA, E. M. 1995 Sobre o sujeito fluente. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 29, Jul/Dez.1995. p. 163-184.

SILVA, F. E. V. Relações espaciais na aquisição da linguagem: a questão da dêixis espacial. In: *Revista Ao pé da letra*, v. 4.1., 2002. s/p.

TAGLIAFERRE, R. C. S. Formas e funções da repetição no contexto das afasias. Dissertação de Mestrado em Linguística. IEL/Unicamp. Campinas: 2008.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VARLEY, D. Deictic terms, lexical retrieval and utterance length in aphasia: An investigation of inter-relations. In: *European Journal of Disorders of Communication*, v. 28, 1993. p. 23-41.

VEZALI, P. *A dêixis na interação entre afásicos e não-afásicos: conjugação indicial fala/gesto* 2011. Tese de (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2008 (1934).

WILKINSON, R. Projecting a reference in aphasic talk and normal talk. In: *Discourse Processes*, v. 46, n. 2, 2009. p. 206-225..

WILKINSON, R., BEEKE, S.; MAXIM, J. Adapting to conversation: on the use of linguistic resources by speakers with fluent aphasia in the construction of turns at talk. In: GOODWIN, C. (Org.), *Conversation and Brain Damage*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 59-89.

ANEXOS

1. Breve descrição dos participantes do CCA²⁹

Participantes afásicos

SP

SP é um senhor de origem italiana, nascido em 10/03/1933 que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita. Segundo SP, o terceiro de oito irmãos, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver. De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês e, ainda que seja o francês a sua “língua do pensamento”, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e parafasias verbais e fonológicas etc. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Quando o turno lhe é dirigido, implícita ou explicitamente, raramente deixa de tomar a palavra,

²⁹ Extraído do banco de dados do *Aphasiacervus*.

sempre tecendo comentários explicativos sobre conflitos e acontecimentos ocorridos na Europa quando isto se torna tema de debate do grupo.

Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit lingüístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem como para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo frequentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

SI

SI tem é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos, após o AVC, ajudou os filhos a cuidar de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo SI, sua língua materna foi o japonês, mas, a partir dos seis anos, quando passou a frequentar a escola no sítio em que vivia com a família, o português passou a ser a língua do seu cotidiano. SI relata que os pais falavam japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam português. Com o marido, japonês, sempre falou português.

Em 1988, SI sofreu um AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia bucofacial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura asemântica).

Antes do AVC, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu esta capacidade. SI frequenta o CCA desde 1990. O exame neurológico inicial, realizado no Hospital de Clínicas da Unicamp, revelou um discreto déficit à direita, da motricidade voluntária de predomínio braquial, além de discreta identificação na motricidade fina à direita.

Em relação ao tônus muscular, nenhuma alteração foi identificada. Apresentava alteração de marcha com discreta paresia à direita. Os exames de sensibilidade superficial (táctil, dolorosa, térmica) e profunda (postural, vibratória, à pressão, dolorosa à compreensão profunda), estereognosia e discriminação táctil não revelaram alterações significativas naquela ocasião. SI teve o diagnóstico de síndrome piramidal à direita, além de uma afasia

secundária ao AVC. A tomografia computadorizada de crânio, realizada em 20/08/1992, mostrou hipodensidade comprometendo o lobo frontal, insula esquerda e tálamo esquerdo. Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente assalta o turno de seus interlocutores ao participar das discussões, para introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre na maioria das vezes quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. Preferencialmente, toma a iniciativa de introduzir tópicos conversacionais, compartilhar informações e expor pontos de vista durante o momento do café, contexto interacional não dirigido a práticas e ações mais definidos.

SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado, por outros afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade muito próxima.

MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em 04/04/1948, destra, solteira. Antes de ser acometida pelo AVC, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando sequelas de Acidentes Vasculares Cerebrais isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVC isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporoparietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial.

Em sua linguagem, observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). MG comumente chama a atenção, de maneira humorada, para suas dificuldades de produção, em especial às fonético-fonológicas. Embora proceda a operações epilinguísticas, por vezes MG demonstrou dificuldades de proceder a processos inferenciais. Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das

reuniões, como também são frequentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que muitas vezes servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical. Também observamos diversas vezes, atividades de "escrita no ar" como estratégia conversacional e evocação lexical.

Como mantém um imóvel de veraneio em Bertioga, MG viaja com frequência para o litoral durante os feriados prolongados. MG demonstra ter uma boa relação com os familiares, especialmente os sobrinhos.

MS

MS é um senhor brasileiro, destro, nascido em 17/01/1946, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Depois do episódio neurológico, MS não deixou de frequentar cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o exterior. Após o AVC, MS apresenta, como sequela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita).

Atualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro.

MS é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS é autor de alguns “bordões” já reconhecidos pelos integrantes do grupo, a exemplo da produção “ma-ra-vilha” para expressar ênfase em determinadas situações, e a produção “puta que-”, sempre interrompida e seguida da correção “pu:xa”, usadas para manifestar ênfase depreciativa em tom humorado. MS integra o CCA desde 2004.

MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira do Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico apresentado nesse hospital, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias. MN reside junto com o seu único filho. Ela demonstra ter um grande descontentamento em relação a sua condição de afásica, sendo frequentes seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar este descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Frequenta o CCA desde 2002.

RL

RL é um senhor brasileiro, casado, destro, nascido em 24/02/1957, pai de três filhos. É natural do Espírito Santo, mas reside em Campinas há algum tempo, é um engenheiroelétrico aposentado. Em 1994, sofreu um acidente vascular encefálico que o deixou com alterações de ordem motora e de linguagem.

Em relação à fala, a sua maior dificuldade reside na evocação de palavras, apresentando anomias que tornam o seu discurso laborioso. Além disso, comete parafasias, em geral, fonológicas e semânticas. RL é um participante ativo dentro do grupo, sempre expondo questões relacionadas a sua vida antes do evento neurológico e também sua opinião sobre os temas discutidos nas reuniões. Deste período que foi escolhido para a seleção dos dados, RL foi o último participante afásico a integrar o grupo. Participa das reuniões do CCA desde 2009.

VM

VM é uma senhora brasileira, destra, nascida em 11/08/1959, viúva, mãe de três filhos. É natural de Piracicaba, interior de São Paulo, onde mantém residência até hoje. Coursou até o

3º ano de faculdade de Terapia Ocupacional, porém até pouco tempo antes de ser acometida pelo AVE, trabalhava como artista plástica, realizando trabalhos em cerâmica. Em maio de 2008, VM sofreu o AVE. De acordo com o exame de ressonância magnética realizado em maio de 2001, nos lobos parietal e temporal esquerdo, região insular, há áreas de gliose com atrofia do córtex adjacente. No lobo parietal esquerdo, giro supra-marginal, observam-se formações tubulares e filiformes, com hipossinal e áreas de gliose de permeio adjacente, causando efeito de retração de córtex e região subcortical.

O AVE de VM resultou em uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita que dificulta o ato motor, apraxia oro-facial e dispraxia construcional. Em sua linguagem, observam-se dificuldades de encontrar palavras (WFD) e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas, em especial). No entanto, com apoio visual, VM consegue evocar mais facilmente as palavras, ainda que mesmo assim cometa algumas parafasias.

A participação nas reuniões do CCA por parte de VM iniciou-se no ano de 2007. Devido às dificuldades de ordem expressiva, VM mantém-se mais reservada durante as discussões, porém, quando é solicitada, realiza intervenções pertinentes e colaborativas. Faz uso de estratégias de escrita na mesa frente às dificuldades de encontrar palavras e se beneficia bastante desse recurso.

EC

EC é uma jovem brasileira, destra, casada, nascida em 14/07/1976, mãe de um filho nascido após episódio neurológico. Reside em Sumaré e, em relação à escolaridade, tem curso técnico incompleto em Farmácia. Em 1997, aos 21 anos de idade, EC teve um aneurisma cerebral com rompimento em área fronto-parietal à esquerda, e, em consequência disso, precisou colocar um clipe metálico supra-siliar à esquerda. Em relação às informações de linguagem, apresenta como hipótese diagnóstica uma afasia motora com oscilações na fala, hesitações, prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações (fala com frequência alta o segmento “le”²¹ que, muitas vezes, funciona como *prompting* para evocação de palavras diversas, ou preenche espaços no discurso quando não consegue resgatar a palavra desejada), realiza ainda muitas parafasias verbais e fonológicas.

É uma das participantes que ingressou há menos tempo no grupo, frequentando o CCA desde 2009. No entanto, está sempre engajada nas discussões, emitindo opiniões e realizando intervenções de natureza colaborativa.

LM

LM é um senhor brasileiro, destro, nascido em 10/09/1957, divorciado e pai de três filhos. Reside em Campinas, mas é natural de Borda da Mata, Minas Gerais, Metalúrgico aposentado, cursou até a 4ª série do primeiro grau. Em 1986, aos 28 anos de idade, sofreu um Acidente Vascular Encefálico hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, insultando a região da cápsula interna e lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica, diagnosticou-se uma hemiparesia espástica acentuada à direita e uma afasia de predomínio expressivo (eferente), com hesitações, parafasias fonológicas, perseverações e alterações de prosódia.

Nas reuniões do grupo, LM participa de forma tímida das discussões. É, normalmente, convocado pelos outros integrantes para que emita suas opiniões e impressões sobre algum tema. Devido às suas dificuldades de linguagem, necessita, em algumas ocasiões, de auxílio do interlocutor para completar a frase. Frequenta as reuniões do CCA desde 1988, porém esteve ausente por 4 anos, devido a problemas familiares. Retornou ao grupo em 2007.

Participantes não afásicos

Pesquisadora EM

Edwiges Morato é professora do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp, coordena as atividades do Programa de Linguagem e se responsabiliza de maneira institucional pelo CCA. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa introduzindo ou motivando os tópicos, e procurando distribuir os turnos ao requerer dos afásicos a participação nas discussões do tópico e na gestão das atividades desenvolvidas pelo grupo (como o normal, o cine-clubes, as discussões, *etc.*). A professora foi um dos membros fundadores do CCA em 1989, e coordena o grupo aqui analisado desde 2002.

Pesquisadora HM

Heloísa Macedo é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora pela Unicamp na área de Neurolinguística. Durante o seu doutorado, Heloísa passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, em 2004, Heloísa participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2005, passou a integrar o grupo, participando das atividades do Programa de Linguagem. A pesquisadora também auxilia na organização dos encontros, na preparação da pauta e dos tópicos e na distribuição dos turnos para garantir a participação dos afásicos nas atividades do Programa de Linguagem. Na ausência da professora Edwiges, Heloísa assume o papel de coordenadora das atividades.

Pesquisadora EG

Elisandra Villela Gasparetto Sé é fonoaudióloga, mestre em Gerontologia pela Faculdade de Educação da UNICAMP e, no período referente aos dados por nós coletados, doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. É responsável pelo registro das atividades do grupo, para isso permanecendo a maior parte dos encontros em uma mesa à parte da mesa principal onde se sentam os sujeitos afásicos e não afásicos integrantes do CCA.

Pesquisadora AM

Em 2010, Amanda Moreira era graduanda em Artes Cênicas pela UNICAMP e fazia pesquisa de iniciação científica sobre o trabalho de teatro no contexto do CCA, sob coordenação da Prof^a Edwiges Morato. Amanda era a professora responsável pelo trabalho de teatro do grupo, do qual participam apenas os sujeitos afásicos.

Pesquisadora NE

Nathália Epifânio é, atualmente, mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística pela UNICAMP. No ano de 2010, no qual extraímos os dados desta pesquisa, Nathália era graduanda em Linguística pela UNICAMP e desenvolvia uma pesquisa de iniciação

científica sob a orientação da Prof^a Edwiges Morato. Nesse período, acompanhava as atividades do CCA, cujo registro audiovisual era de sua responsabilidade.

Pesquisadora NF

Natália Ferrari é, atualmente, mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística pela UNICAMP. No ano de 2010, do qual extraímos os dados desta pesquisa, Natália desenvolvia uma pesquisa de iniciação científica sob a orientação da Prof^a Edwiges Morato. Nesse período, acompanhava as atividades do CCA, participando das interações na mesa com os outros sujeitos do grupo desde 2010.

2. Sistema de notação adotado por Morato *et al.* (2011)

OCORRÊNCIAS	NOTAÇÃO	EXEMPLOS
1. Fenômenos Sequenciais		
Overlap/encavalamento/superposição de turnos	[início do overlap] fim do overlap	Exemplo 1: MA é EM [hum JM [na:o num ve- n veio\ Exemplo 2: MA [é u que/] AN [é intru]so...
2. Pausas		
Qualquer pausa	...	AN é intruso... já saiu
Pausas prolongadas medidas em segundos	(4s)	MG a: nã:o (4s) a a a era-
3. Fenômenos segmentais		
Alongamento Silábico	:	MG a: p- professora num veio\ Truncamento de palavras
	-	MG a: p- professora num veio\ 4. Prosódia
Entonação crescente/ascendente	/	EM ela falou pra mim/ ... ela tem um paciente fazendo uma cirurgia\ Entonação decrescente
	\	EM ela falou pra

		mim/ ... ela tem um paciente fazendo uma cirurgia\
Ênfase particular	Segmento sublinhado	AD no::ssa/ issu ai oh/ que: que é isso hein/
Volume forte de voz	Segmento em MAIÚSCULA	EM a dona ROSAÚra/ MG é::
Volume baixo, murmúrio de voz	° °	Ma °num° conhece o limo°xxx xxx°
5. Descrição de ações e eventos não verbais		
Em <i>itálico</i> e entre parênteses duplos encontram-se as descrições de fenômenos e atividades não transcritos, como risos, leitura, mudança de lugar, saída da sala, conversas de fundo não transcritas, etc.	((<i>descrição</i>))	MH pra carregar trouxa\ MA ((risos)) aí tá certo
6. Incertezas do transcritor e imprecisões		
Entre parênteses, transcrição de hipótese de segmento ouvido pelo transcritor. A marcação indica incerteza do transcritor quanto à oitiva do segmento produzido.	(hipótese do que se ouviu) (hipótese 1/hipótese 2)	MA depois chegou uma mãe com uma (criança)/ MH a gente fazia (trouxa/colcha)
Segmentos inaudíveis	Indicar com x, correspondente sempre que possível, ao número de sílabas produzido	AD mas ela num xxx/ MA não xx ali hum/
7. Descrição de ações concomitantes à fala (gestos de apontar, direcionamento do olhar, postura, expressão corporal, mímica facial, etc.)		
	*delimitação da ação descrita na linha seguinte relacionada à fala	MG +é+ mg+balança afirmativamente a cabeça+
	---- continuação da ação	MA +a: p- professora n:um vê::io\+ ma+volta-se para JM ----- ----+
	----> (linha x) indica que a ação descrita	DA tá\ (8s) seu Valmir/ +eu

	continua até determinada linha	<p>quero que o senhor desenhe para mim aqui um relógio/ + da+entregando uma folha de papel</p> <p>-----</p> <p>---- >+</p> <p>DA ... marcando oito e vinte\ da*faz anotações no prontuário</p> <p>vm* -----desenha-</p> <p>-----</p> <p>>(linha 33)</p>
8. Marcações gráficas		
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	--	<p>JM Maria Éster... _dá pra... tá longe aí né/ _ Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora</p>
Citações literais ou leituras de texto	“ “	<p>EGAqui... “vimos por meio desta... desta agradecer o envio dos livros...”</p>
Continuação do turno de fala pelo mesmo locutor após uma quebra de linha da transcrição para introduzir um overlap de outro interlocutor	&	<p>MA sai da[i:: não] & IS [eu não\ to vendo/] MA &mexe aí</p>
9. Ideofones e Interjeições (extraído do NURC/SP N° 338 EF e 331 D2)		
Para manifestar concordância	Hum, hmm, hm-hm, hum-hum	<p>EM num é/ NS °hum-hum°</p>
Fáticos	Ah/eh/éh/ahn/ehn/uhn/tá	<p>JM °eu vi° EM AHN</p>

Fontes: Jefferson, 1984; Marcuschi, 1985; Mondada, 2004